

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**TÔNIA KIO FUZIHARA PICCOLI**

**MARIA BUENO: APROPRIAÇÕES DE UMA CRENÇA HÍBRIDA**  
**(PARANÁ, SÉCULOS XIX-XXI)**

**MARINGÁ**

**2017**

**TÔNIA KIO FUZIHARA PICCOLI**

**MARIA BUENO:  
APROPRIAÇÕES DE UMA CRENÇA HÍBRIDA (PARANÁ, SÉCULOS  
XIX-XXI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Mestrado em História, Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Vanda Fortuna Serafim.

**MARINGÁ**

**2017**

**TÔNIA KIO FUZIHARA PICCOLI**

**MARIA BUENO: APROPRIAÇÕES DE UMA CRENÇA HÍBRIDA  
(PARANÁ, SÉCULOS XIX-XXI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Mestrado em História, Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vanda Fortuna Serafim.

Aprovado \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanda Fortuna Serafim  
Orientadora e Presidente

---

1º Examinador Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edilece Souza Couto

---

2º Examinador Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solange Ramos de Andrade

Maringá  
Março de 2017.

Para *Sayuri e Emilia*

Para *Yasue e Adriane*

E

Em memória de meu pai, *Antônio*

(1941-1989)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, minha orientadora Vanda Fortuna Serafim que durante os cinco anos de minha trajetória científica, sempre esteve presente. Foi ela que nos momentos mais difíceis me incentivou, e em todas as vezes que pensei desistir teve paciência para continuar caminhando ao meu lado. Vanda, você mostrou a mim o verdadeiro significado da palavra mestre!

As professoras Solange Ramos de Andrade e Edilece Souza Couto, que fizeram parte do meu Exame de Qualificação e da minha carreira acadêmica como um todo. Obrigada pela atenção e por dividirem suas sabedorias comigo, fazendo importantes indagações que me permitiram enxergar melhor meu objeto.

Para duas pessoas muito especiais: a minha filha Sayuri, por todos esses anos de paciência, você me ensinou o que é o amor incondicional e, a minha mãe Emilia, exemplo de mulher guerreira, sem o seu suporte eu não teria nem começado, logo esta é uma vitória conjunta. Amo vocês!

A minha madrinha Yasue pelo carinho, incentivo e preocupação e a minha amiga irmã Adriane Casteleira, pela compreensão e pelas conversas sem fim, que me trouxeram luz nos momentos mais difíceis.

Aqueles que não estão mais neste mundo, mas eternamente vivos no meu coração: meu pai Antônio, minhas avós Kio e Natália e meus avôs Takeshi e Eugênio.

Meus tios Sérgio e Élio, meu padrinho Augusto pelos bons conselhos, meus irmãos Paulo Cezar e Marco Antônio que mesmo distantes estão comigo em pensamento.

A minha família, pelo imenso orgulho de vocês.

A todos os amigos que sempre acreditaram em mim.

A Universidade Estadual de Maringá por oferecer um estudo de qualidade e gratuito

A todos os professores da Graduação e do Mestrado em História que tornaram essa realização possível.

A CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa que permitiu minha dedicação aos estudos durante o Mestrado.

A todos os meus amigos de profissão, que compartilharam comigo este que considero um espaço privilegiado, o nosso Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades.

Meus sinceros agradecimentos a todos!

“Você sabe que a Maria Bueno não era assim como a gente está vendo, né?”

Devoto de Maria Bueno

(Cemitério São Francisco de Paula, Finados de 2013)

## RESUMO

Esta pesquisa trata das apropriações realizadas pela literatura, pela historiografia, pela imprensa e pelos devotos acerca de Maria Bueno, assassinada em 1893 na cidade de Curitiba, estado do Paraná. O recorte espaço-temporal refere-se à cidade, a partir da última década do século XIX. A metodologia adotada está ancorada na análise do seguinte material documental: as obras *Cronicas Locaes* (1941 [1939]), de Euclides da Mota Bandeira e Silva Junior; *Maria Bueno* (1948), de Sebastião Izidoro Pereira e; *Retrato de Maria Bueno* (1996), de Octaviano Secundino Junior; os estudos acadêmicos produzidos sobre Maria Bueno; as matérias do Jornal *Gazeta do Povo*, publicadas no Dia de Finados (1919-2015) e; as pesquisas de campo realizadas junto aos visitantes do túmulo de Maria Bueno (2013-2015). Os aportes teóricos permitiram analisar as múltiplas abordagens acerca de Maria Bueno a partir das categorias de crença (CERTEAU, 1982), de hibridismo cultural (BURKE, 2003) e, de apropriação (CHARTIER, 2002). Após análise, foi possível identificar as diferentes formas de apropriações da sua história, bem como a multiplicidade de leituras, por tratar-se de uma crença híbrida em seus elementos constitutivos e representativos.

Palavras-chave: Crenças. Maria Bueno. Hibridismo Cultural. Apropriações.

## ABSTRACT

This research deals with the appropriations carried out by the literature, historiography, the written press and devotees about Maria Bueno, murdered in 1893 in the city of Curitiba - PR. The space-time refers to the city from the last decade of the Nineteenth Century. The methodology adopted is anchored in the analysis of the following documentary material: the books *Cronicas Locaes* (1939), by Euclides da Mota Bandeira e Silva Junior; *Maria Bueno* (1948), by Sebastião Izidoro Pereira and *Retrato de Maria Bueno* (1996), by Octaviano Secundino Junior; the academic studies produced on Maria Bueno; the *Gazeta do Povo* newspaper articles, published on the Day of the Dead (1919-2015) and the field surveys carried out with visitors to the tomb of Maria Bueno (2013-2015). The theoretical contributions allowed to analyze the multiple approaches about Maria Bueno from the categories of belief (CERTEAU, 1982), Cultural hybridism (BURKE, 2003) and appropriation (CHARTIER, 2002). After analysis, it was possible to identify the different forms of appropriations of its history, as well as the multiplicity of readings, for being a hybrid belief in its constitutive and representative elements.

Keywords: Beliefs. Maria Bueno. Cultural Hybridism. Appropriations.



## LISTA DE FOTOS

FOTO 01- Entrada principal do Cemitério São Francisco de Paula.....	83
FOTO 02 - Devotos se dirigindo ao túmulo de Maria Bueno.....	84
FOTO 03 - Placas votivas no muro em frente ao túmulo de Maria Bueno.....	85
FOTO 04 - Imagem da capela de Maria Bueno.....	85
FOTO 05 - Porta da capela de Maria Bueno.....	88
FOTO 06 - As placas votivas mais antigas que ficam no túmulo.....	88
FOTO 07 - Interior da capela de Maria Bueno.....	89
FOTO 08 - Fitinhas de Maria Bueno .....	89
FOTO 09 - Velário de Maria Bueno.....	90
FOTO 10 - Copos de água deixados no velário de Maria Bueno.....	90
FOTO 11 - Fila para entrar na capela de Maria Bueno.....	91
FOTO 12 - Jornalistas na Capela de Maria Bueno.....	92

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01- Mapa com a marcação do local da residência de Maria Bueno e onde o seu corpo foi encontrado.....	15
IMAGEM 02- Capa do livro <i>Retrato de Maria Bueno</i> (1996).....	25
IMAGEM 03- Mapa do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.....	82

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 AS APROPRIAÇÕES LITERÁRIAS E O MITO MARIA BUENO</b> .....	22
2.1 A cosmogonia.....	28
2.2 O primeiro milagre.....	34
2.3 A santa.....	37
2.4 A influência local.....	41
<b>3 O ESTADO DA ARTE E AS APROPRIAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS</b> .....	46
3.1 Vera Irene Jurkevics (2004) .....	47
3.2 Andréia de Alvarenga Lima (2007) .....	49
3.3 Conceição Aparecida dos Santos (2010) .....	51
3.4 Julia Impéria Koster (2011) .....	54
<b>4 APROPRIAÇÕES JORNALÍSTICAS: MARIA BUENO E O DIA DE FINADOS NO PERIÓDICO GAZETA DO POVO (1919-2015)</b> .....	59
4.1 Sobre o jornal <i>Gazeta do Povo</i> .....	60
4.2 O Dia de Finados.....	62
4.3 Análise das fontes jornalísticas.....	67
<b>5 APROPRIAÇÕES DEVOCIONAIS DE MARIA BUENO NO CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE PAULA</b> .....	81
5.1 O perfil socioeconômico do devoto.....	94
5.2 A visita ao cemitério e ao túmulo de Maria Bueno.....	97
5.3 A dinâmica da dádiva.....	100
5.4 As representações de Maria Bueno.....	103
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
<b>ANEXO A</b> Questionário elaborado para a pesquisa de campo .....	117

## 1 INTRODUÇÃO

Não tenho nenhuma autoridade para falar a vocês sobre religião e experiência, já que não sou pregador, nem teólogo, nem filósofo da religião — nem mesmo uma pessoa particularmente piedosa. Felizmente, religião pode não ter a ver com autoridade e força, mas com experimentação, hesitação e fraqueza. (LATOURE, 2004, p. 349).

Nossas primeiras incursões nesta pesquisa podem ser retratadas da seguinte maneira: comprar as passagens, reservar o *hostel*, deixar a filha com a avó; entrar no ônibus em Mandaguari e descer em Curitiba; pegar um táxi até o Cemitério São Francisco de Paula, que impressiona com a sua beleza artística. Nos últimos anos, faça chuva ou faça sol, desde que começamos a estudar Maria Bueno esta tem sido nossa rotina, especialmente no Dia de Finados (02 de novembro). Munidas de canetas, questionários impressos, água, câmera e protetor solar encontramos o cemitério repleto de pessoas que vão homenagear seus mortos, desde a hora que abrem os portões até o seu fechamento. Nessas viagens tínhamos a tarefa de observar, questionar, investigar, aprender. Quando não estávamos a realizar o trabalho de campo, a pesquisa nos levava para os arquivos dos periódicos da Biblioteca Pública do Paraná.

A epígrafe que inicia este texto tem a finalidade de objetivar as nossas subjetividades na apresentação dos resultados de cinco anos de pesquisa que resultaram nesta dissertação. Estudar Maria Bueno não é um exercício fácil, pois implica em dois processos: o primeiro reside na compreensão da história de construção da devoção à ‘santinha de Curitiba’; o segundo consiste em mapear a historicidade presente em tão ilustre figura, para não assumir uma postura cristã católica, consciente ou não, ao tomá-la somente sob o viés da santidade.

O ano de 2011 marcou o início de nossa participação no Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades, da Universidade Estadual de Maringá, a partir do convite feito pela nossa orientadora, Dra. Vanda Fortuna Serafim e, o entusiasmo pela temática das religiões e religiosidades foi instantâneo. A apresentação à história de Maria Bueno ocorreu por meio de uma pesquisa docente realizada pela Dra. Solange Ramos de Andrade<sup>1</sup>. Encantamo-nos com as narrativas sobre Maria Bueno, especialmente as mais recentes, que tratavam do seu caráter mais ousado: a figura da prostituta, o ícone feminista, a associação com a Pomba Gira, bem como as discussões sobre sexualidade.

Essas subjetividades, por vezes, causaram situações incômodas, dado que o objeto é construído, também, a partir do sujeito que realiza a pesquisa. Por diversas vezes, após

---

<sup>1</sup>A história dos santuários marianos no Paraná (1920-2011).

comentários como ‘a dita santidade de Maria Bueno’, ‘dizem que ela faz milagre’, ‘mas eu preciso reconstruir a vida dela’, ‘ah, Vanda, mas será que isso que o povo fala é verdade?’, sentíamos o olhar de censura metodológica da orientadora.

Sem formação religiosa na infância, os ritos católicos como batismo, primeira comunhão e crisma eram desconhecidos por nós. A mãe, viúva, sempre esteve muito atarefada na tarefa de garantir nosso sustento. Daí a nossa dificuldade em compreender algo que parece tão comum no Brasil, o culto aos santos. Os avós maternos, muito presentes na infância, não impuseram uma crença, mas na condição de budistas apresentaram o culto aos antepassados.

Foi nessa condição aliada aos primeiros passos na pesquisa, que nos aventuramos a estudar Maria Bueno. A cada leitura, a cada nova fonte, a cada nova descoberta, o olhar ia se modificando. Aprendemos a pensar, um pouco, como pesquisadoras das religiões e da história cultural. Entendemos que a fé, ou ausência dela, não poderia determinar nosso olhar para a crença estabelecida em torno da santa, pois ela era percebida como tal por seus devotos. Logo, não seria o papel de pesquisador questionar a veracidade da crença, mas compreendê-la enquanto um processo histórico, inserido no tempo e no espaço. Seria deslealdade para com o objeto, se não pudéssemos externar nossa trajetória, que certamente influenciou a abordagem escolhida para essa dissertação e em sua divisão.

Existe uma vasta documentação a respeito de Maria Bueno que merece estudos mais detidos<sup>2</sup>, mas abordarmos todas nos limites de uma dissertação seria tarefa impossível. A

---

<sup>2</sup>“Maria Bueno, a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes”, crônica anônima lançada no jornal *Gazeta do Povo* em 18 de janeiro de 1934; *Os fuzilamentos de 1894 no Paraná*, livro de David Carneiro, lançado em 1937; *Os Fuzis de 1894 (Paixão de Maria C. Bueno e Outras Pessoas)*, livro do autor Walmor Marcelino, lançado em 1970; “Os fuzis de 1894”, peça teatral de Walmor Marcelino, encenada em 1970 em Curitiba. Essa peça foi baseada no livro do mesmo autor *Os Fuzis de 1894 (Paixão de Maria C. Bueno e Outras Pessoas)* (1970); “Maria Bueno, santa ou somente uma mulher?”, matéria escrita pelo jornalista Aramis Millarch, com base em um discurso de Antonio Dellagrave, para o jornal *A Voz do Paraná*, veiculado no suplemento do periódico *Estado do Paraná*, em 12 de julho de 1974; “Maria Bueno”, peça teatral de Oracy Gemba, 1974/1975, que ficou em cartaz por um ano no auditório *Salvador de Ferrante*, Curitiba; “Maria Bueno segundo seu mais devoto fiel”, matéria escrita pela jornalista Mirian Karan, com base em uma entrevista concedida por Arnaldo Azevedo, publicada em 1977 na revista curitibana *Panorama*; “Maria Bueno”, novela com roteiro de Paulo de Avelar e direção de Roberto Menghini. Rodada quase toda, na cidade de Morretes e exibida na *TV-Paraná*, extinta emissora curitibana local, em 1979. A novela contou com Agnaldo Rayol e artistas locais no elenco. Teve sua trilha sonora lançada em compacto; *Santo de Casa faz milagre*, livro de Bebete Mader do Amaral Gugel, lançado em 1979; “Grato Maria Bueno” quadro pintado por Raul Cruz em 1989. Essa obra foi fotografada e compilada, junto com outras obras do autor, no livro *Raul Cruz – Sonhos* (2009), de Luiz Alberto “Foca” Cruz; “Maria Bueno” microssérie, de quatro capítulos, apresentada pela *RPC-TV*, filiada da *Rede Globo*, no quadro *Causas & Causos*. Dirigido por Jussara Locatelli e Fernanda Morini, produzido pela *Realiza Produções* e exibida em 2007. Contou com a atriz mirim Mel Maia – hoje na *Rede Globo* – no papel de Maria Bueno criança; “Maria Bueno – A Santa (tipicamente) Curitibana”, peça teatral escrita e dirigida por Cesar Almeida, apresentado no *Teatro Novelas Curitibanas*, espaço da Prefeitura Municipal de Curitiba administrado pela Fundação Cultural de Curitiba, em 2007; “Gilda convida Maria Bueno”, peça de teatro de rua, encenada pelo grupo *Cia Senhas de Teatro*, de Curitiba. Foi apresentado pela primeira vez em

primeira fonte histórica que temos conhecimento sobre Maria Bueno foi uma crônica policial datada de 30 de janeiro de 1893, um dia após sua morte, publicada no extinto periódico curitibano *O Diário do Comércio*.

Afinal, quem foi Maria Bueno? Uma jovem curitibana, “parda” e “pobre”<sup>3</sup>, que foi brutalmente assassinada, sob a forma de degola, por Ignácio José Diniz, anspeçada<sup>4</sup> do 8º Regimento de Cavalaria de Curitiba, em 1893, em um local próximo a atual Rua Vicente Machado, no centro de Curitiba. Dentre os vários relatos sobre o caso, conta-se que no local de sua morte, foi colocada uma cruz de madeira e que o local teria se tornado um espaço de preces e devoções, onde devotos afirmavam ter seus pedidos atendidos por Maria. Conta-se, ainda, o fato de uma vizinha ter acendido uma vela no local do assassinato e esta teria queimado por semanas, sem se esgotar. (SANTOS, 2010, p. 68-69).

Outro relato explica porque muitos devotos depositam rosas vermelhas no túmulo de Maria Bueno: no local do assassinato teria surgido uma roseira de rosas vermelhas. A oralidade parece ter sido um dos fatores fundamentais para que as narrativas sobre as graças concedidas por Maria Bueno se espalhassem. Em 1961 sua sepultura foi transferida para um local de destaque no Cemitério São Francisco de Paula e construída uma capela em sua homenagem, surgiu um novo espaço de devoção, que passou a receber um grande contingente de visitantes, principalmente no feriado de Finados.

De acordo com os resultados da perícia divulgados pelos jornais, Maria Bueno morava à Rua Saldanha Marinho, casa de nº 780, relativamente próxima ao local onde seu corpo foi encontrado, a saber, uma travessa da Rua Campos Gerais, área periférica de Curitiba, atual Rua Visconde do Rio Branco (IMAGEM 01)<sup>5</sup>.

---

2010 e reencenado em 2015; Desfile realizado pelo estilista Silmar Alves, que fechou a 2ª edição do *Paraná Business Collection*, em Curitiba, no dia 1º de novembro de 2010, com roupas inspiradas na representação de Maria Bueno, tendo como elemento de destaque as rosas vermelhas confeccionadas em tecido; *Maria Bueno: santa de casa faz milagre*. Livro de distribuição gratuita, patrocinado pelo Ministério da Cultura do Paraná. Lançado em 2011, pelas sociólogas Conceição Aparecida dos Santos, Geslline Giovana Braga e Vanessa Durando e coordenado pela professora doutora da Universidade Federal do Paraná Sandra Jacqueline Stoll; *1893: a Santa forjada no centro de Curitiba*, de Diego Rezende Lima, publicado em 2011; *Guia de visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula: Arte e memória no espaço urbano*, de Clarissa Grassi, lançado em 2014, que conta com a história de Maria Bueno no capítulo “Ritos de Fé” (p. 242); “Maria Bueno – Controversa Mulher”, peça de teatro musical, dirigida pelo dramaturgo João Luiz Fiani, que a época era secretário de cultura do Estado do Paraná, encenada no *Teatro Lala Schneider*, em Curitiba. Ficou em cartaz de julho a agosto de 2015; Matérias jornalísticas sobre a visitação ao túmulo de Maria Bueno, exibidas pelo canal a cabo local de Curitiba, *ÓTV*, que faz parte do grupo *RPC-TV*; “Maria Bueno”, projeto de dança de Carlos Triencheiras, maitre do *Ballet Guáira*. O projeto, apesar de já contar com figurino pronto, até o momento não foi posto em prática.

<sup>3</sup> Essas descrições foram noticiadas no Jornal *O Diário do Comércio*, no dia 30/01/1893, primeira notícia sobre a morte de Maria Bueno.

<sup>4</sup> Graduação de praça entre soldado e cabo.

<sup>5</sup> Hoje esse local se tornou uma área central, a Rua Campos Gerais foi transformada na Avenida Vicente Machado e a travessa se tornou a Rua Visconde do Rio Branco; esta rua permanece com o mesmo nome, fazendo parte, hoje, também da área central de Curitiba.



ciúmes em que o crime, como sempre é o propulsor de vingança e ódio fatais. (O DIÁRIO DO COMÉRCIO, 30 de janeiro de 1893).

Este momento é muito importante à reflexão, pois é a partir dele que Maria Bueno passa a existir enquanto santa. O momento da morte de Maria Bueno seria o evento priorizado para a organização dos demais, o fundador da crença: “é o mito que revela como uma realidade veio à existência”. (ELIADE, 1992, p.42).

Apesar de ter sido o primeiro jornal que anunciou a morte de Maria Bueno, *O Diário do Comércio* não deu mais atenção ao caso nos meses subsequentes. Encontramos três matérias a respeito da suspeita, e posterior julgamento de Ignácio José Diniz no periódico curitibano *A Republica*. A primeira notícia anuncia a morte de Maria Bueno, no dia 1º de fevereiro de 1893, com mais riquezas de detalhes sobre a morta e também apresenta a acusação do assassino Ignácio José Diniz.

#### ASSASSINATO

Na madrugada de 29 de janeiro que acaba de findar-se, deu-se nesta capital, em um capão de mato afastado da Rua de Campos Gerais, o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno. As autoridades policiais, tendo conhecimento do fato, dirigiram-se ao local e, depois de precisas investigações, fizeram transportar o cadáver para o necrotério, onde procedeu-se o exame de corpo de delito, verificando-se que o crime foi cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora uma quase decaptação. O Sr. chefe de polícia está procedendo às precisas indagações, achando-se indicado como autor do crime o anseçada do 8º Regimento de Cavalaria, Ignácio José Diniz que, estando de guarda no quartel, fugira a meia noite, apresentando-se às quatro horas da madrugada, mais ou menos. Esta praça estava amasiada com Maria Bueno e com ela queria casar-se ultimamente. É voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se pode dizer, pois os depoimentos das testemunhas nenhum esclarecimento tem colhido. (A REPÚBLICA, 1º de fevereiro de 1893).

A segunda notícia, de 02 de março de 1893, afirmava que Diniz era o assassino de Maria Bueno. Damos destaque à última afirmação do jornal, de que Maria Bueno seria amasiada com Diniz.

Graças aos esforços dos cidadãos Dr. Chefe de Polícia e do ativo comissário em exercício, acha-se concluído o inquérito policial sobre o assassinato da infeliz Maria Bueno e por ele está evidentemente provado que o autor deste horroroso crime é o anseçada do 8º Regimento de Cavalaria, Inácio José Diniz *amasiado da assassinada*. (A REPÚBLICA, 02 de março de 1893, grifo nosso).

A última notícia, vinculada depois de cinco meses do corpo de Maria Bueno ser encontrado, fala do desfecho do julgamento de Diniz.



Encerrou-se hontem a segunda sessão do Jury, tendo sido julgado o processo em que o reo Inácio José Diniz foi absolvido por 11 votos. Semelhante procedimento do jury, causou profunda estupefação nesta capital, onde era crença geral de que Diniz era o assassino de Maria Bueno. Contra ele havia um acervo de provas, que não foram destruídas pelo seu defensor. Não queremos magoar os srs. Jurados que tomaram parte do Conselho, pois que são soberanos em suas decisões, mas como jornalista não podemos deixar de passar em silêncio este fato, pois a absolvição de Diniz importa em grave perigo para a sociedade e incentivo à reprodução de novos crimes. (A REPÚBLICA, 14 de julho de 1893).

Essas notícias são importantes na medida em que se tornaram os primeiros documentos históricos sobre Maria Bueno como também as únicas notícias, aos quais tivemos acesso, antes que se organizasse a crença na santidade de Maria Bueno.

O que podemos observar é que, de acordo com os dois periódicos, os adjetivos “moça de vida alegre” e “amásia” foram atribuídos a Maria Bueno. Acreditamos que essas afirmações influenciaram as interpretações acerca da vida de Maria Bueno representada, também, como a Santa Prostituta<sup>6</sup>, outro nome pelo qual Maria Bueno ficou conhecida.

O caso de Maria Bueno não foi isolado. Há, por exemplo, o Caso de Maria Degolada, também em fins do século XIX. No dia 12 de novembro de 1899, na cidade de Porto Alegre, Maria Francelina Trens foi violentamente assassinada por seu companheiro Bruno Soares Bicudo durante um piquenique no Morro do Hospício. O caso foi batizado pela crônica policial da cidade de Crime da Maria degolada e ganhou repercussão nos jornais da capital gaúcha. Em pouco tempo o local do acontecimento passou a ser chamado de Morro da Maria Degolada, assim como a vila que surgiria anos depois. (STEIL; TONIOL, 2012).

A versão mais aceita da morte de Maria Degolada é de que, em meio a um piquenique, a vítima teria zombado do acusado, que era seu ‘amásio’, dizendo que tinha outro homem. Durante a discussão outros presentes, amigos do casal, tentaram abrandar os ânimos, mas logo desistiram ao perceberem que as brigas entre o casal eram frequentes. Durante a briga, Maria Francelina teria tentado acertar Bruno Bicudo com uma barra de ferro e, quando a discussão parecia ter acabado, Bruno teria sacado uma faca e degolado Maria na frente de seus amigos e outros convidados sem que estes pudessem fazer nada, pois tamanha foi a impetuosidade do assassino. (STEIL; TONIOL, 2012).

---

<sup>6</sup> Santa Prostituta: essa representação está presente em duas peças teatrais estudadas por nós: “Maria Bueno” (1974) escrita e dirigida por Oracy Gemba e “Gilda Convida Maria Bueno” (2010/2015), teatro de rua encenado pelo grupo Cia Sênhas de Teatro, de Curitiba. Apesar de não ser frequente, alguns entrevistados nas pesquisas de campo confirmaram que Maria Bueno já foi conhecida por esse termo.

A segunda versão, menos popular, é a de que Maria Francelina teria sido convidada para ‘distrair’ os convidados em uma festa<sup>7</sup>, e Bruno teria se encantado por ela de imediato. No entanto, ao preferir dirigir seus encantos a outro convidado, Bruno tomado pelos ciúmes, teria perseguido Maria Francelina até um local mais afastado e a degolado. Independentemente da versão, o que tornou Maria Degolada conhecida foi a sua morte violenta, que serviu, ao mesmo tempo, para colocar o caso nas crônicas policiais da época e torná-la de conhecimento público, passando a indicar um simbolismo de purificação dos pecados da assassinada por meio da morte violenta. (STEIL; TONIOL, 2012).

Outra história é a de Maria Pequena, santa de cemitério de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Segundo os registros, Maria Meireles Trindade era casada com o Tenente Marciano Angelino, defensor do legalismo/republicanismo/castilhismo, que atuou no conflito contra os federalistas<sup>8</sup>, ao lado do seu filho. O casal vivia em Passo Fundo e Maria tinha fama de vidente, o que lhe conferia um *status* singular, enquanto mediadora dotada de dons premonitórios, e garantia a respeitabilidade da comunidade local e regional. (ZANOTTO, 2014).

Crônicas relatam que, em 28 de novembro de 1894, um federalista fora em busca do tenente republicano Marciano Angelino, esposo de Maria, e de seu filho, também soldado. Inicialmente a busca teria sido feita na residência de Marciano Angelino e Maria Trindade. Ao não encontrá-los, os federalistas teriam sido informados de que a esposa estaria na região do Arroio Raquel, onde fora lavar roupas. Chegando ao local teriam inquirido Maria acerca do paradeiro de seu marido e filho. Diante da negativa em revelar onde estavam, foi degolada por agentes da tropa. Com sua morte, Maria Pequena, ficou conhecida como mártir de sua fé cristã, de seu amor filial e conjugal, e de sua inabalável crença republicana (ZANOTTO, 2014)

Essas duas Marias do sul do país foram degoladas na mesma época, e geralmente por pessoas associadas a cargos do exército. Foram mortas na época da Revolução Federalista, popularmente conhecida como Revolta da Degola. Nas narrativas existentes, esses militares

---

<sup>7</sup> Maria Degolada já foi considerada uma prostituta antes de se tornar santa pela devoção.

<sup>8</sup> A Revolução Federalista foi uma guerra civil que ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República. Instada pela crise política gerada pelos federalistas, grupo opositor que pretendia libertar o Rio Grande do Sul do governo de Júlio de Castilhos, então presidente do Estado, como também conquistar uma maior autonomia e descentralizar o poder da então recém-proclamada República. Essa revolta chegou à Curitiba no ano de 1894, sob o comando do maragato Gumercindo Saraiva. Dada a violência empregada pelo grupo de Saraiva, o evento ficou conhecido popularmente como “A Revolta da Degola” (SANTANA, 2007).

aparecem como aliados aos maragatos<sup>9</sup>, que no caso de Maria Bueno, sitiaram a cidade de Curitiba, tornando-se inimigos políticos dos Republicanos<sup>10</sup>, que retomaram a cidade.

Podemos conjecturar uma aproximação da imagem de Maria Bueno ao símbolo de mártir curitibana pelas seguintes razões: primeiro porque a data de sua morte, 1893, permite uma aproximação com a Revolução Federalista que sitiou Curitiba, em 1894. Segundo porque David Carneiro lança o livro *Os fuzilamentos de 1894 no Paraná* (1937) e, em um trecho menciona que Ignácio José Diniz foi libertado pelos maragatos, quando os federalistas invadiram Curitiba. Observamos que ao aproximar Diniz, o assassino de Maria Bueno, dos maragatos, inimigos de Curitiba, Carneiro concede à imagem de Maria Bueno uma simbologia de mártir local. Essa narrativa foi apropriada em consecutivos escritos, incluindo as três fontes literárias que analisaremos posteriormente.

As três narrativas podem, por vezes, parecer caricaturais, mas “a caricatura [...] pode não mostrar como o rosto é na realidade; mas deve sempre mostrar o que diferencia este rosto de qualquer outro” (CALÁVIA SAEZ, 1996, p. 13). É nesse sentido que Maria Bueno será pensada neste trabalho.

Os relatos e narrativas sobre Maria Bueno são carregados de questões herdadas de narrativas anteriores, sejam escritas, imagéticas, auditivas, teatrais ou fotográficas. E, em virtude disto, houve no decorrer da pesquisa as mais diversas oscilações.

Qualquer pesquisa sofre oscilações – de experiência, de conceito e de método – que, em boa parte, são eliminadas no resultado final, para dar maior clareza às conclusões. Pode-se pensar, porém, que ao menos no caso da antropologia esses percursos, como testemunhos de modos alternativos de apreender o assunto, sejam tão valiosos como qualquer conclusão. Meu trabalho tenta conservá-las com o risco de resultar miscelâneo, digressivo ou até contraditório. (CALÁVIA SAEZ, 1996, p. 14).

Por tratar-se de uma pesquisa que parte da história cultural e tem por base a interdisciplinaridade, entendemos que os apontamentos feitos por Calávia Saez foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. O miscelâneo, digressivo e contraditório são componentes de nossa pesquisa, pois a História Cultural tem como principal objeto

<sup>9</sup> Maragato foi o nome dado aos revoltosos que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul (SANTANA, 2007).

<sup>10</sup> Republicanos: Numa república os governantes, escolhidos pelo povo, são responsáveis diante dele pela gestão dos negócios públicos. A legitimidade dos representantes do povo radica em eleições que têm como base o sufrágio geral, igual, direto e secreto, que caracteriza segundo alguns, a própria *ratio essendi* da república. Exige-se, por outro lado, que todos os votos tenham a mesma eficácia jurídica, ou seja, o mesmo valor de resultado. O voto deve defluir diretamente da vontade do eleitor, sem intermediação de quem quer que seja e livre de pressões de qualquer espécie (LEWANDOWSKI, 2005, p. 194).

“identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Outros conceitos que, também, tornaram-se fundamentais para as discussões que permearam nossas reflexões são os de crença e hibridismo cultural. A crença nos permite asseverar que a enunciação religiosa é a inscrição da experiência vivida numa linguagem, que permita a atuação sobre a alteridade de sentido e leva à ação aquele que crê:

[...] entendo por ‘crença’ não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não seu conteúdo. (CERTEAU, 1998, p. 278).

Pensar hibridismo cultural, por sua vez, implica pensar as variedades de objetos, terminologias, situações, reações e resultados relativos às manifestações da cultura, apresentada em termo relativamente amplo "de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações". (BURKE, 2003, p. 17).

Dessa maneira, a divisão da dissertação visa apresentar as distintas apropriações feitas de Maria Bueno, no sentido de conceder atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinaram as operações de construção do sentido, reconhecendo que “as inteligências não são desencarnadas, e que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”. (CHARTIER, 1990, p. 26-27).

No Item 2, “As apropriações literárias e o mito Maria Bueno”, tomamos como fontes históricas a crônica “Maria Bueno”, de Euclides da Mota Bandeira e Silva Junior, publicado em *Cronicas Locaes* (1939); o romance *Maria Bueno* (1948), de Sebastião Izidoro Pereira e a obra *Retrato de Maria Bueno* (1996) de Octaviano Secundino Junior. Por meio de Roger Chartier (2002), Joseph Campbell (1994) e Mircea Eliade (1992) buscamos compreender de que modo as três obras convergem para criar o mito Maria Bueno.

No Item 3, “O estado da arte e as apropriações historiográficas”, utilizamos as categorias de discurso e lugar social presentes em Michel de Certeau (1992), a fim de analisar a produção acadêmica sobre Maria Bueno, a saber: a tese de Vera Irene Jurckevics, *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular* (2004); o artigo de Andréa Alvarenga Lima, “A saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba” (2007); a dissertação de Conceição Aparecida dos Santos, *Como nascem os santos: o caso*

Maria Bueno (2010) e; o artigo de Julia Impéria Koster, “A construção de uma santidade popular e os direitos da mulher” (2011).

No Item 4, “Apropriações jornalísticas: Maria Bueno e o Dia de Finados no periódico *Gazeta do Povo* (1919-2015) ”, nos apoiamos na metodologia proposta por Tânia Regina de Luca (1992), ao destacarmos a importância do periódico enquanto fonte para o historiador e as elucidações analíticas e estruturais para o trabalho com este tipo de fonte. Por ser um canal de comunicação mais estreito com a população, procuramos identificar como Maria Bueno foi retratada pelo periódico, principalmente no dia de Finados, data na qual o túmulo de Maria Bueno recebe maior número de visitas.

No Item 5, “Apropriações devocionais de Maria Bueno no Cemitério São Francisco de Paula (Curitiba-PR) ” apresentamos as pesquisas de campo, bem como os resultados dos questionários aplicados aos visitantes do túmulo de Maria Bueno, no período de 2013 a 2015.

Por fim, nesta dissertação as quatro modalidades de apropriações históricas da figura Maria Bueno, nos permitiram vislumbrar algumas leituras possíveis, levando-nos a concluir que trata-se de uma crença híbrida em seus elementos constitutivos e representativos.

## 2 AS APROPRIAÇÕES LITERÁRIAS E O MITO MARIA BUENO

Pensar as apropriações literárias feitas de Maria Bueno nos obriga considerar a pertinência da interpretação social. As poucas reflexões e propostas que aqui realizamos não devem ser tomadas como índice de um alinhamento específico da forma correta de se ‘ler’ Maria Bueno. Ao contrário, “elas gostariam de ajudar a reformular a maneira de ajustar a compreensão das obras, das representações e das práticas às divisões do mundo social que, conjuntamente, significam e constroem” (CHARTIER, 1991, p. 188).

Neste item escolhemos três fontes literárias sobre Maria Bueno que configuram o mito de Maria Bueno: a crônica *Maria Bueno* (1941), de Euclides da Mota Bandeira e Silva Junior; o romance *Maria Bueno* (1948) de Sebastião Izidoro Pereira e; *Retrato de Maria Bueno* (1996), livro de Octavio Secundino Junior. Nossa intenção foi a de demonstrar como estes três textos convergem para formar o mito Maria Bueno. Mito aqui, entendido como aquele “que revela como uma realidade veio à existência” (ELIADE, 1992, pp. 42).

Partimos do pressuposto de que, ao lermos esses textos, a necessidade de estabelecermos relações entre eles se justifica porque,

[...] não se confrontam nunca com textos abstratos ideais, separados de toda materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam sua leitura, sua apreensão e compreensão partindo do texto lido. Contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura. (CHARTIER, 1991, p.178)

Antes de analisarmos a nossa documentação passamos à apresentação dos autores e destacamos algumas características relacionadas a cada um deles.

Euclides da Mota Bandeira e Silva Junior foi um cronista curitibano que, nos anos de 1930 e 1940, assinava seus escritos quase sempre, apenas, como Euclides Bandeira. Entre suas crônicas podemos destacar “Maria Bueno”, escrita em 1937, e publicada em uma compilação, cujos escritos abrangiam outras crônicas do autor com temas diversos, intitulada *Cronicas Locaes*, de 1939. Trata-se do primeiro relato que apresentou a história de vida e morte de Maria Bueno. Em sua obra encontramos as primeiras referências aos milagres de Maria Bueno.

Este cronista ficou conhecido na cidade de Curitiba pela frequência de publicações apresentadas em jornais locais. Observando o livro *Cronicas Locaes* (1941) percebemos que o autor se ocupava de temas diversos e tinha como marca registrada a acidez das conjecturas acerca das manifestações sociais. Além das interrogações propostas, as crônicas publicadas

em jornais se constituíam, em fins do século XIX e início do século XX, como um passatempo para a elite burguesa local que procurava no outro, as pessoas das classes subalternas, saciar a curiosidade de um mundo que desejava conhecer, mas não pertencer. (SANTOS, 2010)

Uma homenagem, com foto e dedicatória, é feita a Silva Junior por Pereira em seu livro *Maria Bueno* (1948) além de trechos que perpassam o livro como este aqui: “Diniz foi fuzilado, realmente, como está explicado pelo sr. Euclides Bandeira e o dr. David Carneiro”. (PEREIRA, 1948, pp. 11). Destacamos este trecho, dentre outros, porque apresenta a morte de Diniz, assassino de Maria Bueno, por fuzilamento. É intrigante notar que o fuzilamento do assassino de Maria Bueno relatado por Sebastiana Garcia a Pereira em 1947, já estivesse escrito em duas obras anteriores: a crônica *Maria Bueno*, de Pereira e o livro *Os fuzilamentos de 1894 no Paraná* de David Carneiro, publicados no mesmo ano de 1937. Essas referências que Pereira faz a Silva Junior demonstram uma ligação contemporânea entre os dois autores e uma admiração do primeiro pelo segundo.

O Major Sebastião Izidoro Pereira escreveu seu livro entre 1947 e 1948, sendo publicado em 1948, apenas 09 anos após a crônica de Silva Junior. Pereira foi um literato, e seu livro se constitui um romance bastante difundido sobre Maria Bueno e muito utilizado para apresentar uma narrativa factual sobre Maria Bueno. Nessa obra, a questão santidade é recorrente, e toda a vida e morte da jovem são narradas de modo a justificar sua santidade.

A obra de Pereira, que na época ficou conhecido como Major Izidoro<sup>11</sup>, é a mais completa entre as três no que diz respeito aos preenchimentos de lacunas acerca da história de Maria Bueno, pela riqueza de detalhes com que Maria Bueno é descrita, pela fluidez de sua escrita que faz jus ao gênero romance, e pelas observações das motivações que o levaram a escrever seu livro. Este livro foi lançado e comercializado pela Editora Gráfica Mundial, de Curitiba, e publicados no jornal *Gazeta do Povo* entre os anos de 1940 e 1950.

Em seu livro a narrativa sob forma de relato transcrito contribui para que o mito de Maria Bueno se consolide; os personagens e a simbologia contidos em tal excerto se tornaram quase uma hagiografia de Maria Bueno, sendo repetido de forma incontável não apenas por outros autores, mas pelos devotos presentes no Cemitério São Francisco de Paula, por nós verificados nas pesquisas de campo realizadas durante o período de 2013 a 2015.

Pereira escreveu o livro para pagar uma promessa, ao ter recebido um milagre da santa, e considera a própria escrita do livro um milagre:

---

<sup>11</sup> Em Curitiba uma avenida foi batizada com seu nome.

Portanto, leitores amigos e crentes que hão recebido da alma de Maria Bueno os milagrosos favores, aqui está o nosso trabalho, que é, também, a *paga de uma promessa* pelo bem recebido da bondade incontestável daquela alma benfazeja. (PEREIRA, 1948, p. 06, grifo nosso)

Sem cerimônias, o autor já esclarece ser devoto de Maria Bueno, e vai mais além, afirma ao longo do livro, que ele próprio teria recebido um milagre da santa.

E o fato que mais nos impressiona e nos enche de satisfação para afirmar que ela faz milagres é que nós já fomos beneficiados pela sua bondade de santa: atendeu-nos um pedido em troca desta obra em sua honra, dedicada à sua memória sempre lembrada por todos quantos são seus crentes e lhe dirigem suas preces. [...] Este livro é – acentuamos com verdadeiro orgulho – um milagre de Maria Bueno! (PEREIRA, 1948, p. 198)

Octavio Secundino Junior é o mais distante cronologicamente dos outros dois. Seu livro foi lançado em 1996, 59 anos depois da crônica e 50 anos após o romance. Jornalista e militar, sua obra é uma edição autoral e teve distribuição gratuita a época do lançamento. Apresenta a reconstituição criminal como elemento constante em sua escrita. A obra é importante, por ser mais recente e por apresentar a história de Maria Bueno com elementos que reafirmam a sua santidade.

Jornalista curitibano que publicou algumas crônicas em jornais, sendo uma delas semelhante a um ensaio do que viria a ser o livro.

Secundino Junior relata que seu livro seria resultado de análises realizadas a partir dos manuscritos de seu pai, que teria reunido várias fontes sobre Maria Bueno entre recortes de crônicas e matérias jornalísticas para escrever o manuscrito. Esse material foi entregue a Secundino Junior por um amigo da família chamado Wilson Bóia. Com esse material em mãos e por ser admirador de Maria Bueno, teve a ideia de lançar um livro. O autor afirma ainda que, junto aos manuscritos e recortes, estava também uma foto de Bueno que teria pertencido ao seu pai, e no verso dessa foto estava escrito a frase “Maria Bueno – o único retrato existente da mulher-mártir” (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 06). (IMAGEM 02).



Imagem 02 - Capa do livro *Retrato de Maria Bueno* (1996)



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Secundino Junior justifica a escolha da foto para ilustrar a capa de seu livro, por defender que é verdadeira. O autor ainda salienta que:

Outros anexos mencionados desapareceram, queimados ou destruídos pela justa indignação de Octavio Secundino apenas restou, posso dizer milagrosamente, o retrato de Maria Bueno, reprodução fotográfica de tela, talvez pelo antigo sistema de aristopia, pelo fotógrafo Adolfo Wolk ou Volek. (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 06)

Outro ponto que destacamos é que logo no início do livro, o autor faz um apelo ao afirmar que a intenção de seu falecido pai, Octavio Secundino, era de ter lançado um livro com os resultados de suas pesquisas. Seu pai só desistiu de tal intento porque um autor teve acesso ao material de suas pesquisas e teria se adiantado no lançamento de um livro comercial acrescido de um capítulo que trazia lendas a respeito da vida de Maria Bueno, no final dos anos de 1940.

Secundino Junior não especificou quem foi o ‘malfadado autor’, mas por exclusão, poderíamos apontar o livro *Maria Bueno* de Sebastião Izidoro Pereira: escrito no final de 1940; lançado comercialmente por uma editora local; e a depender da perspectiva, o capítulo dois que foi intitulado “Romance” poderia ser interpretado como lenda.

A questão é que de fato o cronista Octavio Secundino, pai de Octavio Secundino Junior, de quem este reclama direitos autorais, foi citado já em 1939, na crônica de Silva Junior como sendo o provável escrivão durante o processo criminal de Maria Bueno:

Escrivão do crime, o sr. Otavio Secundino, informa: Maria Bueno lavadeira à rua Saldanha Marinho, assassinada a punhal pelo amasio, cabo Diniz da Silva, de profissão civil barbeiro. Deste pormenor talvez aquela substituição do punhal pela navalha. Fôra de duvida: a mancebia e o assassinio; a controversia dos detalhes não destroe a essencia da lenda. (SILVA JUNIOR, 1941, p. 89)

E ainda, Octavio Secundino, é apontado pelo próprio Sebastião Izidoro Pereira em seu livro *Maria Bueno* (1948) como sendo o possível escritor da crônica de autor desconhecido publicada em 1934 pelo jornal *Gazeta do Povo*. A razão desse apontamento seria, segundo Pereira (1948), porque Octavio Secundino seria o diretor do jornal naquele ano, e uma crônica não assinada poderia significar que foi escrita pelo próprio diretor do jornal. Além do que, de acordo com Pereira (1948), Octavio Secundino seria a única pessoa que de fato teve acesso aos documentos sobre o caso Maria Bueno, e teria acompanhado todo o desenrolar do processo como testemunha ocular, dado que Octavio Secundino foi escrivão da Vara Criminal de Curitiba por 13 anos.

Mesmo Pereira discordando sobre a postura de Octavio Secundino em relação à Maria Bueno, e tendo acusado-o de romancear o caso, além de fornecer alguns dados pouco precisos, reconhece em Secundino a pessoa que mais possuiria conhecimentos sobre em que circunstância Maria Bueno teria sido assassinada, e como era seu assassino.

Uma crônica sobre Maria Bueno pudemos encontrar na “Gazeta do Povo” de 18 de janeiro de 1934. Não sabemos de quem é, porem o estilo parece o do ex-escrivão da segunda Vara Otavio Secundino, aliás o único paranaense que sabia o nome do criminoso (e sabe ainda) e os detalhes do crime, porque os autos se acham ainda nas prateleiras do cartório onde ele funcionou desde 1913 como escrivão. Não está assinada a referida crônica; logo, presume-se que a responsabilidade seja do respectivo diretor na época. (PEREIRA, 1948, p. 10)

A seguir Pereira (1948) faz críticas a alguns pontos da referida crônica de 1934, como se de fato as críticas fossem dirigidas a Octavio Secundino:

O nome do criminoso não está completo na crônica: Inacio José Diniz e não Inacio Diniz, como saiu. Também há dúvida em relação a outros pontos, como, por exemplo, ao que diz respeito ao assalto levado a efeito por Diniz contra um comerciante português que foi visto pelo criminoso e seus companheiros no negócio do velho Mehl, no Atuba. Também não foi exato

que Gumercindo mandasse fuzilar os soldados atrás do cemitério Municipal. Diniz foi fuzilado, realmente, como está explicado pelo sr. Euclides Bandeira e o dr. David Carneiro. Também se acha muito mal contado o criminoso agiu antes do crime: “fugindo da guarda para se dirigir, envolto em enorme capote-ponche à casa de Maria Bueno”. Nós dizemos mal contado porque, logo adiante o cronista diz: “Marcado um encontro no capão próximo Diniz dispôs-se etc”. Ora, se ele estava em casa da moça, porque marcar encontro com ela no capão? E’ possível que o cronista quisesse fazer romance, porem, mesmo assim, foi infeliz na sua narrativa. (PEREIRA, 1948, p.11)

Percebemos assim, as contradições nos relatos indicadas por Calávia Saez (1996) e as distintas interpretações sociais realizadas por uma apropriação literária, como indica Chartier (1991). Também ressaltamos que:

É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais (7), uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. O procedimento supõe o reconhecimento de diversas séries de contrastes. De início, entre as competências de leitura. A clivagem, essencial, porém grosseira, entre alfabetizados e analfabetos, não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito. (CHARTIER, 1991, p. 178).

Feitos os apontamentos iniciais e apresentados os três autores e suas respectivas obras, buscaremos interpretar estas obras, atentando ao seu simbolismo mítico.

Joseph Campbell concordava que a ‘ideia-guia’ do seu trabalho era procurar o caráter comum dos temas nos mitos do mundo visando a constante exigência, na psique humana, de uma centralização em termos de princípios profundos, não se referindo à busca do sentido da vida, mas “à experiência de estar vivo”. (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p.10)

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos. (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 17).

Na tentativa de perceber como a experiência de Maria Bueno é retratada, ou seja, como se torna exemplar, optamos por apresentar os quatro temas principais que formam o mito de Maria Bueno e que estão presentes nos três relatos literários: a cosmogonia, o primeiro milagre de Maria Bueno, que nos três mitos ocorre após sua morte, a santidade em Maria Bueno e a morte de Ignácio José Diniz, assassino de Maria Bueno.

## 2.1 A cosmogonia

Segundo Campbell “mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p.17). Nesse sentido, os motivos básicos dos mitos são e têm sido sempre os mesmos. E, para compreender uma mitologia é necessário compreender a sociedade à qual ela se filia.

Toda mitologia tem a ver com a sabedoria da vida, relacionada a uma cultura específica, numa época específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza. Une o campo da natureza à minha natureza. É uma força harmonizadora. Nossa própria mitologia, por exemplo, se baseia na idéia de dualidade: bem e mal, céu e inferno. Com isso, nossas religiões tendem a dar ênfase à ética. Pecado e expiação. Certo e errado. (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 66).

Nesse sentido, a forma como o mito de Maria Bueno é narrado, se aproxima em muito dos aparatos culturais e sociais de Curitiba e do Brasil, em finais do século XIX. O modelo feminino da Virgem Maria, a castidade, a defesa da honra, tudo isso parece convergir nas narrativas estudadas. A importância do ‘mito cosmogônico’ está em ser modelo exemplar para toda espécie de criação e construção. (ELIADE, 1992).

Para aqueles que vivem uma experiência religiosa, toda natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, poderia tornar-se uma hierofania, isto é, uma manifestação do sagrado. Mas como o homem religioso toma conhecimento da realidade sagrada? Por meio dos mitos, que dentro dessa concepção se manifesta enquanto a revelação do mistério, isto é, ele é dado ao homem religioso enquanto a revelação da origem de um determinado cosmo. O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. À compreensão do mundo sagrado, antecede a compreensão do momento cosmogônico: o evento que funda o mundo fixa os limites e estabelece a ordem. (ELIADE, 1992, p. 21).

A morte de Maria Bueno dentro desta perspectiva se manifesta como um “novo nascimento” (ELIADE, 1992, pp. 22) e a criação do cosmo. Ao seu corpo ser inumado, sua alma se liberta para ocupar o espaço central no cosmo; Maria Bueno se tornou santa porque foi violentamente assassinada e experimentou a possibilidade de expiar seus pecados. A forma como esse evento será concebido em cada apropriação literária, embora varie de autor para autor, não é negada por nenhuma delas.

Embora a leitura hagiográfica pudesse ser um caminho possível para a leitura destes documentos, o intuito aqui foi perceber como essas narrativas se aproximam de uma mitologia. Euclides da Mota Bandeira e Silva Junior (1941), embora não tenha a intenção de criar uma imagem ideal do personagem, como em uma hagiografia, em sua crônica, nem por isso deixou de realizar uma narrativa do excepcional, tendo elementos transcendentais atribuídos em consonância com os elementos verossímeis que servem como atributos para levar o interlocutor ao questionamento.

Na citação abaixo destacamos alguns elementos que tornam possível a interpretação da cosmogonia apresentada pelo autor:

Com os olhos rasos de interesse, Curitiba vem assistindo ao “fiat” de uma Santa, isto é, a metamorfose em Santa de uma pobre mulher assassinada. A canonização popular não se delonga, porém na tartarugice da outra; é mesmo mais expedita do que a equipolente do ritual eclesiástico, faz justiça à moderna: encurta os largos passos interlocutórios e salta os degraus hierárquicos conducentes ao definitivo incenso no radioso nicho. (SILVA JUNIOR, 1941, p. 86)

A palavra fiat, destacada entre aspas pelo cronista, traz em si um significado que traduz o que será dito a seguir; a palavra significa autossuficiência e remete a um culto que independe de normas para existir. A escrita do cronista ainda remete à ideia de que ao contrário dos santos eclesiásticos que passam por todo um processo canônico<sup>12</sup> de comprovação de milagres e atributos sobre sua conduta em vida, uma santa de cemitério, como é Maria Bueno, está circunscrita à devoção.

---

<sup>12</sup> Segundo o padre Cristiano de Souza e Silva, doutor em direito canônico, o processo de tornar uma pessoa santa segue várias etapas e tem tempo indeterminado para acabar. Começa com a beatificação, quando uma pessoa que morreu há mais de cinco anos e recebe cultos de devoção pode ser indicada pelo pároco local para receber a beatificação, que consiste no reconhecimento da instituição católica que ali está enterrada uma pessoa que viveu uma vida santa; é solicitada a comprovação de pelo menos um milagre para que a pessoa seja declarada beata. Depois de beatificado é que começa realmente o processo de canonização. É preciso solicitar a abertura da causa, nomear um responsável para acompanhar o processo, comprovar um segundo milagre, desta vez realizado após a beatificação, para enfim proclamar o beato santo, que é a canonização propriamente dita. Disponível em: <http://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/como-funciona-um-processo-de-canonizacao/>. Acesso em: 09/02/17

O autor discursa a partir do ponto de vista da religiosidade devocional, percebemos que a “pobre mulher assassinada”, movida pela fé dos crentes, agora se encontra em outro patamar, em que “radioso nicho” poderia ser interpretado como morada divina. Sem atribuir julgamentos ao culto já estabelecido, o cronista se pauta no que chamamos de devoção: isto é, o ato de crer e prestar homenagem à imagem ou ao elemento a que determinado grupo ou indivíduo atribui sentido sagrado. Portanto, na narrativa literária de Silva Junior (1941) a cosmogonia de Maria Bueno está circunscrita à realidade do grupo que a cerca.

O livro de Pereira está dividido em três capítulos. No primeiro intitulado “Maria Bueno e sua história” o autor apresenta o crime que vitimou Maria Bueno, o culto que persistia até a década de 1940, e as motivações que o levaram a escrever. O ponto principal que norteia grande parte de sua obra está relacionado a um depoimento coletado pelo autor, o relato de Sebastiana Garcia, transcrito por Pereira (1948) da página 17 a 19.

Pereira conta que Sebastiana Garcia nasceu em 1838, e estava com idade de 109 anos quando concedeu a entrevista. Foi escrava do professor João Batista Brandão de Proença, o avô de Raul Leite, funcionário aposentado à época da publicação do livro de Pereira (1948). A senhora descreve a vida de Maria Bueno caracterizada por um nascimento pontuado de acontecimentos sagrados e sua morte trágica. O autor ainda completa que deve à Sebastiana Garcia a maioria dos detalhes utilizados na escrita do segundo capítulo intitulado “Romance”. É a partir dele e na transcrição do relato de Sebastiana Garcia que tiramos as principais citações para nossas análises.

No último capítulo intitulado “Agiografia”, o autor defende a veracidade das obras de Maria Bueno, considerando-as sagradas. Nele encontramos a citação que iniciará nossa análise. Pereira admite, assim como Silva Junior, que Maria Bueno nasceu enquanto santa pela fé dos seus devotos, e que isso se deu tão logo a população curitibana presenciou a cena do crime:

Uma coincidência notável é o fato seguinte: o Sr. Odilon da Luz, funcionário da empresa editora deste nosso trabalho, tem uma tia de nome Rosa Formalloni que viu Maria Bueno naquela posição genuflexa!

Muitas pessoas que simultaneamente também viram o cadáver ajoelhado comentaram que Maria Bueno, antes de morrer, implorou ao bandido que só a matasse depois que ela fizesse suas orações.

Por esse motivo, hoje, supõem-se que a crença popular começou justamente quando as primeiras testemunhas foram surpreendidas com aquela posição do cadáver.

Começa, então, aqui, a crença na alma pura e miraculosa de Maria Bueno. Aquela sua atitude genuflexa corou, sem dúvida, a sua missão na terra, deixando, porém, no pensamento de testemunhas oculares, a impressão bem viva de que ela viria a ser, futuramente, uma Santa. (PEREIRA, 1948, p. 192)

A cosmogonia é justamente o momento da morte, ou seja, Maria Bueno cumpriu a missão à qual foi predestinada. O martírio foi seu estágio final, quando seu corpo foi inumado sua alma se purificou. “Maria Bueno morreu daquela forma horrível para poder purificar ainda mais sua alma.” (PEREIRA, 1948, p. 192). É interessante destacar que este é o único relato que traz o “mito de origem” à cosmogonia de Maria Bueno. Para Eliade o “mito de origem” parece ser uma cópia do mito cosmogônico, pois este serve de exemplo para todas as origens. O nascimento de Maria Bueno manifesta-se, neste caso, como o mito cosmogônico do mito de origem. Para elucidar essa possibilidade, o autor explica que é fundamental narrar a origem dos elementos, pois do contrário não se pode falar sobre eles. (ELIADE, 1992, pp. 45). Exemplificando, temos a citação de um trecho do relato de Sebastiana Garcia, transcrito por Pereira (1948), que enuncia o nascimento sagrado de Maria Bueno:

Era uma moça muito bonita, uma cabocla e tanto. Os pais dela chamavam-se Pedro e Julia. Tinha ela mais três irmãs que se casaram e sumiram. Quando ela nasceu o pai ficou odiando a filha e tomou um pileque no dia que a viu, dois dias depois que chegou de uma viagem. Nesse dia ele quis dar com uma garrafa numa amiga da mãe dela e não pode porque um relâmpago fortíssimo o prostrou por terra no quarto, onde ficou dormindo embriagado.

A mãe de Maria Bueno um dia antes de lhe dar a luz do dia, sonhou que viu Nossa Senhora da Conceição que lhe disse: ‘Essa menina vai cumprir uma missão na Terra.’ (PEREIRA, 1948 p. 17)

Assim compreendemos que o mito de origem manifesta uma narrativa que vai ao encontro do sagrado; a função do mito de origem é reafirmar a sacralidade da cosmogonia enquanto um modelo exemplar. Por exemplo, Nossa Senhora da Conceição, ou Nossa Senhora da Imaculada Conceição não é uma mulher que se tornou santa, e sim um dom da Virgem Maria, concedida por Deus, segundo os dogmas do catolicismo. “No dia 08 de dezembro de 1854, através da bula *Ineffabilis Deus* do Papa Pio IX, a Igreja Católica oficialmente reconheceu e declarou solenemente como dogma: “Maria isenta do pecado original”<sup>13</sup>.

Isto significa que nesta data, 08 de dezembro, comemoram-se o dia de Nossa Senhora da Conceição, reconhecido institucionalmente pelo papado que Maria havia concebido Jesus sem o pecado original. Talvez, não por acaso, esta seja apontada como a data de nascimento de Maria Bueno.

Nesta narrativa, Maria Bueno aparece associada à figura sacra da Virgem Maria. Porém, algumas conjecturas são possíveis acerca do mito de origem de Maria Bueno. Apesar

<sup>13</sup>Informação disponível em: <http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/751/28/> . Acesso em: 12/02/2017.

da Nossa Senhora da Imaculada Conceição (Virgem Maria) aparecer no mito anunciando o nascimento de Maria Bueno, podemos observar certa semelhança da narrativa sagrada do raio que prostrou Pedro Bueno com a hagiografia de outra santa: Santa Bárbara. O que nos ajuda a perceber como a narrativa é marcada pelas diversas faces de Maria.

Santa Bárbara é popularmente invocada para apaziguar tempestades, pois, acredita-se que ela tenha poder de controlar os raios, tem seu dia de santa a 04 de dezembro, é representada como mulher guerreira, que conquistou a sua liberdade ainda que no martírio, e que levantou a cabeça em rebelião contra o poder masculino (ARAÚJO, 2010).

Para Anselm Grün (2005), a história que se conta de Santa Bárbara é que seu nome significa “a estrangeira”, e foi filha de um homem autoritário que a teria trancado em uma torre para que vivesse o conceito de vida projetado pelo pai. Porém, ela se recusou a obedecê-lo e preferiu dedicar sua vida à fé do cristianismo:

O pai se enfurece com a teimosia da filha, que se libertou da tutela paterna e agora está seguindo o próprio caminho e tendo seus próprios pensamentos. Ele transforma a torre numa prisão para a filha. Mas, espantosamente, ela consegue escapar. Fugindo do pai irado para as montanhas, ela se esconde numa caverna. Mas um pastor de ovelhas avisa ao pai sobre seu paradeiro. O pai a entrega ao governador. A filha continua se negando a adorar os deuses e é cruelmente torturada por causa disso. Mas a noite recebe a ajuda de anjos que curam suas feridas. É conduzida nua pelas ruas e açoitada com varas, eu, entretanto se transformam em penas de pavão que a cobrem. Na prisão, um anjo a visita e lhe traz o jantar. Por fim, ela é condenada à morte por decapitação. O próprio pai impunha a espada. Mas, mal acaba seu trabalho é fulminado por um raio. (GRÜN, 2005, p. 47)

O autor completa que Santa Bárbara, ao atravessar as chagas, pode entrar em contato com a verdadeira beleza, a imagem original e autêntica que Deus tinha dela. Por fim uma pequena observação a respeito de Santa Bárbara ser hibridizada na cultura afro-brasileira, por meio do Candomblé, com Iansã a rainha dos raios e trovoadas. Representada quase sempre em vestes de um vermelho vivo, a homenagem mais comum a ela é a oferenda de rosas vermelhas. (ARAÚJO, 2010).

De acordo com Pereira, Maria Bueno se tornou santa pela fé depositada pelas pessoas ao verem seu corpo em uma posição que para eles foi prenúncio de sacralidade. Esta sacralidade da morte é reafirmada pela aceção do mito de origem levando ao entendimento de um modelo exemplar ao associá-la a Virgem Maria, e o elemento predestinação norteia a existência terrena de Maria Bueno até que seu verdadeiro propósito seja revelado por Deus: ser uma santa.



Por fim, em Octavio Secundino Junior<sup>14</sup>, encontramos a cosmogonia de Maria Bueno no subtítulo “A vela bem feitora” (1996, p.75-80). Assim como nas demais narrativas literárias, o mito fundador de Maria Bueno é sua morte, porém, a santidade não está relacionada a um modelo de vida exemplar. Nessa narrativa não há o mito de origem, pois a concepção da santidade em Maria Bueno se dá pela evolução que seu espírito alcançou com a aceitação da morte e a observação do mundo terreno por meio do mundo astral. A jornada pós-morte de Maria Bueno, no livro de Secundino Junior é assistida por seres de luz. Essa revelação é rica em detalhes sobre o plano superior, o lugar para onde a alma de Maria Bueno foi atraída assim que ‘desencarnou’, recebendo seu destino de intercessora.

[...] Não pensava mais em resistir, seu espírito alegre, prazenteiro, amoroso, deixava a carne e subia, vendo ainda nitidamente aquele quadro contrastador. Por várias horas nada mudou, nenhum morador apareceu para, ao menos manifestar conforto. Partindo lentamente do plano da vida para o plano da morte, Maria ainda olhava, sem compreender, a transição que sofrera. O frio da angústia, que sucedera aos primeiros instantes do passamento, tinha deixado Maria numa sensação dolorosa de desconforto, contraída numa posição estranha, os braços ainda meio cruzados, os cabelos empastados de sangue e lama e cobrindo parte do rosto. Mesmo no escuro da noite, que estava sendo substituída pelos albores da manhã, Maria Bueno sentia afastar-se, elevar-se, desligar-se dos laços humanos. (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 76-77)

Para o autor, apenas ‘desencarnar’ de forma trágica não era o suficiente; nessa cosmogonia a aceitação da morte foi o início do aprendizado, pois haveria um caminho a percorrer para que a alma de Maria Bueno evoluísse ao ponto de tornar-se uma intercessora.

Ainda não podia enxergar mais além, ainda não percebera os vultos claros que a rodeavam naquela nova altura, que tinham vindo para confortá-la, para trazer os esclarecimentos para quem ainda não compreendia, pela brutalidade e pela rapidez do ato criminoso, que seu espírito teria um novo caminho, muito alto, muito puro, muito benemérito, para percorrer ao longo dos séculos vindouros. (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 77)

Observamos como o autor concebe a cosmogonia de Maria Bueno a partir do momento que sua alma deixa o corpo terreno e passa a existir no plano astral. De acordo com a narrativa mítica, mesmo ‘desencarnada’ Maria Bueno ainda reluta na aceitação da própria morte, ela parece atordoada e confusa. O que clareia sua percepção é um gesto de piedade, simbolizando a luz divina na chama de uma vela. Compreendemos que esse mito, assim como

---

<sup>14</sup> Embora não seja o objetivo desta pesquisa, os termos e conclusões apresentadas por este autor permitem conjecturar uma adesão espírita. O livro *Retrato de Maria Bueno*, dividido em 30 subtítulos, que não estão organizados em capítulos, possui 110 páginas entre elas diversas com fax símile dos manuscritos de Octavio Secundino e desenhos representando as cenas da vida de Maria Bueno que o autor relata no livro, essas gravuras foram assinadas por Luiz Reis.

os anteriores, concebe uma Maria Bueno que se tornou santa pela devoção do povo, e que isso ocorreu logo após sua morte, no momento em que seu corpo foi encontrado.

Nessa perspectiva, Maria Bueno passou por uma evolução espiritual ao desencarnar, e essa evolução foi possibilitada pela fé que as pessoas depositaram nela logo após sua morte prestando homenagens de piedade ao corpo ainda no local do crime. E a evolução da sua alma possibilitou que ela retornasse à Terra, em espírito, como santa e intercessora.

## **2.2 O primeiro milagre**

Podemos entender a definição de “milagre” por meio de Alba Zaluar (1983), enquanto a ruptura do mundo exterior, denominado natural, e a penetração no mundo metafísico. Para Zaluar a visão de um mundo no qual a manifestação do sagrado é o natural restabeleceria a ordem nos pontos de conflito da estrutura social. Essa discussão nos permite um diálogo com Eliade (1992) ao afirmar que o sagrado traz ordem ao caos, e sua manifestação seria uma abertura no mundo profano para a realidade sagrada. Portanto, para o devoto o milagre é real e natural.

Por meio das análises anteriores, sobre a cosmogonia de Maria Bueno, entendemos que o mito fundador foi sua morte; as pessoas que presenciaram o seu corpo no local do crime se compadeceram de seu trágico desenlace, mas logo perceberam que se tratava de uma pessoa especial. Foi a fé dessas que criou uma devoção em torno de sua figura. Porém, como “Todo santo tem uma característica primordial: ele só é santo se faz milagre” (ANDRADE, 2010, p. 139), é pertinente ao estudo do mito de Maria Bueno localizar quando ocorreu o seu primeiro milagre.

O primeiro milagre de Maria Bueno, que difere em elemento e natureza, de acordo com a narrativa mítica, desdobra-se em três milagres diferentes revelando cada qual consonância com sua cosmogonia e antevendo a concepção de santidade que cada mito irá apresentar.

Em todas as narrativas o primeiro milagre de Maria Bueno acontece logo após sua morte: instantes depois, horas depois ou alguns meses depois e está diretamente relacionada à confirmação da revelação do mistério da cosmogonia ao mesmo tempo em que antecede a forma de santidade atribuída a Maria Bueno.

Para Silva Junior (1941), o primeiro milagre de Maria Bueno aconteceu quase um ano após sua morte. O contexto estaria vinculado ao destino de seu assassino. Logo após a morte de Maria Bueno, as investigações atribuíram o crime a Ignácio José Diniz, anspeçada do 8º

Regimento de Cavalaria de Curitiba, em 1893. Apesar das provas que o incriminavam, Diniz foi absolvido em primeira instância pelo voto dos jurados – 11 favoráveis e 1 contra –, mas com o surgimento de novas evidências foi encarcerado em junho do mesmo ano. A partir desse momento não foi noticiado mais nada ao seu respeito e seu paradeiro se tornou desconhecido.

A partir dessa narrativa, Silva Junior atribuiu-lhe outro destino que não o cumprimento da pena. Maria Bueno, por amor a Diniz, teria libertado da prisão aquele que a degolou: “[...] o escancarar das portas presidiárias, exatamente o primeiro milagre da nova santa, atendendo-se a que a desgraçada, apesar-de tudo amava o bandido [...]. (SILVA JUNIOR, 1941, p. 90).

O amor de Maria Bueno teve a força de interferir nos acontecimentos terrenos e seu primeiro milagre foi o desferrolhar as portas da prisão para que seu assassino, e amante, pudesse ser liberto.

De acordo com Sebastião Izidoro Pereira (1948), o primeiro milagre ocorreu no instante após sua morte e foi presenciado por Diniz que, desconhecendo a natureza sagrada da visão, sentiu-se atordoado e impelido a reprimir seus desejos de violar o corpo sem vida de Maria Bueno.

Estava tudo quieto ainda. Apenas o sol começava a lançar sobre aquele esconderijo os seus raios que tudo dourava e aquecia. Diniz os sentiu de chofre na retina. Recuou e voltou-se para o cadáver. E’ quando lhe vem ao pensamento a idéia monstruosa de o violar. Então, abruptamente, abriu o corpete do vestido que cobria os seios da donzela, mas quando seus olhos voluptuosos depararam com aquele quadro, Diniz houve que os esfregar e se levantar de sobre o corpo inane da donzela. Êle viu, nitidamente, em vez daquilo que procurava com avidez lúbrica, duas enormes chagas em lugar dos seios. Este foi o milagre que preservou a santa! (PEREIRA, 1948, p. 188).

Em uma narrativa que apresenta o mito enquanto modelo exemplar, os desígnios divinos haveriam de se cumprir: Maria Bueno foi morta em sacrifício. Seu corpo passa a ser relíquia sagrada, ele não poderia ser violado. É interessante observar como em um mito o espírito e o corpo são sagrados. Durante toda a vida o corpo de Maria Bueno não foi maculado, e é assim que deveria permanecer após sua morte. E ainda o desfecho desse milagre é coroado com um sinal divino para aqueles que não teriam dúvidas ao reconhecê-la como santa. “E não foi tudo; êle viu quando a moça, como num último extor de morte, ergueu o busto e ficou apoiada sobre os joelhos, tendo a cabeça pendida para traz e segura, apenas, por uns poucos tendões do pescoço!”. (PEREIRA, 1948, p. 188).

Quando seu corpo foi encontrado e a multidão se aglomerava em torno do cadáver, foi nessa posição que Maria Bueno pôde ser contemplada: “A donzela achava-se em atitude de

quem morrera rezando e suplicando: genuflexa. Foi aquele o milagre que mais chamou a atenção dos curiosos que ali foram ver a morta”. (PEREIRA, 1948, p. 188).

Por fim, a predestinação de uma santa não poderia deixar de ser coroada com um sinal dividido, simbolizado na posição genuflexa em que o cadáver de Maria Bueno foi visto por aqueles que presenciaram o cenário do crime.

Para Secundino Junior (1996), o primeiro milagre aconteceu horas depois de sua morte, quando seu corpo ainda era observado pelos transeuntes e estaria relacionado a um gesto de piedade de uma estranha.

[...] mas, do alto, ainda continuava, contra sua vontade, presa à matéria humana, observava o apressado movimento dos transeuntes que chegavam, a polícia a examinar tudo sumariamente, logo veio uma carruagem e foi transportada numa padiola, para o necrotério do hospital, voltando o silêncio e a solidão a reinarem no beco, agora claro pela luz do dia.

Porém, alguns instantes dessa remoção, dona Estela (que a história não guardou seu sobrenome nem outras qualificações) aproximou-se do burburinho em torno do cadáver.

Todos ainda pareciam horrorizados, quando a bondosa senhora adiantou-se e acendeu junto à sua cabeça, bem próximo ao muro, uma vela.

Era a primeira vela, trazida com sentimento, com devoção.

Maria Bueno subitamente, naquele quadro triste, onde ela própria se via deitada, o corpo ainda quente parara de gotejar sangue mas as dores diminuíram, a serenidade tomou conta de seu espírito até então intranquilo, alguma coisa parecia indicar que sua vida terminara, mas sua tarefa, imensa, mal começava.

Dona Estela acendera aquela luz, cheia de tamanha bondade que atingiu a aditosa moça, que ainda há pouco estava envolvida nas trevas do desespero, só e desamparada por várias horas, depois do último suspiro.

Aquela luz teve o dom de apontar-lhe o caminho. [...] (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 78)

Secundino Junior (1996) nos revela que uma senhora chamada Estela acendeu uma vela próxima a cabeça de Maria Bueno e, horas depois, quando seu cadáver foi levado para o necrotério, ninguém se importou em retirar a vela, que ali ficou. Estela, que morava em frente ao local onde o corpo foi encontrado, pôde ver á noite que a vela depositada piedosamente para Maria Bueno ainda se encontrava acesa e pouco tinha se queimado. Estela então decidiu recolher a vela e colocá-la em seu altar doméstico. Conta-se que a vela ficou acesa por quase uma semana até que Estela resolveu levar a vela para um pároco local ver se ela seria feita de algum material especial. Para sua surpresa não havia nada de especial na composição da vela, e ao levá-la para casa, Estela teria dito que a vela ficou acesa mais algumas semanas.

Dessa forma, Secundino Junior (1996) atribui a longevidade da vela como sendo o primeiro milagre de Maria Bueno que já, após sua morte, se revelava uma alma especial. A narrativa concebe ainda que não apenas em nosso plano existencial, mas também no plano

espiritual no qual Maria Bueno se encontrava quando isso aconteceu, a vela foi o elemento para alma de Maria Bueno encontrar a luz.

[...] E foi aquela luz, aquela vela, acesa com tanta unção, que clareou repentinamente sua missão depois da morte: levar alívio a quem quer que seja, atender os pedidos dos necessitados e distribuir toda sua imensa capacidade para o bem. (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 79)

Entendemos assim, por meio da narrativa mítica de Secundino Junior (1996) que a luz da vela permaneceu acesa, pois esta havia acendido no espírito de Maria Bueno a clareza de sua missão, reverberando aqui na Terra enquanto uma chama perene.

### 2.3 A santa

Para a história, cultuar santos em seus jazigos não é novidade, para ser mais exato foi exatamente assim que os primeiros cultos aos santos começaram. Nos primórdios do cristianismo, como atesta a historiadora Solange Ramos de Andrade (2010), os devotos dos primeiros santos se dirigiam para onde estes estavam enterrados e lá faziam orações, pedidos de intercessão e depositavam oferendas. Com o tempo, para abrigar essas relíquias depositadas pelos fiéis, foram sendo construídas capelas ao redor desses sepulcros; e os santos mais populares acabaram ganhando construções maiores, os templos. Foi assim que surgiram as primeiras igrejas dedicadas aos santos. Portanto, historicamente falando, todo santo em seus primórdios era um santo de cemitério. Hoje em dia são institucionalizados como Santos Padroeiros Locais.

A respeito da historicidade dos santos, descobrimos que os primeiros santos a serem cultuados foram os mártires e que a devoção por eles foi dada de maneira espontânea, como se o povo reconhecesse uma divindade naquele que sofre em nome de Cristo. Com o passar do tempo, porém, o conceito de mártir passou a abranger não apenas aqueles que davam a vida para defender a palavra de Cristo, mas também aqueles que morriam de forma violenta, provocado por homicídio ou doenças graves que causavam períodos prolongados de dor e sofrimento. O sofrimento na Terra representaria a redenção por seus pecados e a morte uma possibilidade de purificação (ANDRADE, 2010).

A *Legenda Áurea*, importante documento do século XIII, produzida por Jacopo de Varazze, é uma das coletâneas hagiográficas mais conhecidas e serviu de modelo para a escrita da vida de vários santos a partir da Idade Média. Ao trazer relatos de vidas virtuosas, a obra torna-se fundamental para o discurso hagiográfico.

[...], com efeito, nosso compilador ainda via os santos como pessoas cujas mortes, apesar de serem brutais, são acompanhadas por sons harmoniosos, pessoas cujos corpos torturados e mutilados emana odor agradável, pessoas cujos restos mortais são imputrefatos e têm poderes taumatúrgicos que beneficiam a todos os que peregrinam até seu local de descanso e veneração. (FRANCO JÚNIOR, 2003. p. 16.).

Nesse sentido, o martírio parece ter sido elemento importante para a construção da santidade. O conceito de santidade encontra-se na maior parte das grandes religiões e assume um significado ambivalente: evoca algo de terrífico, que implica uma separação radical na condição humana, mas também a possibilidade de relação com o divino susceptível de efeitos purificadores. (VAUCHEZ, 1987).

A característica do santo é a de ser, ao mesmo tempo, totalmente diferente e extremamente próximo do homem. Não existiria uma religiosidade que não tenha avançado também no compromisso e na exigência moral entendidos como exigência da divindade. Ainda assim, pode existir um reconhecimento humilde do *sanctum* sem que seja tomado por exigências morais. (OTTO, 2007).

Não se trata apenas de um receio diante do avassalador por excelência, perante o qual não resta nada senão a obediência cega e receosa. O que se exalta não é apenas o poderoso, por excelência, a exigir e impor seu poder, mas aquilo que em sua própria essência tem o direito supremo de reivindicar culto, ou seja, ser exaltado pelo simples fato de ser digno de exaltação.

A ideia de que homens religiosos possam participar da própria santidade da divindade e se beneficiarem, pelo menos em certa medida, dos seus atributos, viria a conhecer um sucesso extraordinário nos primeiros séculos da cristandade.

A isso não é evidentemente estranha a difusão do cristianismo, uma vez que, desde os primeiros tempos da Igreja, a virgem, os apóstolos e finalmente os mártires – os testemunhos privilegiados de Cristo – foram considerados santos e venerados pela comunidade dos fiéis. (VAUCHEZ, 1987, p.288).

Ressaltamos a importância do martírio para a compreensão de Maria Bueno, pois, conforme indicado, os jornais da época de seu assassinato não a indicam como modelo de virtude, ao contrário, é descrita como aquela que atentaria ao pudor, a dita boa conduta. Todavia, como perceberemos adiante, os discursos acerca de Maria Bueno vão se modificando, até que ela seja reconhecida como aquela que morreu em defesa da honra. Nesse sentido, a expiação pelo martírio, torna-se fundamental para a construção e legitimidade de

sua santidade.

Nenhuma religião exprimiu de forma tão consumada, profunda e intensa o mistério da necessidade de expiação como o cristianismo. Também por essa razão, e principalmente por ela, evidencia-se sua superioridade sob outras formas de espiritualidade, e isto segundo critérios estritamente religiosos. Ele é mais religião, religião mais consumada que outras, na medida em que aquilo que religião implica nele se tornou *actus purus*. (OTTO, 2007, p.95).

Refletirmos acerca da santidade em Maria Bueno implica considerarmos que sua legitimidade vem das narrativas literárias aqui analisadas e, de seus devotos, uma vez que não é reconhecida enquanto santa pela instituição católica.

Como afirmamos anteriormente, para Silva Junior (1939) o primeiro milagre de Maria Bueno foi soltar o bandido que a assassinara:

A vivíssima atualidade de que goza Maria Bueno da impressão de ser de ontem o caso, entretanto são passados 46 anos e já se acham embaralhadas as versões. Alferes do 8º. regimento de cavalaria, ao tempo, sr. Alcebiades Plaisant escreveu que o criminoso se chamava José Diniz, anspeçada desse corpo, a vítima era marafona e navalha a arma empregada. Escrivão do crime, o sr. Otavio Secundino, informa: Maria Bueno lavadeira à rua Saldanha Marinho, assassinada a punhal pelo amasio, cabo Diniz da Silva, de profissão civil barbeiro. Deste pormenor talvez aquela substituição do punhal pela navalha. Fóra de duvida: a mancebia e o assassinio; a controversia dos detalhes não destroe a essencia da lenda. Ao que se assegura, a fama de Maria Bueno nasceu com a descoberta do assassino, e que foi rara obra de sortilégio. (SILVA JUNIOR, 1941, p.89)

A palavra marafona aparece como descrição de Maria Bueno e como percebemos havia, anterior à publicação dessa crônica, a ideia de que Maria Bueno poderia ter sido uma prostituta. Salientamos que tal adjetivo não é atribuída por Silva Junior, mas se trata de uma transcrição que o cronista fez de Alcebiades Plaisant. No entanto, trazer tal afirmação para o corpo do texto remete certa consonância com as ideias pré-concebidas acerca de Maria Bueno. Supomos que Bandeira Junior não tivesse a intenção de afirmar, mas considerar a possibilidade de tal fato, ou se analisarmos mais profundamente a razão deste adjetivo figurar em sua escrita podemos chegar à conclusão de que poderia ser intento do autor ressaltar o atributo de prostituta em contradição com o da santa, para nos revelar a conclusão de que a religiosidade devocional ignora sumariamente que uma santa necessite de uma vida exemplar.

A análise que podemos fazer a partir deste trecho reside na possibilidade de destacar o caráter de religiosidade devocional na narrativa em Maria Bueno, e como esta se distancia da institucional, ressaltando que a depender da esfera social, grupos diferentes constroem regras diferentes inclusive quanto as crenças. Um distanciamento entre mundos é prenunciado pelo

cronista. O que nos leva a observar que esta narrativa pode prenunciar a crença devocional em Maria Bueno como um elemento “popular”, ou seja, o autor entende que o povo, pensado quase sempre como humilde e sem grandes formações intelectuais, teria desenvolvido o culto, às vezes por ignorância e fé cega.

A santa Maria Bueno de Silva Junior não era uma figura exemplar. Realizava milagres como todo santo, mas o julgamento atribuído à força de seu milagre está relacionado a um desejo pessoal da santa, neste caso o sexual. Podemos perceber como este autor possui algumas ideias definidas de um modelo de santidade: pura e casta. Sua indignação reside em considerar como Maria Bueno, que não era pura e casta, foi capaz de realizar milagres. Dessa maneira, embora negue seus atributos, legitima seu poder sobrenatural.

Em Sebastião Izidoro Pereira (1948), a santidade de Maria Bueno é revelada no instante após sua morte e impede que seu corpo puro seja violado. Não há conspurcação de seu corpo, é um corpo imaculado tal qual a Virgem Maria. Ademais, Pereira ainda o coloca, milagrosamente, em uma posição que sinalizaria para quem o encontrasse que ali jazia uma santa. Pereira se afasta da explicação de Silva Junior, pois o modelo de santa católica é concebido desde o nascimento de Maria Bueno, e todos os acontecimentos em sua vida estão em consonância com a predestinação de se tornar santa.

A história que se conta nesta narrativa mítica é que Maria Bueno teria sido a sétima filha, de uma prole de sete meninas, de um casal chamado Julia e Pedro. Sua mãe, dona de casa e seu pai, um humilde lavrador, atribuía à improdutividade de suas escassas terras ao fato de não ter nenhum filho que pudesse lhe ajudar na lida. Por esse motivo teria tentado atacar Maria Bueno ainda recém nascida. O impedimento de sua própria morte nos permite um vislumbre do aspecto predestinação na narrativa de Pereira (1948); Maria Bueno não impediu a inumação de seu corpo para se preservar, porque ela ainda teria que crescer e se tornar uma mulher para que seu destino se cumprisse.

Maria Bueno só gostou de um moço, o Artur de Lara, filho de João de Lara e que residia na mesma casa do sítio que pertenceu ao pai dela e onde ela nasceu. A última vez que eu vi Maria Bueno foi na casa dela e quando ela contou o seu namoro com o Artur. Eu a animei muito para casar com o moço que eu não conhecia. Depois ela foi ao sítio do moço, e lá ficou noiva dele. (PEREIRA, 1948, p. 18)

Essa narrativa reafirma a presença de elementos hagiográficos dentro do mito revelado por Pereira (1948). Há na primeira frase a sentença de que Maria Bueno pertenceria a apenas um único homem, ideia que é reforçada ao longo do livro. Dessa forma Maria Bueno foi retratada como alguém distante da superficialidade carnal. Ela teria descoberto o amor



romântico apenas meses antes de seu desenlace, como um alento por todos os anos de sua vida de sofrimento e dedicação ao próximo. Portanto, a santidade de Maria Bueno se revela enquanto um modelo exemplar.

Para Octavio Secundino Junior (1996), sua santidade é resultado da aceitação da morte além de um ato benfeitor que ilumina, a partir da chama de uma vela que não se apaga, seu espírito para aceitar as entidades espirituais que iriam suportar e conduzir a sua elevação espiritual.

Em algum lugar eu li, num escrito antigo, que Maria Bueno foi pessoa normal e que nunca manifestou qualquer traço de sensitiva, clarividência ou visionária iluminada. Claro: sua Revelação não estava nos atos em vida e sim, no exato instante da morte cruel, quando sua alma, debaixo do ferrete da dor, purificou-se, elevou-se para a missão a que estava destinada e que vai realizar, com bondade, ad aeternum. (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 56).

Embora Maria Bueno não tenha sido um modelo exemplar em vida, o martírio de sua morte a purificou. Tratava-se de uma alma que reencarnou na terra com a missão de aprender por meio dos sofrimentos e das adversidades impostos à carne e que, após a morte, quando retornasse sob forma de espírito, pudesse tirar proveito dos ensinamentos de sua vida pregressa e voltar como intercessora. (SECUNDINO JUNIOR, 1996).

## **2.4 A influência local**

Toda a natureza é passível de ser relacionada ao cosmo, portanto todo acontecimento histórico toma uma nova dimensão quando é vivido pelo homem religioso. Essa acepção é compreensível quando ponderamos que para o homem religioso toda criação é uma obra divina. E não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos deuses. (ELIADE, 1992). “Os deuses fizeram mais: manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do Mundo e dos fenômenos cósmicos”. (ELIADE, 1992, p. 57). “No conjunto, o Cosmos é ao mesmo tempo um organismo real, vivo e sagrado: revela as modalidades do Ser e da sacralidade. Ontofania e hierofania se unem”. (ELIADE, 1992, p. 59).

É possível que elementos míticos se fundam com elementos históricos sem que a presença de um interfira na concepção do outro. Para compreendermos essa associação, precisamos entender como o mundo se mostra aos olhos do homem religioso; mais exatamente, como a sacralidade se revela por meio das próprias estruturas do mundo. Também é preciso não esquecer que, para o homem religioso, o sagrado está

indissolúvelmente ligado ao natural e a natureza sempre exprime algo que a transcende tornando a história passível de ser santificada. Em resumo, a história se revela como uma nova dimensão da presença do sagrado no mundo. (ELIADE, 1992).

Dialogando com Eliade (1992) chegamos à conclusão de que o sagrado está circunscrito a geografia local, isto é, o sagrado se manifesta de acordo com o espaço físico geográfico profano, e se mistura com ele a medida que elementos do real sagrado se manifestam no espaço geográfico profano.

É dessa forma que finalizamos a análise, ao observar a geografia do sagrado no mito de Maria Bueno na medida em que a morte de Ignácio José Diniz se revela dentro de um contexto maior que é a Revolução Federalista, inserindo a concepção mítica da morte do assassino de Maria Bueno dentro de um espaço e de um tempo linear que se misturam com os fatos históricos.

Como já vimos, a Revolução Federalista chegou a Curitiba em 1894. Dada a violência dos maragatos, ficou conhecida também como a Revolta da Degola. Essa revolta fez inúmeras vítimas entre civis, políticos e militares, levando Curitiba a um estado de pânico generalizado. Outro fato que também é comentado pela historiadora Miriam Ilza Santana (2007) é o hábito que os maragatos tinham de libertar os presos das cidades que eles invadiam e aliciá-los em seu bando. Tal costume pôde levar à associação de que, se um criminoso estava na cadeia na época em que os revoltosos invadiram Curitiba, muito provavelmente, ele teria sido solto. É dessa forma que o fim de Diniz, o assassino de Maria Bueno, é concebido nos três mitos analisados, liberto pelos maragatos e posteriormente assassinado pelos próprios.

O enredo de cada narrativa se revela diferente em suas acepções, porém o que percebemos em comum é a noção de justiça divina: a morte de Ignácio José Diniz é considerada um milagre, uma intervenção divina em favor da justiça. Mas um castigo pode ser considerado um milagre?

Em razão das próprias relações que os homens estabeleciam entre si, Alba Zaluar (1983) comenta que, para participar da obtenção do milagre e serem dignos de receberem as graças dos santos de devoção, os fiéis estariam circunscritos a um código de moral que os explica, ou seja, para o milagre se realizar o rogado teria de ser merecedor da graça. Nesse sentido, Zaluar afirma que o milagre pode ser entendido também como castigo, pois o santo poderia proteger e prestigiar, mas também castigar, desde que este castigo fosse destinado a preservar os bons. É a justiça divina se mostrando perfeita em contradição a justiça humana que é falha.

Na obra de Silva Junior a aparição do assassino se dá a partir da reconstituição do crime. Ignácio José Diniz, anspeçada do 8º Regimento de Cavalaria de Curitiba em 1893, aparece neste mito como amásio de Maria Bueno. Ele é condenado a trinta anos de prisão, mas segundo o mito passou pouco tempo preso, pois logo os revoltosos federalistas o colocariam em liberdade.

Graças a essa intervenção divina, foi condenado ao trintenio da pena máxima. O impressionante passe de taumaturgia restara incontrastável, se outro (e este fóra da lenda) não viesse por sua vez beneficiar o réu: pouco depois, no ano seguinte, a cidade é tomada pelos Federalistas, que desferrolham as portas da cadeia. E o assassino de Maria Bueno respira, impune, as auras da liberdade. Aliás por breve tempo: reincide logo no crime, perpetrando um homicídio no Pilarzinho; a justiça revolucionária, embora incoherente pois soltara a fera, foi pronta: Diniz, de joelhos, junto ao portão do quartel, recebe a descarga mortal. (SILVA JUNIOR, 1941, p. 90).

Na citação acima temos duas considerações a destacar; a primeira é que a conjectura da morte de Diniz pelos maragatos iria imortalizar esta crônica pela repetição em outras fontes e serviria para atestar o prenuncio de manifestação da santidade de Maria Bueno. A segunda é que não atribui à intervenção mítica apenas a condenação do assassino, mas também a sua soltura pela vontade da própria santa. Como vimos no primeiro milagre de Maria Bueno revelado por Silva Junior. É fato que apesar de libertado, a justiça divina não deixou de punir o criminoso que ousou matar uma santa. O mal foi extirpado e a ordem voltou a fluir no cosmo.

Porém, há um pormenor a destacar, a questão do código moral de um grupo, pois dentro do mito de Silva Junior não podemos conceber o conceito de justiça divina exemplar como obra da santa Maria Bueno, pois o autor atribui não a prisão de Diniz como intercessão de Maria Bueno, mas a soltura do bandido que ela amava. Este conceito dialoga com Zaluar (1983) na medida em que estabelece uma moral definida dentro da perspectiva do grupo ao qual Maria Bueno estaria inserida; proteger o homem que amava, mesmo sendo seu assassino, não foi motivo suficiente para desqualificá-la como santa.

Na obra de Pereira (1939) a morte de Diniz pelos maragatos está contida no final do relato de Sebastiana Garcia, colhido pelo próprio autor.

Um dia antes de Maria ser morta ela ainda falou comigo quando se dirigia para casa onde ela ia fazer uns doces para uma pequena festa. Eu só soube da morte dela no dia seguinte ao meio dia. Não fui vê-la porque não tive coagem, Fiquei muito penalizada com a morte dela. Mas depois descobriram o criminoso, que era um soldado do 8º Regimento. Mais tarde ele foi solto pelo Gumercindo que soltou os presos quando entrou na cidade. Mas o soldado também foi fuzilado pelo mesmo

Gumercindo. Eu soube disso e fiquei contente, porque Deus castigava o bandido que havia morto a minha amiga Maria Bueno. (PEREIRA, 1948, p. 19).

A intervenção divina prenuncia uma história sagrada e dá forma a um mito que começa a ser criado em torno de Maria Bueno. Sebastiana Garcia foi enfática ao afirmar que Deus havia castigado o homem que assassinou Maria Bueno. Novamente podemos perceber que o mito revelado por Pereira (1948) está em consonância com a predestinação. Ao nascer, o destino de Maria Bueno já havia sido anunciado por uma santa e durante sua vida e mais em sua morte, Maria Bueno passou por várias provações e, um ser invisível estaria presente, uma força sagrada teria impedido a mácula de seu corpo, significando o cumprimento da justiça divina. Dessa forma observamos os elementos hagiográficos presentes na concepção desse mito que reforçam a crença de que Maria Bueno foi concebida para os desígnios de Deus.

O ponto principal nessa citação é a aceção de um amálgama entre o divino enquanto devoção e a política enquanto afinidade. No mito concebido por Pereira (1948) os elementos hagiográficos se estendem da figura de Maria Bueno para fatos históricos que fizeram parte da construção da identidade de Curitiba. O desfecho empregado pelo autor apresenta os elementos já discutidos em Silva Junior (1941), a morte de Diniz pelos maragatos que tomaram Curitiba em 1894, porém com novas conotações que revestem o acontecimento histórico regional com ingredientes míticos. Segundo tal narrativa podemos conjecturar que Curitiba estava protegida por uma santa e que esta santa, nascida com sua morte, estaria despontando para a divindade ao mesmo tempo em que a cidade passava por seu momento mais crítico.

Consideramos, por fim, a revelação de Secundino Junior (1996) na qual Diniz teria fugido da cadeia. O autor frisa que os revolucionários federalistas não libertaram os bandidos da prisão, mas foram os guardas de serviço que ao fugirem de medo com a chegada dos maragatos permitiram a fuga dos presos. Também afirma que Diniz não teria sido aliciado por Saraiva, mas se infiltrado no pelotão sem que este soubesse de seus antecedentes criminais. Por fim, Gumercindo Saraiva é elevado à condição de intercessor, cujo destino era punir o matador de Maria Bueno, portanto um herói:

Foram três personagens que o Destino quis que se cruzassem na cidade de Curitiba, cada qual com um a finalidade diferente. O Perverso I. J. Diniz, para mostrar até onde pode atingir a maldade humana, Gumercindo Saraiva para provar que finalmente o bem sempre vence o mal e foi o braço punitivo. (SECUNDINO JUNIOR, 1996, p. 110)

Nos deparamos com a repetição de antigos personagens em nova narrativa mítica. Dessa vez Diniz não aparece no grupo dos maragatos porque seria semelhante a esses, mas a intervenção do sagrado já começaria no momento de sua soltura, era certo que o assassino de Maria Bueno encontraria em sua falsa liberdade o destino que o aguardava.

...

Neste item trabalhamos com três apropriações literárias de Maria Bueno. Encontramos algumas divergências nas narrativas, mas, como observa Eliade (1992) “A memória pessoal não entra em jogo: o que conta é lembrar o acontecimento mítico, o único digno de interesse, porque é o único criador. É ao mito primordial que cabe conservar a verdadeira história.” (ELIADE, 1992, p. 53).

Pensar como essas três obras contribuíram para a formação do mito de Maria Bueno é fundamental para compreendermos as dinâmicas existentes entre da história das religiões e das religiosidades. O mito desempenha um papel tão importante porque ele revela como uma realidade veio à existência (ELIADE, 1992). E sem isso não seremos capazes de compreender as práticas das pessoas que visitam o túmulo de Maria Bueno, fazem pedidos e agradecem milagres, as quais serão tratadas no último item. Como alertam Campbell e Moyers,

Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo. (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 137).

Maria Bueno aparece nas três narrativas a realizar dois tipos de proeza: a proeza física, o ato de coragem, durante a batalha, para proteger o seu corpo e castidade na visão de Pereira (1948) e, a proeza espiritual, onde aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem, seja a de Silva Junior (1941), Pereira (1948) ou Secundino Junior (1996).

Além disso, como evidenciaremos no próximo item, essas narrativas míticas literárias são fundamentais para o debate historiográfico realizado em torno de Maria Bueno.

### 3 O ESTADO DA ARTE E AS APROPRIAÇÕES HISTORIOGRAFICAS

O Estado da Arte é uma das partes mais importantes de todo trabalho científico, uma vez que faz referência ao que já se tem descoberto sobre o assunto pesquisado, evitando que se perca tempo com investigações desnecessárias. Além disso, auxilia na melhoria e desenvolvimento de novos postulados, conceitos e paradigmas. (MARQUES, 2004, p. 17)

Neste item, a partir da bibliografia especializada sobre Maria Bueno, identificamos as abordagens realizadas nos estudos acerca de sua história e os elementos que se aproximam e distanciam de nossa proposta de abordagem.

Como alerta Certeau (1992), toda ciência é constituída pela atribuição de práxis, um método, ou seja, uma estratégia inerente a sua essência científica. É a forma como os cientistas organizam conjuntos de ideias para torná-las inteligíveis. Contudo, se a ciência fosse constituída apenas por técnica não seria senão um amontoado de palavras sem significação prática, social. ‘Dizer’ compreenderia os discursos perpetrados por cientistas de diferentes áreas e sua significação enquanto transmissão de ideias, enquanto ‘fazer’ seria a observação das práticas que influenciam e são influenciadas pelos discursos, mas que não dependem destes para existir. O discurso não substitui a práxis social, mas é sua testemunha frágil e realizar sua crítica se faz uma operação necessária (CERTEAU, 1992, p. 59).

Para Certeau (1992), o discurso histórico explicita uma identidade social, não como dada ou estável, mas enquanto se diferencia de uma época anterior ou de outra sociedade. Toda bibliografia compreende um discurso internalizado e a junção do que o autor diz e como pretende ser compreendido. Cada produção bibliográfica está articulada ao lugar social de produção, apresenta embates sociais, é comunicação que expressa as medidas de força presentes naquele que pretende significar. Portanto, uma produção bibliografia é, antes de tudo, uma necessidade de significar um discurso historicamente.

Se por um lado, o discurso refere-se à construção das narrativas historiográficas sobre Maria Bueno, sendo uma forma estratégica de atribuir-lhe conceitos, por outro lado, o conceito de “representação” é empregado para compreender a construção da imagem de Maria Bueno por meio do discurso. Discurso porque trata de algo intencional e ainda que se pretenda a neutralidade, o autor escolhe seu recorte de acordo com o tema que pretende abordar. Ao escrever, um cientista já tem traçado qual ideia pretende expressar e, se possível, de que maneira deseja ser compreendido por seus pares (CERTEAU, 1992).

Apresentamos, por ordem cronológica, quatro pesquisadoras: Vera Irene Jurkevics (2004); Andréa Alvarenga de Lima (2007); Conceição Aparecida dos Santos (2010) e; Julia Impéria Koster (2011).

### 3.1 Vera Irene Jurkevics (2004)

Vera Irene Jurkevics defendeu em 2004 a tese intitulada *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Maria<sup>15</sup> Bueno não é o único personagem estudado, mas recebe atenção especial no quarto capítulo intitulado, “Maria Bueno, a santinha de Curitiba”.

Entendemos a importância dessa tese enquanto um panorama muito bem detalhado sobre a devoção não institucional no Brasil. Esse foi também o primeiro escrito acadêmico sobre Maria Bueno que tivemos acesso para iniciar nossa pesquisa. O estudo apresenta excertos dos periódicos que noticiaram a morte de Maria Bueno e o julgamento de seu assassino Ignácio José Diniz. Outro destaque em sua tese é como a autora conduz o assunto religiosidade popular, termo utilizado para definir religiosidade não institucional.

Maria Bueno não aparece como objeto de estudo em si, mas como um exemplo elencado dentre outros santos devocionais para analisar a forma como se estabelece a devoção. Em relação à Maria Bueno a autora aborda mais os documentos escritos, como jornais, do que a crença por meio dos devotos. A problemática dos santos oficiais e não oficiais é apresentada da seguinte maneira:

A reflexão acerca desta temática descortina uma extensa gama de expressões, nas quais estão presentes, tanto a fé institucionalizada, burocratizada, como reflexo de uma organização racional, quanto uma outra, espontânea, subjetiva e puramente emocional que se legitima sem quaisquer formalidades, daí ser identificada como manifestação de religiosidade ou piedade popular. (JURKEVICS, 2004, p. Introdução não paginada)

A autora percorre o universo de investigação acerca de devoções e outras expressões sagradas que podem transitar tanto por caminhos institucionais quanto não institucionais sem deixar, no entanto, que uma forma anule a outra. No primeiro capítulo intitulado “Práticas Populares de Religiosidade”, a autora ocupou-se com a construção histórica do conceito de “religiosidade popular”. No segundo, “Diretrizes de uma Igreja em Transformação”

---

<sup>15</sup> Essa tese foi apresentada pela autora para obtenção do título de doutora em História no curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, orientada pelo Prof. Dr. Euclides Marchi.

identificou as mudanças realizadas dentro da própria estrutura eclesiástica que teve no Concílio Vaticano II, um divisor de águas. Em “Os Santos da Igreja e a Devoção a Outros Santos”, Jurkevics centrou no entendimento da construção da figura do santo dentro do catolicismo. No quarto e último capítulo, “Maria Bueno, a “santinha” de Curitiba” abordou a devoção santoral, no contexto da religiosidade devocional na construção de piedade, leiga e desclericalizada de Maria Bueno.

A problemática que a autora criou para residia em focalizar a devoção em Maria Bueno como exemplo de uma manifestação devocional na cidade de Curitiba. As primeiras fontes elencadas pela autora foram os periódicos analisados enquanto *corpus* documental.

A riqueza informativa da imprensa periódica para este estudo reside no fato de que, em conjunto com alguns folhetins de memorialistas e o romance Maria Bueno, de Sebastião Izidoro Pereira (1948), foram importantes instrumentos de pesquisa, na medida em que comprovaram a existência de um fenômeno de longa duração e nos permitiu esquadrihar a construção mitológica deste culto, ocasião em que também encontramos algumas vozes de resistência. (JURKEVICS, 2004, p. 152)

A partir da construção das fontes a autora criou suas análises trazendo um pouco do contexto da época em que a fonte foi escrita. Podemos perceber tal intento na frase: “Apenas um crime passionnal” (JURCKEVICS, 2004, p. 154), ao definir como a morte de Maria Bueno foi recebida pelos curitibanos da época. Como ressaltamos no início deste tópico, a práxis é o que identifica um cientista.

Ao lermos a tese de Jurkevics percebemos estar diante de uma historiadora. Sua tese possui um sólido respaldo em fontes documentais, traça uma linearidade entre o passado e o presente, nos permite compreender a construção do que a autora denominou de religiosidade popular. Ao estudar suas significações ao longo do tempo, Jurkevics (2004) aponta transformações à medida que cada época ganhava seus contornos.

Ao tratar de Maria Bueno, compreendemos como a autora a representa por meio de sua escrita. Jurkevics propõe uma interpretação dos jornais da época da morte de Maria Bueno analisados dentro de um contexto histórico e destaca como a imagem de Maria Bueno está relacionada à forma devocional que a concebeu.

Concordamos com a autora que vinculada à mídia essa transformação se deu de maneira sutil, incorporando elementos contemporâneos a uma crença secular. Por outro lado, verificamos por meio de nossas pesquisas de campo que no mundo do sagrado essa alteração é quase imperceptível, Maria Bueno ainda continua sendo a mulher assassinada injustamente que se tornou santa pela morte em martírio. O que se conta a respeito de sua vida em momento algum impediu que a crença se instaurasse ou que acarretasse rupturas nos modos



de cultuar Maria Bueno, também a sazonalidade em torno de sua crença pouco se altera, fato verificado nas análises do periódico *Gazeta do Povo*.

Este trabalho é importante na medida em que nos permitiu ter um primeiro contato histórico com Maria Bueno por meio das fontes apresentadas. Além de permitir um diálogo entre a crença em Maria Bueno e a concepção do devocional enquanto algo intrínseco à mentalidade e formação do catolicismo no Brasil.

### **3.2. Andréia de Alvarenga Lima (2007)**

No artigo “A saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba”<sup>16</sup>, no ano de 2007, Andréia de Alvarenga Lima, historiadora e especialista em Psicologia Analítica, privilegiou a análise psicológica do mito Maria Bueno enquanto arquétipo do herói local.

A maioria dos trabalhos, que tivemos acesso, priorizava o viés devocional de Maria Bueno, com abundância em análises de fontes jornalísticas. Já Lima (2007) investigou os significados da crença em Maria Bueno no contexto da cidade de Curitiba, por meio dos conceitos teóricos da psicologia analítica, tais como o arquétipo do herói, a vítima sacrificial e o eixo oposto santa/prostituta.

A metodologia da autora levou em conta dois aspectos fundamentais: por um lado as narrativas míticas de Maria Bueno foram relacionadas aos seguintes elementos: a construção de sua santidade, os motivos que levaram à sua morte, o fato de ter sido considerada prostituta e a aproximação que esses elementos criaram no imaginário coletivo de Curitiba para que instaurasse o culto à santa.

Dessa forma, a autora recriou o que definiu como “a saga do herói local”. O herói local, segundo Lima (2007), seria oriundo de uma história baseada em fatos reais, porém pontuadas por mitos que serviriam para preencher as lacunas deixadas pelo tempo e pela oralidade. Para Lima (2007), ao partir da conceituação que Jung faz do inconsciente e do arquétipo, o culto à Maria Bueno poderia ser compreendido como uma expressão mitológica na cidade de Curitiba e, enquanto mito seria uma forma de expressão arquetípica. Portanto, sua hipótese é de que a exploração e o desdobramento das imagens contidas nesse mito falam da alma de Curitiba, apontando para um conteúdo do inconsciente coletivo que se encontraria entre seus habitantes.

Para Lima, a saga do herói local seria:

---

<sup>16</sup> Publicado em uma revista virtual curitibana chamada *Psicologia Argumento*.

Uma saga local é uma história contada sobre algo que teria acontecido em determinado ponto geográfico conhecido. Diferentemente dos mitos, onde os personagens são divinos ou possuem características que os aproximam das divindades, a saga local fala de um ser humano comum, que tem uma experiência sobrenatural ou parapsicológica. (LIMA, 2007, p. 174)

A autora acrescenta ainda, que nas diferentes versões, o relato a respeito da história de Maria Bueno se amplia e se enriquece na mesma proporção em que as imagens e os temas arquetípicos lhe são acrescentados. A princípio Lima (2007) aponta Maria Bueno enquanto uma das possibilidades da vivência trágica do feminino. A imagem de santa milagrosa, associada à aura trágica da sua morte, mobilizaria as pessoas em decorrência de uma gama de símbolos que surgem espontaneamente, ligados a ela.

De acordo com Lima (2007), o arquétipo seria a forma pela qual os seres humanos tipicamente imaginam o mundo. Para exemplificar sua linha de pensamento, Lima (2007) aponta características que colocariam Maria Bueno como uma representante da heroína: a origem improvável; o amadurecimento precoce; a prova final; efeitos póstumos e milagres. Outra questão salientada pela autora seria o eterno embate entre masculino e feminino. Segundo Lima (2007), Maria Bueno foi vítima de seu “amante demoníaco”, figura presente em outras sagas e sonhos que representaria o aspecto dual do masculino.

O que parece sobressair na narrativa, todavia, refere-se à dualidade entre a santa e a prostituta. A autora cita já no começo do artigo a dualidade presente na figura de Maria Bueno e como a dicotomia da santa/prostituta se revelaria no arquétipo de luz/sombra, que criariam um elo entre Maria Bueno e o inconsciente coletivo de Curitiba pela afirmação da presença do herói enquanto algo a ser cultuado.

Embora seja interessante uma análise sobre crença ser contemplada pela psicanálise, como, nós partimos do princípio que para estudar devoção é preciso estabelecer um diálogo com os devotos e que a crença estaria ligada ao sentido de fé antes de um imaginário coletivo. Porém, alguns elementos apontados pela autora se repetem nas análises sobre a devoção, pois o que a autora aponta como um arquétipo presente no inconsciente coletivo, nós entendemos como a criação do modelo exemplar, presente em todas as hagiografias e em muitos mitos devocionais.

Também discordamos quanto à imagem da prostituta ter contribuído com o culto. Concordamos que, para os veículos midiáticos ter a história de uma santa prostituta seria interessante, mas quando adentramos ao espaço sagrado de Maria Bueno verificamos que essa

condição atribuída à sua figura não é levada em consideração, não há manifestações negativas ou positivas a este fato.

### 3.3 Conceição Aparecida dos Santos (2010)

Passamos agora para a dissertação da socióloga Conceição Aparecida dos Santos, intitulada *Como nascem os santos: o caso Maria Bueno*, escrita em 2010<sup>17</sup>. Este trabalho possui a produção bibliográfica com maior profusão de detalhes. A metodologia empregada pela autora é denominada de pesquisa de campo etnográfica<sup>18</sup>, isto é o reconhecimento da devoção à Maria Bueno se deu por meio da observação de seus espaços rituais. O espaço ritual de Maria Bueno, segundo Santos (2010), não abrangeria apenas o Cemitério São Francisco de Paula, mas sim uma série de circuitos.

Pela leitura podemos entender circuitos enquanto diversas formas agrupadas de devoção à Maria Bueno. Em observações empíricas, extraídas de suas pesquisas de campo, a autora nos levou a conhecer o espaço ritual das benzedadeiras; dos centros espíritas; dos terreiros de umbanda e do próprio cemitério onde se encontra a capela de Maria Bueno.

No entanto, o que mais chamou nossa atenção no trabalho de Santos (2010) e o que o diferencia das outras produções analisadas é a recuperação da identidade negra de Maria Bueno. Ainda que este não seja o tema levantado pela autora em sua dissertação, podemos perceber essa recuperação ao longo do seu discurso. Elegemos dentre vários elementos condizentes com essa aproximação, a problemática apontada por Santos (2010) em relação à contenta que teria acontecido entre duas igrejas católicas de Curitiba, tendo o corpo de Maria Bueno como símbolo, apresentada no terceiro capítulo “O processo de constituição do culto a Maria Bueno”. Essa passagem foi escolhida para nossa análise por ser algo inédito em outros trabalhos.

Ao tratar das possíveis origens da crença em Maria Bueno, Santos (2010) nos apresenta o embate entre os fiéis e, principalmente, clérigos da Igreja Matriz em

---

<sup>17</sup> Santos é socióloga formada pela Universidade Federal do Paraná, instituição sediada em Curitiba/PR e sua dissertação é em Antropologia Social, orientada pela Doutora em antropologia e sociologia Sandra Jacqueline Stoll.

<sup>18</sup>Esse instrumento primordial que denominamos Etnografia pertence a uma determinada tradição de estudos e de investigação na produção de materiais para servir de análise que, simultaneamente, tem sido ferramenta técnica e metodológica. A pesquisa etnográfica apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas. (Definição do Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição).

contraposição aos fiéis da Igreja dos Irmãos Pretos do Rosário<sup>19</sup>. Santos conjectura que o culto à Maria Bueno pode ter surgido em função de uma disputa eclesial.

Santos (2010) narra que, por conta da urbanização na cidade de Curitiba, os ditos indesejáveis foram varridos para a periferia da cidade, com o objetivo de dar espaço à urbanização, além de afastar aqueles que não se encaixavam na moral vigente e que, ao ter sido assassinada nesse espaço, Maria Bueno não se encaixava na moral vigente.

Outro conflito existente era o dos frequentadores da Igreja Matriz com os da Igreja dos Irmãos Pretos do Rosário. Devido a uma reforma, os párocos e fiéis da Igreja Matriz teriam de assistir as missas na Igreja do Rosário. No entanto, a Igreja do Rosário preservava festas e congadas, resquícios de religiosidade afro-brasileira e com a vinda de um novo pároco que queria suprimir essas manifestações aconteceu o confronto.

Santos (2010) nos oferece um panorama de como a sociedade curitibana de fins do século XIX se dividia quanto a grupos étnicos sociais dentro do catolicismo:

Acredita-se que a Igreja do Rosário (como é chamada) tenha sido construída por volta de 1730, pelos escravos da então Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. O templo, que era mantido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, tornou-se local de sepultamento dos Irmãos do Rosário, na sua maioria escravos. Os registros de sepultamentos mais antigos datam de 1764. Apesar de ter sido construída para o sepultamento dos escravos, a igreja dos pretos amparava também os brancos, sobretudo, os desvalidos<sup>7</sup>. Os menos favorecidos pela estrutura social criavam os próprios meios para que não lhes subtraíssem a proteção divina simbolizada pelo sepultamento *ad sanctos*. (SANTOS, 2010, p. 17).

A autora afirma que “A Igreja do Rosário atravessou séculos como capela de rezas do terço e ladainhas, além de local de ritos fúnebres. Os padres da paróquia raramente celebravam missas no local que era reduto das irmandades negras.” (SANTOS, 2010, p. 77). Posteriormente, a Igreja do Rosário passou a abrigar os fiéis da Igreja Matriz, o que causou certo estranhamento nos fiéis que já frequentavam a Igreja do Rosário:

Por volta de 1870, essa situação mudou. Quando grande parte dos templos católicos de Curitiba encontrava-se a ponto de ruir, o governo da província juntamente com o clero local decidiu demolir a igreja matriz e construir outra no lugar. O único templo em condição de uso era a Igreja do Rosário, que ficou sendo a matriz de Curitiba até

---

<sup>19</sup>A atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito é uma construção de 1946, em estilo barroco. Construída no mesmo local da antiga igreja, demolida em 1931. A primeira igreja do Rosário foi construída por escravos e para os escravos, inaugurada em 1737, em estilo colonial. Era a terceira igreja de Curitiba, depois da Matriz e da Igreja da Ordem. O nome original era Igreja de Nossa Senhora dos Pretos de São Benedito. Com a abolição da escravatura, a igreja perdeu sua razão original de ser. Serviu de matriz de 1875 a 1893, durante a construção da Catedral, na Praça Tiradentes. (Guia Histórico de Curitiba). Santos (2010) se refere à essa igreja como “Igreja dos Irmãos Pretos do Rosário”.

a inauguração da atual Matriz (a Catedral da Praça Tiradentes, inaugurada em novembro de 1893). (SANTOS, 2010, p. 78).

Para Santos (2010), o conflito entre as manifestações de religiosidade não institucional e o clero sempre apresentaram roturas e embates, porém ao ver seu espaço "invadido" e a tentativa de transformá-lo intensificou essa disputa. A autora prossegue com a observação de que Dom Alberto, o pároco da Igreja Matriz que passou a atuar na Igreja do Rosário, sempre manteve ligações com os altos escalões da Igreja católica e, a julgar pelas suas iniciativas e empreendimentos, seguia as coordenadas de Roma, que em fins do século XIX lutava para suplantar o catolicismo instituído no período colonial, de forte enraizamento popular e persistência de uma religiosidade paralela a instituição oficial.

Na medida em que entre esses dois setores havia tanto um distanciamento vislumbrado na recusa da Igreja Matriz em realizar os ritos póstumos à Maria Bueno e uma aproximação quando a Igreja do Rosário toma para si a função de realizar a celebração fúnebre, a partir do trabalho de Santos (2010), concebemos que Maria Bueno poderia ter sido alvo de disputa entre uma postura clerical de imposição da moral cristã e um grupo social que tentava se afirmar diante de suas raízes africanas.

Não temos registros da participação de Maria Bueno na Irmandade dos Pretos do Rosário, ou de que ela teria sido frequentadora da Igreja do Rosário. No entanto, somos levados a conjecturar uma aproximação tardia de Maria Bueno com a comunidade negra curitibana. Um dos pontos mais controversos é a apresentação de um panfleto que teria sido impresso pela Irmandade dos Pretos do Rosário de Curitiba, um convite para uma missa póstuma em homenagem a Maria Bueno, que teria ocorrido um mês após sua morte, conforme data que consta no convite:

Essa missa tardia pode ser interpretada como reafirmação de um dos preceitos mais caros às irmandades negras: o do cuidado devido aos mortos em nome da piedade cristã. Frente à recusa do clero, que haviam considerado Maria Bueno indigna de rituais póstumos, os Irmãos do Rosário (em tese) tomam a iniciativa de providenciar o "passamento" e fazer valer o preceito da piedade cristã. (SANTOS, 2010, p. 81)

Antes de transcrever a fonte coletada por Santos (2010), devemos destacar que devido a morte violenta e as notícias do julgamento de seu assassino Ignácio José Diniz, Maria Bueno passou a ser uma figura pública em Curitiba logo após sua morte, e poderia ter se tornado forte candidata a símbolo dessa disputa apontada pela autora. Ter Maria Bueno poderia ser mais do que uma expressão de piedade ou afronta ao pároco da Igreja Matriz,

poderia ser também uma forma de obter visibilidade para uma causa que tomava vulto no seio de Curitiba.

Santos (2010) transcreve o convite da possível missa póstuma que teria sido realizada em honra a Maria Bueno, na Igreja do Rosário, promovida pela Irmandade dos Pretos do Rosário. Segundo a autora essa fonte teria sido apresentada em um programa de televisão por Edvan Ramos, que a autora descreve como sendo um estudioso leigo:

Missa de 30 Dia, O clube 13 de maio por sua diretoria reunida mais uma vez em missão espiritual, vem convidar todos irmãos e irmãs da Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário e do Glorioso São Benedito dos Pretos de Curitiba para assistirem a missa pelo 30 dia do seu passamento da nossa irmã Maria Bueno, assassinada covardemente no dia 29 de janeiro do corrente ano. Este ato de caridade cristã será realizado em nossa Igreja do Rosário às 8 h da manhã do dia 13 de maio de 1893. Contemos com presença de todos. A diretoria, Manoel Pereira dos Santos (secretário). (SANTOS, 2010, p. 75)

Santos compreende que tal fonte insere Maria Bueno, por meio de um rito fúnebre, nos conflitos paroquiais que ocorriam em Curitiba. Destaca, ainda, que o termo “irmã” seria uma espécie de agregação póstuma na qual Maria Bueno foi inserida pelo grupo.

Destacamos essa contenda religiosa, cultural e étnica, por conta da autora ter nos apresentado em sua dissertação a transcrição desse panfleto a indicar que, com a recusa da Igreja Matriz em encomendar o corpo de Maria Bueno, a Irmandade dos Pretos do Rosário teria se prontificado em fazê-lo. A transcrição apresenta um convite, sem autoria, sobre uma suposta missa de 30 dias que seria realizada na Igreja do Rosário à Maria da Conceição Bueno. A própria autora não atesta a veracidade dessa fonte histórica, porém usa como ilustração para construir um discurso sobre um provável embate sócio-cultural-étnico que ocorria em Curitiba à época da morte de Maria Bueno.

Acreditamos que existe a possibilidade de tal fonte ter sido escrita muito tempo após o episódio, o que não diminuiria sua importância, pois nos permite identificar uma aproximação tardia entre a Igreja do Rosário e a figura de Maria Bueno, como uma forma de representação da santa como símbolo da comunidade negra local; assim como Maria Bueno também se tornou tardiamente um símbolo de mártir curitibana, reafirmando sua identidade negra.

### **3.4. Julia Impéria Koster (2011)**

O último trabalho que abordarmos é um artigo que no primeiro olhar parece voltado exclusivamente ao âmbito jurídico, mas se expressa fortemente como um apelo social na

medida em que apresenta um discurso feminista. A abordagem de diferentes discursos em diferentes épocas nos permite entender como Maria Bueno, e principalmente o discurso que fazem sobre ela, atende diretamente as mudanças sociais e aos paradigmas que acompanham as ideias científicas. Trata-se do artigo intitulado “A construção de uma santidade popular e os direitos da mulher”, de Julia Impéria Koster publicado em 2011<sup>20</sup>. A autora é categórica ao afirmar que:

Falar de Maria Conceição Bueno, mais conhecida como Maria Bueno, a “santa” de Curitiba, é falar do povo paranaense, de sua história, de seus costumes, da colonização e das marcas que o tempo não apaga. (KOSTER, 2011, p. 01).

Por esse trecho, percebemos pelas aspas, que não será um discurso sobre crenças, mas como a própria autora nos permite entender será um discurso pautado principalmente sobre os direitos femininos.

Koster (2011) desenvolve uma pesquisa bibliográfica, com base nos fatos narrados pelos jornais da época, em revistas e periódicos que se dedicaram ao assunto Maria Bueno e crimes passionais. Eram as únicas fontes para pesquisa, segundo a autora, ao afirmar que o processo de julgamento do indiciado estava desaparecido, e dele tinha apenas o registro na Vara Criminal da Comarca de Curitiba. Também foram estudados relatos de tradição oral e documentos não oficiais como as placas votivas do Cemitério Municipal de Curitiba.

O contexto histórico que a autora aponta é o da recém-libertação dos negros escravizados ressaltando a falta de estrutura para receber esse contingente humano dentro de um novo sistema social. O resultado, segundo Koster (2011), foi o surgimento de uma classe marginalizada e empobrecida.

De forma geral seu artigo aborda os crimes passionais, denominados “crimes de sexo”. Maria Bueno é enquadrada pela autora nessa categoria. Ressalta ainda que a vítima era uma mulher solteira, parda, trabalhadora, provedora de seu próprio sustento, com um passado de rejeição e sofrimento e que tentava ser a senhora de seu próprio destino.

Para Koster (2011), quer fosse prostituta ou não, o foco em Maria Bueno residiria em entender o que se passou na época com a moral vigente, que não perdoava seu comportamento mais liberal, como parece não perdoar hoje, mais de cem anos passados.

---

<sup>20</sup> Este artigo foi publicado na revista eletrônica *Âmbito Jurídico*. Koster é advogada e professora, graduada em Direito e licenciatura plena em Matemática e Física. Especialista em Matemática Aplicada, Administração Pública e Direito Tributário, trabalhava, na época da publicação de seu artigo, na área jurídica no estado de Rondônia, mas já foi residente no estado do Paraná onde trabalhou para o governo. Em 2008 fez doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Facultad Del Museo Social Argentino (Argentina), orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Rabinovich.

Segundo a autora, mudaram as leis, os direitos foram assegurados no papel. Movimentos se fizeram, momentos históricos foram vividos, mas a realidade parece não ter mudado.

De acordo com Koster (2011), os crimes passionais, contra a ordem e os costumes foram, e ainda são, motivo de grande preocupação pelo Judiciário, pois esses sempre existiram e nunca estiveram fora dos noticiários. Em maioria abrange parentesco ou questões íntimas entre os envolvidos, e por esse motivo, somente quando levados a extremos, como o homicídio, é que necessariamente vão aos tribunais. A autora completa ainda:

A preocupação em “zelar pela reputação feminina” é inserida, pela primeira vez, no Brasil independente, mas ainda Império, no Código Criminal de 1830, seguido pelo Código de Processo Criminal, em 1832. Os artigos 219 e 222 do Código Criminal tratavam especificamente do bem a ser preservado como honra, a virgindade, com castigos severos a quem infringisse tais normas penais. Demonstravam uma proteção à figura feminina, ficando clara a sua inferioridade como ser humano, e sua honra, um bem social a ser protegido. (KOSTER, 2011, p. 04).

Fica claro por meio de Koster (2011) que a honra e honestidade eram um bem a ser protegido quando pertenciam a mulheres ditas honestas, e a elas também competia comprovar essa condição. Não era raro, como também não é hoje, as mulheres fugirem dessa comprovação, pois os severos “tribunais sociais”, que ao protegerem esses bens, também diminuem a condição de liberdade e do domínio do próprio corpo e comportamento.

A dita proteção, nada mais era do que um modo de asseverar que a prole advinda de conjunção carnal, derivaria de um único homem, que assim assegura sua imaculada descendência. No Código Penal de 1890, essa proteção à mulher também foi mantida com severidade. (KOSTER, 2011, p. 04).

Para a autora, como em outras capitais brasileiras, no final do século XIX e início do século XX, Curitiba vivia um grande movimento de modificações sociais, inspirados no modelo europeu que vinha junto com a política migratória e impressão de seus costumes e valores. “O controle social e seu processo de refinamento delineavam-se como uma verdadeira campanha contra os chamados “crimes do sexo”, porém mais uma vez, essas leis sociais se aplicavam apenas a classe mais abastada de Curitiba.” (KOSTER, 2011, p. 04).

Segundo a autora, nos processos crime da época, que envolviam delitos contra os costumes, era comum denegrir a imagem da vítima demonstrando sua imoralidade e desonestidade, apelando para o fato de andarem sós na rua, como um dado importante de inadequação feminina. Para Koster (2011), mesmo com um passado de mansidão, como descrevem os jornais da época, e nem uma passagem pela polícia, Maria Bueno teve ali, no julgamento do assassino, sua imagem manchada pela moral vigente, favorecendo o réu.



No discurso de Koster também fica claro que a santidade atribuída a Maria Bueno seria uma espécie de compensação para uma mulher que foi tão maltratada em vida, mas conseguiu na morte a santificação. Atualmente, segundo a autora, mesmo com a legislação abundante a respeito da igualdade de gênero, o que se vê é a sub-representação das mulheres nas mais altas camadas sociais e sua sobre representação nas camadas de pobres e indigentes, já que muitas ficam com encargos de sustentar a si próprias e sua família.

Concluimos que a importância desse texto é termos acesso a algumas leis e constituições promulgadas na época da morte de Maria Bueno, o que nos ajudou a entender como esse crime foi julgado e porque foi possível ao acusado não ser condenado em primeira instância. Esse texto nos ajuda, também, a ilustrar como Maria Bueno, morta em 1893, pode hoje ser apropriada enquanto símbolo feminista.

...

Como podemos observar, a produção acadêmica sobre Maria Bueno tem alguns pontos em comum. Em primeiro lugar, as autoras são sempre mulheres e residentes em Curitiba. Em todos os casos o livro *Maria Bueno*, de 1948, escrito por Sebastião Izidoro Pereira funciona como uma espécie de parâmetro para os acontecimentos que marcam a vida e morte da santa. Não se trata de usá-lo como um documento a ser analisado, mas como uma bibliografia especializada e autorizada a apresentar Maria Bueno, quando na realidade, como apresentamos no item anterior, trata-se de uma narrativa literária sobre Maria Bueno.

De uma forma mais sistemática, podemos observar que todas as obras seguem o seguinte esquema de apresentação: a) a crônica policial de sua morte, que a define enquanto “mulher de vida alegre” do jornal *O Diário do Comércio* (30/01/1893); b) as notícias sobre o julgamento de Ignácio José Diniz, pelo jornal *A República* e a percepção da indignação deste com a morte de Maria Bueno; c) O relato de dona Sebastiana Garcia transcrito por Sebastião Izidoro Pereira no livro *Maria Bueno* (1948); d) as *Cronicas Locaes* de Silva Junior (1941) com a afirmação de que o destino de Diniz foi a morte por fuzilamento pelo grupo de Gumercindo Saraiva. Crônica em que Maria Bueno é descrita como “marafona”, ou seja, prostituta; e) Uma matéria de página inteira *da Gazeta do Povo*, de 1934, como a primeira notícia sobre devoção a Maria Bueno; f) o discurso de Ângelo Dellagrave, por meio do periódico *Voz do Povo*, nos anos 1960, ao tentar convencer o povo de que Maria Bueno não era santa. Sendo este último o único que não aparece em todos os escritos.

O livro de Pereira (1948) é citado em todas as bibliografias e, apesar de sabermos hoje que ele não foi o primeiro escrito sobre Maria Bueno, e que também traz em si diversas apropriações de outros autores anteriores, podemos afirmar que esta obra é uma sistematização do mito de Maria Bueno, repetido muitas vezes, em fragmentos, por seus devotos e pela mídia. Portanto, seria impossível estudar Maria Bueno sem se deter nessa obra, que configura no imaginário dos devotos e da própria historiografia.

Quanto aos elementos particulares, destacamos que Jurkevics (2004) traça uma linearidade historiográfica sobre o culto aos santos, nomeados por ela, populares, inserindo Maria Bueno dentro desse contexto. Lima (2007) realiza análises psicológicas sobre o mito de Maria Bueno e sobre o quadro mental humano acerca da dualidade entre a santa e a prostituta. Koster (2011) apresenta estudos sobre leis que vigoravam na época da morte de Maria Bueno e configurações sociais que estavam circunscritas a criação e aplicação de tais leis, colocando em alguns momentos elementos feministas anacrônicos. Por fim, Santos (2010) nos oferece um diálogo sobre questões de identidades raciais e nos leva à suas considerações sobre a devoção e o culto à Maria Bueno, em diversos espaços rituais, por meio de sua pesquisa de campo etnográfica.

É impossível não notar que cada autora está circunscrita a sua área de atuação, e além das especializações institucionais, que permitiu a elas condições teóricas e metodológicas para executar seus trabalhos, temos ainda as questões mentais, que percebemos ao olharmos mais atentamente às temáticas seguidas em outras pesquisas além das aqui apresentadas. Identificamos que há uma preferência por recortes que favorecem a linha de pesquisa a qual cada uma delas pertence, e dentro dessa temática identificamos vários elementos comuns. E principalmente o “como” se atribui esses elementos dentro da compreensão da figura de Maria Bueno nos permitem perceber os não ditos que expressam o discurso pretendido.

Nesta constatação reside a importância em analisar a bibliografia especializada sobre Maria Bueno que, por vezes, contribui para imprimir visões de mundo sobre a mesma, ao agir como uma espécie de condutor para falar sobre como as rupturas e ressignificações sociais permitiram a criação de diversas leituras de Maria Bueno.

A importância de realizar tal estado da arte contribuiu para obtermos uma perspectiva mais ampla do cenário histórico que cercou e cerca a figura de Maria Bueno. A narrativa e a crença em Maria Bueno se ajustam à realidade das transformações do local em que são descritas. Enfim, destacamos o lugar social dos cientistas que se dedicaram a criar um discurso sobre ela.

#### 4 APROPRIAÇÕES JORNALÍSTICAS: MARIA BUENO E O DIA DE FINADOS NO JORNAL *GAZETA DO POVO* (1919-2015)

Um documento que nos permite acompanhar a historicidade de Maria Bueno é o jornal diário de Curitiba, *Gazeta do Povo*, em circulação desde 1919. (GAZETA DO POVO, 1º nov. 1919). Optamos pelo Dia de Finados, pois é o dia em que os devotos visitam em maior número o túmulo de Maria Bueno. Dessa maneira, gostaríamos de perceber como as notícias são retratadas nas mídias cotidianas durante o período de 1919 a 2015.

Para abordarmos o jornal *Gazeta do Povo* como documento histórico, logo passível de análise utilizaremos a discussão realizada por Tânia Regina de Luca (2008) por nos permitir apreender a devoção à Maria Bueno por meio das notícias publicadas no Dia de Finados.

A utilização dos periódicos como fonte para a história é relativamente recente; passou a ocorrer a partir da década de 1930, por meio da abordagem da Escola dos *Annales*:

Na França, a terceira geração dos *Annales* realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos da natureza econômica e demográfica levados à efeito a partir das fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha “novos objetos”, problemas e abordagens. (LUCA, 2008, p. 112)

A transformação mais evidente que aconteceu por meio desse alargamento, segundo Luca (2008), foi a mudança na temática. Os estudos que antes davam ênfase apenas ao oficial passaram a englobar uma infinidade de outros temas antes relegados como as mulheres, as crianças, identidades étnicas, e minorias.

Foi nessa época que, de acordo com Luca (2008), tivemos a verdadeira revolução historiográfica, com Thompson, que propôs uma História “vista de baixo”. Era a vez de o cotidiano ganhar forma nos estudos acadêmicos, e como o cotidiano não está presente apenas nos livros de História, sendo na verdade quase sempre relegado por estes, era necessário desenvolver técnicas para o estudo de novas fontes. Entre observações de fontes de natureza variada, encontramos no estudo dos periódicos a resposta para um olhar do cotidiano.

Para Luca (2008) ao olharmos para um periódico estamos nos deparando com uma História imediata, voltada para o tempo presente, sem a preocupação de continuidade e, por vezes, detentora de um discurso de grupo, própria a sua época. Mas, quando a autora é confrontada com a acusação de falta de objetividade que os jornais oferecem, ela oferece uma explicação:

[...] Já não se questionava o uso de jornais por sua falta de objetividade – atributo, que de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar – antes se pretendia alertar para o uso instrumental e ingênuo que tomava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador. (LUCA, 2008, p. 116)

O que Luca (2008) ilustra com seu discurso, é que o uso do periódico enquanto fonte histórica não é menos fidedigna do que qualquer outra fonte histórica, já que todas elas passam pela transformação de quem relata ou de quem constrói a narrativa por meio de um relato. Além de considerá-lo um veículo de informação abrangente a diversas classes sociais, com o jornal conseguimos ter acesso a quase todas as impressões do Dia de Finados em Curitiba, desde 1919.

Não apenas a difusão da imprensa como também o consequente barateamento do produto final, tornou o periódico mais acessível às várias camadas sociais da população, o que mudou a forma de noticiar. Não mais apenas assuntos da corte figuravam nas páginas de notícias, o popular passou a estampar os impressos, o que de certa forma, colocou acontecimentos das classes subalternas em evidência.

Para Luca (2008) quando trabalhamos com a fonte periódica é importante ter em mente que a notícia que foi estampada em um jornal, só chegou até nós, porque alguém elegeu aquilo como digno de chegar ao público, o que de antemão denota o discurso de um grupo. “O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”. (LUCA, 2008, p. 140).

Percebemos por meio da análise das fontes periódicas que, desde o surgimento da *Gazeta do Povo* em 1919 até o último ano de análise, 2015, existe um interesse contínuo em noticiar o túmulo de Maria Bueno como o mais visitado de Curitiba, estabelecendo uma linearidade em torno da devoção a Maria Bueno por meio da repetição da crença.

#### **4.1. Sobre o jornal *Gazeta do Povo***

Sobre o jornal *Gazeta do Povo*, convém apresentar uma breve ilustração sobre sua história, que já dura mais de 90 anos no Paraná. A *Gazeta do Povo* foi fundada em 03 de fevereiro de 1919 por Benjamin Lins e De Plácido e Silva. Para compreendermos sua linha editorial utilizamos das palavras do atual presidente e diretor do jornal, Francisco Pereira Cunha Junior:

Quando, em 3 de fevereiro de 1919, Benjamin Lins e De Plácido e Silva, imbuídos de um ideal paranaense, lançaram o primeiro exemplar da *Gazeta do Povo*, colocaram para germinar a semente de um jornal que aspirava ser um porta-voz dos paranaenses e um bastião em prol das mais legítimas causas do estado. Esse compromisso, de forma marcante, foi destacado em editorial de primeira página já no número inaugural, quando enalteceu como primado “a defesa dos interesses gerais da sociedade, chamando a atenção de todos e de cada um para os assuntos que, direta ou indiretamente, nos interessam”. (FRANCISCO PEREIRA CUNHA JUNIOR – Diretor atual da *Gazeta do Povo* em comunicado oficial publicado em 2009)

De acordo com Elza Aparecida de Oliveira Filha, um dos apontamentos mais enfáticos, ainda presente nos dias atuais por meio de seu diretor, é de que o jornal *Gazeta do Povo* se pretendia um veículo neutro, quiçá, apolítico. Observamos esta colocação por meio de um comunicado expresso pelo próprio jornal em 20 de janeiro de 1919, por Benjamin Lins:

Não pertença, não quero pertencer, a nenhum dos grupos políticos que militam no Estado. A política pessoal, circunscrita a adoração fetichista de qualquer individualidade, como tem ocorrido nos últimos tempos da República, não só não me cativa, como é de tal forma contrária a minha índole que mal entendo que haja alguém capaz de se circunscrever a atividade tão inferior (...) Não tem, pois, nenhum fundamento notícia propalada de que o jornal que redigirei se destina ao lançamento ou defesa de qualquer candidato à Presidência do Estado. Será escoimado de vícios políticos, viverá por si, do povo, para o povo (BENJAMIN LINS, 20 de janeiro de 1920, apud OLIVEIRA FILHA, 2004, p. 02)

Lins teria ainda publicado sobre a independência e imparcialidade do jornal em relação aos acontecimentos sócio políticos da época. Porém, como aponta Oliveira Filha, o jornal só era independente dos laços políticos na medida em que vendia um novo produto, as notícias como informação, para obter lucro. Na prática, mesmo um veículo de mídia que se pretendia facultando um “novo jornalismo”, seria uma proposta advinda da imprensa europeia, datada da segunda metade do século XIX como fortalecimento de uma tendência e que não estaria livre das influências de ideias e posicionamentos próprios de sua época.

Oliveira Filha (2004) identificou quatro tipos de imprensa que se desenvolveram no início do século XX, e a *Gazeta do Povo* estaria na segunda categoria:

Imprensa de opinião, caracterizada pela produção artesanal, tiragens reduzidas, estilos polêmicos – foi a imprensa que introduziu no espaço público a razão argumentativa cara à burguesia ascendente; 2) *imprensa comercial, organizada com bases industriais/mercantis, com prioridade para a publicidade e a difusão informativa (notícia), politicamente ligada à democracia parlamentar*; 3) mídia de massa, produção definitivamente dependente de investimentos publicitários e técnicas de marketing, predomínio das tecnologias audiovisuais e grande valorização do espetáculo; 4) comunicação generalizada, a reboque do Estado, das grandes organizações comerciais e industriais, dos partidos políticos, a informação insinua-

se nas clássicas estruturas socioculturais e permeia as relações intersubjetivas. (OLIVEIRA FILHA, 2004, p. 03, grifo nosso)

Sublinhamos que, ao problematizar as notícias vinculadas a Maria Bueno, nosso objetivo não é oferecer um parâmetro das transformações sociais que possam ter originado as rupturas nas representações de Maria Bueno, mas perceber a linearidade que postula nosso objeto enquanto devoção. O jornal torna-se importante, pois, parafraseando Luca (2008), elegeu Maria Bueno como digna de chegar ao público

#### **4.2 O Dia de Finados**

Ao analisar a morte, Edgar Morin (1997) explica que, situado entre o momento da morte e o da aquisição da imortalidade, os funerais ao mesmo tempo em que constituem um conjunto de práticas tanto conservatórias como determinantes da mudança de estado do morto, institucionalizam um complexo de emoções, refletem as perturbações profundas que uma morte provoca no círculo dos vivos.

As pompas da morte ultrapassam o fenômeno da morte. Certas manifestações emocionais, provocadas por ocasião das pompas fúnebres, correspondem aos excessos aos quais conduz à exaltação coletiva em qualquer cerimônia sagrada. A ostentação da dor, própria a certos funerais, se destina a provar ao morto a aflição dos vivos, a fim de que possam merecer sua benevolência. Em certos casos, a alegria que convém nesta ocasião visa mostrar tanto aos vivos como aos mortos que este é bem-aventurado (MORIN, 1997).

O horror da decomposição do cadáver comanda as perturbações funerais e o luto. Deste horror surgiram práticas desde a pré-história para apressar a decomposição do cadáver (cremação e endocanibalismo), para evitá-la (embalsamamento) ou para afastá-la (corpo transportado para outro lugar ou fuga dos vivos). A horrível decomposição de outrem é sentida como contagiosa. Poderíamos atribuir a esta presença obsessiva da morte, a presença obsessiva dos mortos, que é um dos aspectos mais evidentes e conhecidos da mentalidade arcaica.

Os espíritos, isto é, os mortos, estão presentes na vida cotidiana, governando os bens, a caça, a guerra, a colheita, a chuva. A angústia da morte provoca reações mágicas, tabus: um menino decide nunca se barbear, porque os velhos que vão morrer têm barba. E no auge desta angústia aparecem em nossa sociedade, o catecismo e a promessa divina, que corresponde à promessa feita pelos pais de que “tu não morrerás”. O horror causado pela morte tem um duplo caráter, ruidoso, que explode por ocasião dos funerais e do luto; e silencioso, corrosivo,

invisível e secreto, como que envergonhado e, a consciência no próprio cerne da vida cotidiana (MORIN, 1997).

A morte engloba realidades aparentemente heterogêneas: a dor dos funerais, o terror da decomposição do cadáver, a obsessão da morte. Mas dor, terror e obsessão têm um denominador comum: a perda da individualidade. É nesse sentido que Morin (1997) argumenta que a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto estiver presente e reconhecida: quanto mais o morto for próximo, íntimo e familiar, amado ou respeitado, mais violenta é a dor, e nenhuma ou quase nenhuma perturbação se um ser anônimo morre. O complexo da perda da individualidade é um complexo traumático, que comanda todas as perturbações provocadas pela morte, ao qual Morin (1997) chama de ‘traumatismo da morte’.

Este não é menos importante que a consciência do fato da morte e a crença na imortalidade. Traumatismo da morte é toda a distância que separa a consciência da morte da aspiração à imortalidade. O homem poderia sentir esta emoção perturbadora se aderisse plenamente à sua imortalidade? A consciência da morte é uma consciência de perda da imortalidade. A individualidade que se revolta diante da morte é uma individualidade que se afirma contra a morte.

Pensando nas observações trazidas por Edgar Morin (1997) é possível pensar que cultivar os mortos pode significar ao mesmo tempo, a tentativa de apaziguar um medo inconsciente do oculto, a persistência na crença em que um ser incorpóreo se transformaria uma ameaça para os vivos, dado o poder atribuído ao espírito em relação à matéria, como também a permanência da memória, a persistência da ancestralidade; é o se manter vivo por meio de sua origem.

Desses dois opostos temos no culto aos mortos a tentativa de apaziguar as almas por meio de homenagens prestadas, ao mesmo tempo em que tais homenagens servem também aos vivos, e os preparam, os acostumam, com a ideia de que um dia também ocuparão esse mesmo patamar. É a certeza de uma boa morte, na qual não serão esquecidos e continuarão a viver por meio de seus descendentes.

O Dia de Finados seria antes de tudo, uma expressão de dor coletiva, uma forma de comunicar à sociedade o sofrimento e o apreço que se tinha por aquele indivíduo, e quanto mais essa homenagem puder encontrar subterfúgios materiais, tanto mais ela se expressa enquanto verdadeira. Dessa homenagem familiar aos entes queridos, surgiram, como veremos mais detalhadamente a seguir, também as homenagens a figuras sagradas, sendo o Dia de Finados uma confluência de demonstração da consternação cristã diante da morte, uma

demonstração pública, por isso mais significativa do que qualquer outra demonstração aos mortos durante o ano.

Para entendermos o significado do Dia de Finados, um feriado cristão, remontamos à sua origem, que coincide com a consolidação do cristianismo no ocidente, por meio de Philippe Ariès (1985). O autor nos leva a uma observação do século IV, época da oficialização do cristianismo. O estabelecimento do cristianismo retirou dos mortos o caráter profano, transformados de “espíritos desencarnados, predecessores de um mundo das trevas” em “santos domésticos” adorados por seus familiares, como guardadores de seus descendentes e como realizadores de graças e proteção para aqueles que os homenageassem.

Podemos entender uma circularidade da aproximação dos mortos, até que estes estivessem dentro de nossos lares, literalmente, pois os defuntos já foram enterrados nos terrenos arredores da casa de seus familiares, até o posterior distanciamento, quando do surgimento da noção de higiene que os colocaram nos cemitérios, e uma reaproximação quando os cemitérios passaram a representar um espaço sagrado de culto aos mortos, e conseqüentemente trouxeram novamente os vivos para o seu convívio. (ARIÈS, 1985).

Na Antiguidade romana havia uma expressão religiosa de festas, pregava-se que os deuses estariam presentes nessas festividades e seu prazer era também o prazer do povo. (ARIÈS, 1985, p. 177). Portanto, entendemos por meio de Ariès (1985) que a princípio o dia para lembrar os mortos era um dia em que também a alma daqueles que se foram visitariam os vivos e com eles desfrutariam do prazer das festas em sua homenagem. Com a instituição da religião cristã, o dia do culto aos mortos, passou a ser o Dia de Todos os Santos, o dia em que os heróis santificados pelo catolicismo deveriam ser lembrados acima de todos os outros mortos, e a noção de prazer foi trocada pela noção de santidade em martírio; agora a morte não deveria ser comemorada e sim pranteada. (ARIÈS, 1985).

Esta crença está diretamente ligada à noção de Purgatório instituída pela Igreja católica. Assim, aos santos, almas benfazejas que ocupavam os reinos dos céus como exemplos de virtudes e sacrifícios, cabiam as homenagens. Enquanto aos mortos comuns a piedade, pois sendo almas imperfeitas passariam um tempo em redenção no Purgatório, para que só então pudessem expiar todos os pecados terrenos e ascenderem junto a Deus. A piedade era uma forma de acelerar esse processo, pois se os vivos estivessem rezando por essas almas era garantia de que essa passagem se daria mais rápido. (ANDRADE, 2009, p. 15).

Nesse contexto, o Dia de Finados era conhecido na Idade Média como Dia de Todas as Almas, dia esse que sucedia o Dia de Todos os Santos, comemorado no dia 1º de novembro.



No século IX, o monge beneditino Odilo (962-1049) tornou-se abade de Cluny, em Borgonha, na França, uma das principais abadias construídas no mundo medieval e responsável por importantes reformas no clero no período da Baixa Idade Média. Em 02 de novembro de 998, Odilo instituiu aos membros de sua abadia e a todos aqueles que seguiam a Ordem Beneditina a obrigatoriedade de se rezar pelos mortos. A partir do século XII, essa data popularizou-se em todo o mundo cristão medieval como o Dia de Finados, ultrapassando o meio clerical. (FERNANDES, s/d, s/p)<sup>21</sup>.

O Dia de Finados, além de representar uma expressão coletiva da dor, se tornou, segundo Andrade (2009) um dia de saldo para com os santos esquecidos durante o ano, e também para que os mortos que não receberam piedade de seus familiares não continuassem em sofrimento.

Transformar templos em igrejas, festejos em ladainhas e datas comemorativas de antigos deuses em dias santos, foram apenas algumas medidas de apropriação e ressignificação da religião cristã que se estabelecia.

A data do Dia de Finados foi escolhida durante o pontificado do Papa Gregório IV, no século IX, aproveitando-se de uma data em que as pessoas já tinham como hábito se reunir para celebrar os mortos e se dirigir às entidades benfazejas, o que facilitaria a denominação cristã para um costume pré-existente. (ANDRADE, 2009, p. 07).

Dessa forma o Dia de Todos os Santos, 1º de novembro, acabou se fundindo com o culto aos mortos, e ao longo da história, esta forma de culto se mostrou mais forte que o próprio culto aos os santos, talvez pela proximidade entre os vivos e seus familiares desencarnados, fortalecido pela já existência dessa tradição. De acordo com Solange Ramos de Andrade, podemos entender mais detalhadamente como se deu esta transição:

Implantada durante o período carolíngio (séculos VIII e IX) a festa de Todos os Santos foi o resultado da apropriação da comemoração realizada pelos irlandeses e reinterpretada por Alcuíno (730-804) no século VIII e, posteriormente, estendida por Cluny no século XI. Ocupando um espaço privilegiado na vida litúrgica e na vida cotidiana, Alcuíno concedeu um lugar importante à penitência, à festa de Todos os Santos, à devoção da Trindade, à cruz e aos anjos, num processo cada vez mais efetivo de cristianização do Ocidente. Alcuíno é considerado o iniciador e criador do chamado renascimento carolíngio (SÁNCHEZ HERRERO, 2005, p. 149. Apud ANDRADE, 2009, p. 07)

Os túmulos dos santos tornaram-se a partir dessas medidas o centro da vida eclesiástica e o seu culto provocou uma visível mudança na relação entre os vivos e os mortos, principalmente em função da transformação dos túmulos dos mártires em locais de veneração e peregrinação (BROWN, 1990, p. 14-19)

---

<sup>21</sup>FERNANDES, Cláudio. "02 de Novembro – Dia de Finados"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-de-finados.htm>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2017.

Foi justamente nesse período que os mortos foram tirados do âmbito familiar para terem seu sepultamento controlado pela instituição católica. Assim, num primeiro momento, a instituição religiosa podia controlar quem eram os mortos comuns e quem eram os mortos especiais. De acordo com Andrade (2009) a relação entre santos e devotos estaria pautada entre a proximidade com os vivos, pois já haviam vivido em carne, e a proximidade com Deus, pois depois de desencarnados estariam habitando os reinos do céu e estariam sujeitos diretamente aos desígnios de Deus.

Foi o culto aos santos que transformou cemitérios em santuários, santuários em cidades, e gerou essa robusta forma de aventura e coesão social que é a peregrinação. É impossível imaginar o cristianismo sem pecadores e impossível vivê-lo sem os santos. (ANDRADE, 2009, p.05).

Mas qual a razão de ter um dia especial para os santos? Por meio de Andrade (2009) encontramos a fala de Jacopo de Varazze (2003) que enumera quatro causas como fundamentos para a necessidade do Dia de Todos os Santos:

A primeira causa, em virtude da dedicação de um templo a eles (p. 901-902); a segunda, para ser um suplemento aos santos omitidos ao longo do ano (p. 902-905); a terceira, na qual ele se detém mais do que as outras, ser a expiação das negligências (905-910); a quarta, ser súplica para facilitar as preces. (DE VARAZZE, 2003, Apud. ANDRADE, 2009, p. 05).

Para Andrade (2009) a existência de um dia específico de culto aos santos, o Dia de Todos os Santos, se justifica pela necessidade de ter um dia para comemorar os santos omitidos ao longo do ano, não existindo tempo disponível ou por ser insuficiente, em função do grande número de santos, como também devido à nossa fraqueza e limitação.

Observamos ainda que a transmutação de uma data preexistente em um dia dedicado aos santos cristãos, trouxe para o cotidiano coletivo também o culto aos antepassados, que antes eram homenageados nas casas de seus descendentes, tidos como protetores e auxiliares. Com a instituição do cristianismo e sua crescente dominação sobre o âmbito privado, os mortos comuns não poderiam mais ocupar um panteão divino, deveria haver separação entre esses e os mortos especiais, os santos. Assim o Dia de Todos os Santos passou a existir em conjunto com o Dia de Finados, isto é, neste dia era permitido à família cultuar os mortos comuns sem se esquecer dos mortos especiais.

No entanto, no Brasil, o Dia de Finados se tornou feriado nacional e acabou suplantando até mesmo o Dia de Todos os Santos. Para que novos mortos especiais

surgissem, e dessa vez sem a interferência da instituição católica, foi uma questão de tempo; como é o caso de Maria Bueno.

### 4.3 Análise das fontes jornalísticas

Para nossa análise, partimos das notícias veiculadas no jornal *Gazeta do Povo*, nos dias 1º de novembro, 02 de novembro e 03 de novembro, que mencionam Maria Bueno. Para termos acesso aos periódicos visitamos, em Curitiba, a Biblioteca Pública do Paraná, encontrando nossas fontes na Divisão de Documentação Paranaense. Foram revisadas 291 edições, das quais as notícias sobre O Dia de Finados foram feitas fax símile e transcritas. Constatamos a ocorrência de 25 notícias sobre Maria Bueno, publicadas em 19 edições.

A primeira notícia sobre Maria Bueno é do ano de 1926, lembrando que a linguagem de cada período e os eventuais erros de digitação, informação e impressão foram mantidos:

E além da romaria a Cruz das Almas, o túmulo que guarda os despojos de Maria Bueno, a infeliz mulher assassinada na avenida Vicente Machado, teve também um enorme número de visitantes, ficando coberto de flores esparsas e coroas, e rodeado de velas acesas. É que até hoje, ainda perdura no espírito supersticioso de que Maria Bueno fora milagrosa. Por isso, hontem, diante de seu túmulo via-se um número enorme de pessoas, na maioria mulheres, a resarem. (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 1926, p. 05; cont. p. 01)

O jornal *Gazeta do Povo* noticiou pela primeira vez, no Dia de Finados, a visitação ao túmulo de Maria Bueno, ressaltando que essa devoção permanecia, portanto, remete à ideia de que tal culto já havia se instaurado anos antes. Essa data conta de 33 anos após a morte de Maria Bueno. Nesta primeira notícia observamos que a devoção já existia, e a notícia aparece como se a visitação ao túmulo de Maria Bueno fosse apenas uma verificação comum de anos anteriores.

Passados 36 anos, da última notícia sobre Maria Bueno, ela volta a figurar na *Gazeta do Povo* no ano de 1962. Essa matéria aparece um ano após a transferência dos restos mortais de Maria Bueno para o lugar atual, onde foi erigida sua capela altar.

GRANDE ROMARIA AOS TÚMULOS DE MARIA BUENO E “POLENTA”<sup>22</sup>

[...]. À exemplo dos anos anteriores, o movimento registrado nos túmulos de alguns mortos, que no decorrer do ano não chegaram a se apresentar como milagrosos, segundo a credence de alguns, chega a ultrapassar os demais. Assim é que nos túmulos de “Maria Polenta”, “Maria Bueno”, “Marquito” e outros, verdadeira romaria se vem processando desde as primeiras horas de ontem, devendo, presumivelmente, o mesmo decorrer no dia de hoje. São pessoas das mais variadas classes sociais que ali comparecem depositando flores, fazendo orações, implorando intercessões para os males que os afligem. [...] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1962, p. 08).

O jornal afirma que Maria Bueno teria construído ao longo do tempo uma devoção em torno de si. Coincidentemente 1962 é o ano após a construção de sua capela altar, construída em dezembro de 1961. Contudo, o mais interessante a observar é que a partir da transferência dos restos mortais de Maria Bueno<sup>23</sup>, de uma área periférica do Cemitério Municipal, para a rua próxima a entrada principal, além da construção de uma capela para abrigar seu túmulo, atraiu a atenção da mídia, pois é a partir desse ano que Maria Bueno passa a figurar com mais frequência nas notícias de Finados.

Cinco anos após, em 1967, temos matéria breve sobre Maria Bueno, com destaque para a visitação ao seu túmulo, sem maiores considerações. Todavia, a realização de graças já é noticiada:

MARIA BUENO

[...] inúmeras pessoas visitaram, ontem, o mausoléu de Maria Bueno, no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, depositando flôres e corôas à jovem assassinada que, segundo a população, realiza graças aos que a procuram. Grande quantidade de velas foram acesas, igualmente, no túmulo da jovem, em agradecimento às graças alcançadas. [...] (GAZETA DO POVO, 1º de novembro de 1967, p. 04).

<sup>22</sup> Nascida na Itália, em 1892, ela veio para o Brasil aos 12 anos, seu nome verdadeiro era Maria Trevisan Tortato. O apelido veio por causa de seu irmão. Antônio, irmão mais novo de Maria, era funcionário da Todeschini e teria substituído um cozinheiro da fábrica. Como ‘mandou muito bem’ na polenta, passou a ser chamado de Antônio Polenta. No Capão da Amora – hoje bairro Seminário – onde parte da família Trevisan morava, o clã ficou conhecido como Os Polenta, o que se estendeu à Maria. Não se sabe em que colônia viveu com os pais e os sete irmãos até se casar, aos 18 anos, com José Tortato, de profissão pedreiro, com quem teve 10 filhos. (CARDOSO; FERNANDES, Gazeta do Povo, 18 de março de 2007) Moradora do bairro da Água Verde, em Curitiba, sua profissão era massagista. Apesar de nunca ter frequentado uma faculdade, segundo os relatos, e nem mesmo ter registro como profissional – era autônoma – Maria era conhecedora das juntas do corpo humano mais do que qualquer médico. Era admirada não apenas pelos desvalidos, como também pela nata curitibana e pelos jogadores de futebol dos principais times da cidade. Deste modo quando morreu em 22 de abril de 1959, aos 79 teve um grande cortejo fúnebre. Sua morte provavelmente foi decorrente das complicações de erisipela e artrose, que foram se agravando com o passar dos anos. (CARDOSO; FERNANDES, Gazeta do Povo, 18 de março de 2007). Maria Polenta não foi degolada, mas ainda assim é uma figura que após sua morte, encontrou no cemitério um espaço de devoção.

<sup>23</sup> Maria Bueno foi enterrada em 30 de janeiro de 1893 em uma área considerada periférica do Cemitério São Francisco de Paula. Em dezembro de 1961 seus restos mortais foram transferidos para rua 1, quadra 02, próximo a entrada do cemitério.

Na década de 1970 não foram vinculadas notícias sobre Maria Bueno no Dia de Finados. Em 1981, temos a primeira matéria em que a palavra santa é atribuída a Maria Bueno.

#### TRADIÇÃO DE REVERENCIAR MARIA BUENO

[...] interessante foi o grande movimento registrado no tumulo onde está enterrada Maria Bueno, que é considerada santa por muitos. Uma grande fila, que se estendeu até a entrada principal do cemitério, com pessoas querendo, uma a uma, adentrar a capela, onde está a imagem de Maria Bueno, acendendo velas e fazendo alguns pedidos. [...]. Muitas pessoas com defeitos físicos se dirigem até o local onde Maria Bueno está enterrada a procura de um milagre e muita gente de outras localidades, principalmente da região onde ela nasceu, vem especialmente para visitar sua sepultura. (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1981, p. 03).

Exatos 55 anos após a primeira notícia sobre Maria Bueno, no Dia de Finados ser veiculada pela *Gazeta do Povo* temos, pela primeira vez, a palavra santa atribuída à devoção a Maria Bueno. A questão observada não diz respeito apenas ao uso da nomenclatura pelos devotos ao se referir a Maria Bueno, que nessa época já era considerada santa por eles, mas a aceitação por parte de um veículo midiático em anunciá-la do mesmo modo que seus devotos o faziam.

A partir dos anos de 1980 temos no campo da História uma transformação significativa, em que a Nova História se reformulava tornando possível uma apreensão maior do cotidiano, com sua forma própria de existir e se posicionar diante do mundo. Pensando acerca dessas questões, enxergamos mais claramente que a mídia não apenas influencia, mas, expressa influências às quais está sujeita.

Em 1982, uma matéria sobre Maria Bueno, foi publicada com profusão de erros. Em colchetes estão as citações de forma correta.

[...] Maria Conceição Bueno [Maria da Conceição Bueno] foi sepultada no Cemitério São Francisco de Assis [Cemitério Municipal São Francisco de Paula], no dia 28 de janeiro de 1.893 depois de ter sido terrivelmente martirizada com apenas 19 anos de idade. Maria Bueno nasceu em 8 de dezembro de 1.864, contam que ela foi assassinada aos 19 anos, por policiais que queriam violentá-la. [1893-1864=19?!!!] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1982, p. 28).

Esse fragmento aparece aqui para ilustrar um caso em que nem informações básicas foram consultadas. Também observamos a possibilidade de que outras informações apresentadas sobre Maria Bueno poderiam ter sido publicadas e repetidas, dando continuidade a equívocos como o destacado acima.

A seguir a matéria de 1985, outro caso semelhante. Apesar de conter escrita condizente com uma matéria jornalística, ela anuncia que Maria Bueno teria sido beatificada:

“[...] Seus restos mortais, segundo nos informaram, já foram beatificados no Vaticano e hoje repousam num dos túmulos da rua um, quadra um”. (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 1985, p. 04).

Maria Bueno nunca chegou perto de ser canonizada, portanto ela não está beatificada. E segundo o atual presidente da Irmandade Maria da Conceição Bueno, Marciel Colonetti (2014)<sup>24</sup>, essa não seria uma prioridade nem da irmandade nem dos devotos que já a consideram santa. Calávia Saez (1996) destaca que é comum as notícias sobre Finados se repetirem nas edições dos jornais e por vezes terem caráter incompleto.

No ano de 1986, é mencionada a homenagem com rosas vermelhas que parece ser o símbolo de reverência concedido a santa.

#### MARIA BUENO

[...] São milhares de pessoas, principalmente mulheres, que levando um botão de rosa, vão ao túmulo pedir uma graça a Maria Bueno. Ou então agradecer um benefício recebido. [...] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1986, p. 22).

Interessante que, se por um lado a rosa vermelha pode lembrar paixão, por outro pode lembrar sangue, corpo, sofrimento. Em 1987, temos uma extensa crônica assinada por Octavio Secundino Junior, o mesmo autor de *Retrato de Maria Bueno* (1996), analisado anteriormente. Optamos por transcrever apenas trechos suficientes para conduzir a análise:

#### CULTO A MARIA BUENO

[...] A tragédia do bárbaro esfaqueamento ocorrido na madrugada de 27 de janeiro de 1893, teve grande repercussão na pequena e pacata Curitiba de outrora. Com o tempo, veneração e a lenda se uniram, a pobre moça falecida foi angariando devotos, as maravilhas da fé apontavam os resultados miraculosos, milhares de fiéis nos últimos 90 anos têm mantido inabalável e acendrada crença naquela mártir. [...] O horror de uma morte imerecida despontou para a devoção que lhe é dedicada no Dia dos Mortos, no cemitério local, em romaria a cada ano mais concorrida. [...] E aos poucos, a figura de Maria Bueno, a lembrança de seu martírio e as centenas de graças recebidas pelos que a invocam em auxílio nas horas difíceis, formou a aura santificada que a mais de 90 anos se repete, com mais fervor na romaria no Dia dos Mortos, no cemitério de Curitiba, onde repousam seus despojos e, onde as flores em profusão, as inúmeras velas e placas de agradecimento cobrem todo seu pequeno túmulo e as paredes adjacentes. É a prova da devoção popular e do sentimento de gratidão que os curitibanos dedicam à Maria Bueno, a santa popular do Paraná. (SECUNDINO JUNIOR, 02 de novembro de 1987, p. 26)

Por ser uma crônica, este texto apresenta uma linguagem mais romanceada. Exceto esse pormenor o conteúdo é o mesmo das matérias jornalísticas: a constatação de que a

---

<sup>24</sup> Declaração feita por Marciel Colonetti, atual presidente da I.M.C.B, ao ser indagado por nós, em uma entrevista realizada durante a pesquisa de campo em 2014, sobre o suposto processo de canonização de Maria Bueno.

mulher assassinada de forma cruel havia se tornado uma santa e que, a cada ano, seus devotos renovavam as homenagens se dirigindo ao seu túmulo no Dia de Finados.

Vimos que a partir de 1962 a *Gazeta do Povo* começou a noticiar as visitas ao túmulo de Maria Bueno, no Dia de Finados, com mais frequência. Lemos uma crônica e constatamos que a rosa vermelha continuou a ser a homenagem mais corriqueira feita a Maria Bueno, mas, até agora não vimos nenhum pronunciamento da igreja católica a respeito de tal devoção extraoficial. Temos no ano de 1988, o primeiro pronunciamento de um membro do clero, o arcebispo de Curitiba Dom Pedro Fedalto<sup>25</sup>.

[...]. Neste cemitério, o túmulo mais visitado é o de Maria Bueno – jovem assassinada no final do século passado e cultuada como santa por amplos setores populares. Diariamente, a capela onde está sepultada Maria Bueno, recebe centenas e centenas de fiéis. A Igreja tem feito repetidos apelos no sentido de que a história criada em torno de Maria Bueno não é verdadeira. Contudo, a crença popular resiste aos ataques da Igreja e a cada dia Maria Bueno é responsabilizada por novos milagres. Até o arcebispo metropolitano, dom Pedro Fedalto, divulgou nos últimos dias alentados artigos condenando a crença na santidade de Maria Bueno. O posicionamento do prelado ocorreu neste momento em função do grande fluxo de fiéis, registrados por ocasião do dia de finados. Para dom Pedro Fedalto, a biografia de Maria Bueno mostra que ela não teve uma vida de fé profunda e também não tomou mártir da virgindade, como apregoam seus devotos. Mas, mesmo com a desaprovação da Igreja, o culto à Maria Bueno deve continuar. [...] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1988, p. 03)

Na matéria acima vimos Dom Pedro Fedalto afirmar que Maria Bueno não poderia ser santa porque não teve uma vida dedicada aos preceitos de Deus, segundo os dogmas do catolicismo. Apesar da persistência e abrangência da devoção em Maria Bueno, em raras exceções os clérigos se pronunciaram a respeito de tal fé. Não encontramos fontes que atestem um pronunciamento oficial da Igreja católica contra a devoção a Maria Bueno, mesmo ela não sendo uma santa canônica.

Em 1991 encontramos três matérias referentes ao Dia de Finados, divididos em dois dias de publicação, sendo que nas três, Maria Bueno é citada.

[...] Em Curitiba milhares de pessoas são esperadas nos quatro cemitérios municipais (São Francisco de Paula, Água Verde, Boqueirão e Santa Cândida) e nos quinze particulares, no mais antigo deles, o São Francisco, localizado na Praça Redentor, no Bom Retiro, filas devem ser formadas em frente a um túmulo que todo ano atrai centenas de novos devotos. Nesse cemitério, onde existem cerca de 5.5000 túmulos, está sepultada Maria Bueno, a quem são atribuídos inúmeros milagres por seus

---

<sup>25</sup>De nacionalidade brasileira e descendência italiana, Dom Pedro Fedalto nasceu no dia 11 de agosto de 1926 na Colônia Antônio Rebouças – Município de Campo Largo/PR. Foi ordenado sacerdote em 6 de dezembro de 1953 e sua sagração episcopal ocorreu em 28 de agosto de 1966. Foi bispo auxiliar da Arquidiocese de Curitiba de 1966 a 1970 e administrador apostólico diocesano no ano de 1970 (após a morte de D. Manuel da Silveira), sendo empossado como arcebispo no dia 28 de fevereiro de 1971. Disponível em: <http://arquidiocesedecuritiba.org.br/clero/dom-pedro-antonio-marchetti-fedalto/>. Acesso: 08/02/2017.

devotos. Essa jovem morreu – segundo a história – defendendo sua honra. [...] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1991, p. 06).

[...] no túmulo onde está sepultada Maria Bueno se formava uma pequena fila de devotos. [...] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1991, p. 08).

#### GRANDE ROMARIA AO TÚMULO DE MARIA BUENO

Como todos os anos, o local de mais movimento ontem foi o túmulo onde está sepultada a jovem Maria Bueno, que foi assassinada e a quem são atribuídas hoje centenas de milagres. Grande parte dos devotos que desfilaram em frente a capelinha onde ela está sepultada no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, não sabe exatamente a história que envolve a vida de Maria Bueno, em torno da qual existem várias polêmicas. Quase todo mundo acredita “no seu poder de ajudar as pessoas” e vai ali onde estão pregadas mais de uma centena de placas com agradecimentos, em busca de auxílio. (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 1991, p. 03).

Percebemos que até o início de 2000, o culto à Maria Bueno teve seu ápice de notificação no jornal *Gazeta do Povo*. A mudança na forma de abordagem das notícias estaria relacionada, principalmente, às entrevistas feitas aos devotos em que relatos de milagres são considerados para descrever Maria Bueno.

Na primeira notícia temos a frase “defendendo sua honra” como à possível causa de morte de Maria Bueno a confirmar a possibilidade da influência do livro *Maria Bueno* (1948) na construção de seu mito. A partir da década de 1990, há quase um consenso não pronunciado, de que Maria Bueno fora assassinada para se defender de um possível estupro. Na segunda matéria, verificamos a reafirmação da presença constante de visitas sendo noticiadas no Dia de Finados ao túmulo de Maria Bueno. Por fim, na última notícia, a própria matéria explica o motivo das visitas ao afirmar que, mesmo não conhecendo a história de Maria Bueno, a maioria dos que passam por lá se dirige a Maria Bueno por questão de fé.

No ano seguinte, 1992, continuamos com Maria Bueno sendo citada em diversas matérias e a palavra prostituta<sup>26</sup> aparece pela primeira vez relacionada a Maria Bueno em uma matéria no Dia de Finados.

#### MARIA BUENO ATRAI PESSOAS DE OUTRAS CIDADES

O túmulo de Maria Bueno, situado na Quadra 3, Rua 1, lotes 13, 14 e 15 do Cemitério Municipal, mais uma vez deve receber o maior número de visitantes neste Finados em Curitiba. Durante a semana centenas de pessoas passaram ali, inclusive vindas a Curitiba procedentes de outras cidades paranaenses. Maria Bueno é

<sup>26</sup> Importante ressaltar que não faltam no santoral católico pré-tridentino santas putas. “Há referências em uma obra como *La Lozana Andaluza*, de Francisco Delicado, a uma Santa Efisía ou Santa Nafisa, que as putas de Roma venerariam no começo do século XVI, e de quem se dizia que por caridade deitava-se com pobres e estropiados. Uma das mais belas – e difundidas – hagiografias da Idade Média é a de Santa Maria Egípcíaca, prostituta de Alexandria, a quem um bom dia um impulso devoto leva a um barco de peregrinos que viajam a Jerusalém. Não tendo dinheiro para pagar a passagem, Maria ganha a romaria por seu corpo. Maria Madalena seria a mais conhecida destas santas mal-afamadas, e por sua aparição no evangelho, a única que sobreviveu à *blitz* da contra-reforma.” (CALÁVIA SAEZ, 1996, p.31).



considerada uma espécie de santa, embora pouco se saiba sobre o que a tornou tão venerada. No próprio Cemitério Municipal se desconhece a história de Maria Bueno. Muitos fiéis contam, no entanto, que ela foi assassinada por um soldado quando saía de um baile. A partir deste dia, diversas razões levaram as pessoas a acreditarem que várias graças alcançadas eram resultado de pedidos feitos à ela. [...] (GAZETA DO POVO, 1º de novembro de 1992, p. 06).

[...] O movimento no Municipal também caiu em mais de 30%, segundo os seus administradores. Como é visitado por pessoas mais velhas, eles acreditam que o movimento caiu porque muitos “vão morrendo”. Ao contrário, o número de fiéis no túmulo de Maria Bueno se mantém alto. Os visitantes vão em busca de graça e benção da jovem prostituta que morreu assassinada pelo amante e ganhou fama de “santa”. (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 1992, p. s/n).

Nas duas matérias de 1992, que estranhamente não saíram no Dia de Finados e sim na véspera e um dia após, percebemos uma queda na visitação dos mortos. O motivo atribuído pelo jornal é que os jovens estariam menos dispostos a manterem as tradições de visitar os entes falecidos. Mas logo lemos, na mesma matéria, que o culto a Maria Bueno continuava crescendo. Esse fato, confirmado em nossa pesquisa de campo, indica que o culto a Maria Bueno no cemitério está, em muitos casos, ligado a visita que os devotos vieram fazer aos seus parentes enterrados lá, mas ainda assim, encontramos devotos que não possuem parentes ou amigos enterrados no Cemitério Municipal e vão exclusivamente para homenagear Maria Bueno.

Com relação à palavra prostituta no fim da matéria atestamos que esse adjetivo dificilmente é atribuído a Maria Bueno por seus devotos. Quando nos deparamos com essa denominação quase sempre vem da mídia, jornais, revistas, filmes, peças de teatro, de religiosos que tentam desqualificar a devoção ou, ainda, de estudos acadêmicos, pontuando uma possibilidade.

#### MARIA BUENO

[...]. Como acontece sempre no dia de Finados, o túmulo mais visitado da cidade foi o de Maria Bueno que está no Cemitério Municipal. Personagem polêmica, Maria Bueno, é reverenciada por milhares de fiéis e ontem foram pedir alguma ajuda ou pagar as dívidas recebidas. As pessoas fazem fila, que ultrapassa o limite do portão de entrada principal do cemitério e aguardam sua vez para rezar um pouco frente ao jazigo pintado de azul e que tem uma imagem na sua parte superior. Ao redor as pessoas acendem centenas de velas e para evitar confusão pessoas organizam a romaria. Considerada santa, por muitos, Maria Bueno foi morta em 29 de janeiro de 1893 por degolamento pelo seu amante, Inácio José Diniz. Desde então muitos atribuem a ela o poder de conceder benefícios, curas e milagres. Fatos contestados pelo arcebispo dom Pedro Fedalto que em artigo recente publicado em jornal disse que Maria Bueno não é santa, virgem e nem mártir. Mas ele afirmou também que não há nenhum mal em orar por sua alma desde que não se deixe levar por credices. [...] (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 1993, p. 44).

Sobre Maria Bueno, novamente Diniz é tratado como seu amante. E mais ao final podemos ler outro discurso do arcebispo Dom Pedro Fedalto, que se mostra enfático em

relação à Maria Bueno não ser santa, porém, desta vez, diz que apesar disso, não haveria mal em orar por sua alma. No ano de 1994, encontramos novamente a notícia sobre o túmulo de Maria Bueno ser o mais visitado.

[...] como sempre, o túmulo de Maria Bueno, figura lendária de Curitiba que tem uma legião de devotos até fora da cidade, já registrava uma movimentação maior do que o normal nas primeiras horas da manhã. [...] (GAZETA DO POVO, 02 de novembro de 1994, p. 04).

Em 1996 encontramos a afirmação que logo depois de assassinada, Maria Bueno passou a receber devotos em seu túmulo:

#### MARIA BUENO

[...] O aposentado João Pombo Ricardo conta que visita o túmulo há muito tempo, principalmente por graças alcançadas pela esposa Marina. “Dizem que ela não atende pedidos de soldado”, conta. Maria da Conceição Bueno tinha 29 anos quando morta, em 1893, por soldados em Curitiba. Logo depois seu túmulo começou a receber um grande número de pessoas que diziam ter recebido graças por pedidos feitos a ela. [...] (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 1996, p. 12).

Outro aspecto importante que identificamos por meio das análises dos periódicos é a manifestações dos relatos, proferidos pelos devotos. Como nessa matéria de 1996, quando uma devota entrevistada pelo jornalista afirma que “Maria Bueno não atende pedidos de soldados”. Pudemos verificar este relato nos questionários aplicados em nossas pesquisas de campo. Mais de um devoto afirmou que Maria Bueno não gostava de militares e que não atendia seus pedidos, pois seu assassino, Ignácio José Diniz era um militar.

Em contrapartida, outros devotos entrevistados por nós afirmaram que Maria Bueno era a “santa dos presidiários”, que ajudava a libertar quem foi preso injustamente e, até mesmo, criminosos que se arrependeram e tiveram bom comportamento.

No ano de 1997 temos a menção de outra santa de cemitério, que por coincidência ou não, está enterrada bem ao lado do túmulo de Maria Bueno, a Menina Eunice<sup>27</sup>.

[...] formaram-se longas filas nas proximidades da capela de Maria Bueno, mas os fiéis mostraram devoção também em outros túmulos. Um deles foi o da menina Eunice, situado no Municipal, a poucos metros do de Maria Bueno. [...] (GAZETA DO POVO, 1º de novembro, 1997, p. s/n).

<sup>27</sup> Menina Eunice (1923-1929): Dois túmulos antes do de Maria Bueno, repousa Eunice Taborda Ribas. Ao contrário de sua vizinha, Eunice sofreu durante a curta trajetória de vida. A começar pela perda do pai, em 1924, durante a Revolta Paulista. A mãe, deprimida pela perda do marido, não tardou a falecer, sendo seguida da avó paterna. Sob os cuidados da tia e madrinha, foi vítima da meningite aos 6 anos. (GRASSI, 2015). Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/servicos/falecimentos/os-milagreiros-do-povo-bhe1nvqsu96sdg36t5awxszvg>. Acesso em: 13/02/17

Imaginamos que a proximidade com o túmulo de Maria Bueno pode ter ajudado a difundir a crença na Menina Eunice, mas não podemos ignorar que santos de cemitério independem uns dos outros para existir, há em quase todo grande centro urbano uma narrativa trágica que se transforma em devoção.

Algumas mais elaboradas que outras, como é o caso de Maria Bueno que tem livros, peças teatrais e até uma novela, escritos sobre ela e para homenageá-la. Outros são mais simples, como o da Menina Eunice, que conta apenas com doces depositados em seu túmulo. A importância de cada santo de cemitério, no entanto, está no poder que ele tem de atender as graças pedidas por seus devotos, estando estes quase sempre alheios as sistematizações históricas tão caras aos estudiosos desses fenômenos.

Averiguamos que nas matérias publicadas nos anos 2000 há cada vez mais dados do que histórias; são mostradas estatísticas de pessoas que comparecerão aos cemitérios, previsão do tempo, linhas de ônibus, tráfego nas rodovias, dentre outros. Destacamos também algumas matérias sobre historiadores e outros cientistas que pesquisam o tema, o interesse pelo cemitério e assuntos relacionados parecem ganhar força nesse período, como é o caso da produção bibliográfica analisada anteriormente.

Em 2000, primeiro ano da década e do novo milênio, encontramos uma afirmação que seriam os historiadores a atribuir a condição de prostituta a Maria Bueno:

#### DEVOTOS FAZEM FILA PARA VISITAR O TÚMULO DE MARIA BUENO

Como acontece todos os anos, o túmulo de Maria Bueno foi um dos mais visitados ontem, em Curitiba. [...] Maria Bueno é um personagem controverso. Seus defensores dizem que ela era uma simples lavadeira, mas historiadores afirmam que era uma prostituta. Detalhes de sua história foram se perdendo no tempo, influenciados pelo mito que se criou em torno de sua figura. Alheios a toda polêmica, os devotos de Maria Bueno continuam a peregrinação ao seu túmulo para fazer seus pedidos. Antigamente moças procuravam a “milagreira” para pedir um namorado. Atualmente, a grande maioria recorre a ela para pedir emprego. (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 2000, p. 05)

Em primeiro lugar é importante ressaltar que o ofício de um historiador não consiste em julgar seu objeto. O que fazemos é identificar narrativas que estão construídas e, a partir de sua escrita, empregar métodos de análise para tornar possível a compreensão do discurso dentro de um lugar social e um contexto histórico. Maria Bueno, chamada nesta matéria de milagreira, termo que não ouvimos de nenhum devoto, possivelmente foi lida em algum trabalho. Nos resta saber de qual historiador, já que a primeira bibliografia, escrita por uma historiadora, foi publicada apenas em 2004. Há a possibilidade de o jornalista ter confundido literatura com história, ou até mesmo ter conversado com alguém informalmente. Vale

lembrar que a frase “mulher de vida alegre”, que saiu na matéria do extinto periódico *O Diário do Comércio*, um dia após a morte de Maria Bueno, futuramente permitiria a interpretação dúbia de que Maria Bueno fosse uma prostituta.

Como afirmamos anteriormente, a partir do ano 2000 ocorre um arrefecimento das notícias sobre Maria Bueno veiculadas pela *Gazeta do Povo*, no Dia de Finados. Notamos em uma matéria de 2001, que é apenas citada a visita ao túmulo de Maria Bueno sem mais delongas no assunto. E assim serão quase todas as outras notícias a partir de então:

[...] No São Francisco de Paula, conhecido como Cemitério Municipal, não houve diminuição na visita ao túmulo de Maria Bueno, assassinada brutalmente no fim do século XIX, no centro da capital. Mais de 17 mil pessoas se enfileiram para oferecer flores e agradecer as graças alcançadas. [...] (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 2001, p. 10).

Em 2002 essa narrativa se repete:

[...] No Cemitério Municipal, como todos os anos, o túmulo mais visitado foi o de Maria Bueno, assassinada de maneira brutal no ano de 1893 e considerada santa por muitos devotos. [...] (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 2002, p. 22)

No ano de 2002, temos uma quase repetição do modelo noticiado no ano anterior, em que Maria Bueno é apenas citada, e seu túmulo é o mais visitado do Cemitério Municipal.

Quatro anos depois, em 2006, temos mais uma notícia sobre Maria Bueno:

#### MARIA BUENO

[...] No Cemitério São Francisco de Paula, EdimirJaymes reclamava que era impossível permanecer mais de alguns segundos na capela dedicada a Maria Bueno, a santa extra-oficial mais famosa de Curitiba – afinal, a tarde era muito quente e o movimento muito intenso. “Venho já faz quase 10 anos, peço coisas e também já recebi graças”, disse. Edimir, que não tem nenhum parente enterrado no cemitério, trouxe pela primeira vez a filha, Idianara, que compartilha da devoção da mãe. [...] (GAZETA DO POVO, 03 de novembro de 2006, p. 05)

Nesta notícia reforçamos a ideia desenvolvida em nossa pesquisa de campo de que há uma tradição familiar na devoção a Maria Bueno. A maioria dos devotos realiza o culto a Maria Bueno há décadas e são os familiares mais próximos que apresentam a santinha aos mais novos. A próxima matéria, datada de 2008, é a última mais abrangente sobre Maria Bueno, e se propõem a aprofundar sobre seu culto.

#### "MILAGREIROS" ATRAEM MILHARES NO PR

Segundo seus fiéis, “santos” de casa curam e trazem dádivas. [...] Somente o túmulo de Maria Bueno deve receber aproximadamente 3 mil visitas. Outros mortos “milagreiros”, como são conhecidos pelos devotos, atraem fiéis em todo o estado: Maria Polenta, Corina Portugal, José Oswaldo e Clodimar Pedrosa, entre outros.

“Geralmente são pessoas de boa índole, que tiveram uma morte trágica. A diferença é que os santos oficiais sacrificaram a sua vida pela religião”, explica a professora de História das Religiões Solange Ramos de Andrade, da Universidade Estadual de Maringá. [...] Maria Bueno já foi tema de peças teatrais, novelas, livros e estudos. Recentemente teve sua história representada no programa Revista RPC, da RPC TV. Ela nasceu em Morretes, em 1864. “Em Curitiba trabalhou como doméstica. Era uma pessoa simples e alegre, que estava à frente do seu tempo, pois, ao contrário da maioria das mulheres da época, sabia ler e escrever e não se submetia aos homens”, conta o vice-presidente da Irmandade Maria da Conceição Bueno, Marciel Colonetti. A beleza dela teria atraído um policial chamado Diniz, mas ela o preteriu, pois era noiva. “O policial armou uma armadilha, mandando-lhe um bilhete em nome do seu namorado. Marcou um encontro, e no local tentou estuprá-la, mas ela não deixou. Isso fez com que o policial a degolasse”, conta Colonetti. [...] (PIMENTA, *Gazeta do Povo*, 31 de outubro de 2008, p. 08)

Não afirmamos que Maria Bueno tenha sido a primeira santa de cemitério com sua história divulgada pela mídia curitibana, contudo na pesquisa realizada com nossa fonte, ela é a primeira que tem sua visitação narrada. Só nos anos 1960 é que aparece outra santa de cemitério, a Maria Polenta<sup>28</sup> e Marquito<sup>29</sup>, um santo de cemitério, seguido da Menina Eunice, que tem sua devoção publicada nos anos de 1990, e por fim esta matéria de 2008, que traz vários santos de cemitério, entre outros Clodimar Lô<sup>30</sup>, de Maringá.

Esta matéria é também a primeira, e única, vez em que uma historiadora, especialista em religiões e religiosidades é consultada pelos jornalistas da *Gazeta do Povo*, para matérias sobre o Dia de Finados para falar de santos de cemitério. A próxima matéria, publicada em 2010 traz Maria Bueno como heroína e mártir do Paraná:

[...] Além dos mortos da Revolução Federalista de 1894, o cemitério abriga o túmulo da heroína e mártir na crença popular, Maria Bueno, um dos mais visitados, e pelo menos outras 30 personalidades identificadas pela administração do próprio cemitério. [...] (ALMEIDA, 1º de novembro de 2010, p. 15)

Esta matéria de 1º de novembro de 2010 é uma entrevista com a fotógrafa, relações públicas e presidente dos Assuntos Cemiteriais de Curitiba, Clarissa Grassi, e encontramos

<sup>28</sup> Maria Polenta: Nascida na Itália, em 1892, ela veio para o Brasil aos 12 anos, seu nome verdadeiro era Maria Trevisan Tortato. Moradora do bairro da Água Verde, em Curitiba, sua profissão era massagista. Era admirada não apenas pelos desvalidos, como também pela nata curitibana e pelos jogadores de futebol dos principais times da cidade. Deste modo quando morreu em 22 de abril de 1959, aos 79 teve um grande cortejo fúnebre. Sua morte provavelmente foi decorrente das complicações de erisipela e artrose, que foram se agravando com o passar dos anos. (CARDOSO, Rosy de Sá; FERNANDES, José Carlos. *Gazeta do Povo*, 18 de março de 2007)

<sup>29</sup> O menino Marco Antônio, de 6 anos de idade, foi vítima de violência sexual e assassinato por estrangulamento. Seu corpo foi enterrado em 25 de fevereiro de 1961, no Cemitério Municipal de Curitiba. Sua morte gerou grande comoção na capital pela forma brutal e pela injustiça. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=092932&pagfis=108128>. Acesso em 16/02/2017.

<sup>30</sup> Clodimar Lô (1954- 1967): De família nordestina, nasceu em 1954, Clodimar Pedrosa Lô, aos 15 anos viria a morar e ficar sob responsabilidade de seu tio Oésio Araujo Pedrosa em Maringá. O garoto passaria a trabalhar como servente no Palace Hotel. Um dia fora acusado injustamente de roubo, levado por policiais para a delegacia sofreu tortura e abusos sexuais, não resistiu aos ferimentos e faleceu em 24 de novembro de 1967. Hoje é visitado por seus devotos no Cemitério Municipal de Maringá/PR. (ANDRADE; SERAFIM, 2010)

uma tendência até então pouco conhecida, o turismo fúnebre. A proposta da autora consiste em que os cemitérios seriam um museu a céu aberto, abrigando a história e cultura local. Nesse contexto Maria Bueno teve seu túmulo altar retratado como patrimônio cultural de Curitiba.

A última notícia de Maria Bueno foi veiculada no Dia de Finados de 2012:

[...] Um dos jazigos mais famosos é o da santa popular paranaense Maria Bueno, assassinada em 1893 e sepultada no local desde 1961. Apesar de não ser oficialmente considerada santa pela igreja católica, o entorno de seu túmulo é cheio de placas de agradecimento pelos milagres que teriam sido concedidos por ela, flores e velas. [...] (FABRI, 02 de novembro de 2012, p. 05)

Maria Bueno voltou a figurar na *Gazeta do Povo*, no Dia de Finados, uma última vez em 02 de novembro de 2012, apenas como nota de “túmulo mais visitado”, não acrescentando mais dados históricos à nossa pesquisa.

Ao analisar as matérias jornalísticas publicadas sobre Maria Bueno no Dia de Finados na *Gazeta do Povo*, encontramos diferentes abordagens sobre sua história, apesar de não ser uma figura hegemônica quanto sua simbologia, é digno de registro o fato de que a formulação da crença permanece a mesma.

Independente da imagem atribuída a Maria Bueno, ano após ano, desde a primeira notícia em 1926, pessoas expressam sua devoção por meio de gestos, pedidos e preces. Em todos os anos analisados nos deparamos com a informação de que o túmulo de Maria Bueno era o mais visitado e com o passar do tempo não observamos uma sazonalidade significativa, em que a crença a Maria Bueno tenha se arrefecido e ressurgido posteriormente.

...

As análises realizadas nos possibilitaram entender o Dia de Finados como uma expressão coletiva de homenagem aos mortos e, antes de tudo, uma expressão da dor que deve ser vivida. Há a necessidade de mostrar consternação diante da morte, e o Dia de Finados seria um dia de demonstração coletiva da dor. Assim a santa de cemitério Maria Bueno, estaria inserida nesse contexto de dor individual expressa por seus devotos e expiada coletivamente por meio do culto à ela dirigido no Dia de Finados.

O Dia de Finados, para Maria Bueno, é um dia de “festa de santo”, para uma santa que não tem uma data só sua. Talvez a devoção não tivesse tanta força, especificamente no Dia de Finados, se nosso objeto de estudo estivesse abrigado em uma gruta, por exemplo, mas já que

reside em um cemitério, nada mais apropriado que seu dia de santo seja o Dia de Finados, assim como outros santos de cemitério.

Quase todos os anos, em que a romaria ao túmulo de Maria Bueno foi noticiada, no jornal *Gazeta do Povo*, é reforçada a ideia de “como em todo ano”, dando a entender que o culto persiste e se renova. Ainda que ano após ano afirmem que no Dia de Finados o Cemitério recebe cada vez menos gente por conta de os jovens estarem esquecendo as expressões de religiosidade, constatamos que o jornal *Gazeta do Povo* constantemente noticiou que a devoção à Maria Bueno apresentava um crescente com o tempo.

Pensamos o culto à Maria Bueno como uma tradição familiar e verificamos na pesquisa de campo no Cemitério Municipal que grande parte dos devotos de Maria Bueno herdaram sua crença da mãe, da avó ou de um parente próximo e com o passar dos anos este fato poderia estar contribuindo para o aumento de devotos.

Isso implica também em pensar que, apesar do culto a Maria Bueno estar diretamente ligado ao Dia de Finados, a sazonalidade da população ao visitar seus mortos queridos pode não interferir diretamente na quantidade de pessoas que passam pelo túmulo altar de Maria Bueno, indicando que as pessoas poderiam aproveitar, e de fato o fazem, o Dia de Finados para sair de casa e prestar homenagens à sua santa de devoção, porém a crença já se consolidou e daqui para frente poderia existir sem a necessidade da data própria para visitar os mortos.

Assim pensamos que Maria Bueno deixou o patamar dos mortos especiais para atingir o panteão dos santos que não são esquecidos durante o ano. Isso foi verificado pela quantidade de rosas, em sua maioria vermelhas, depositadas em seu túmulo altar no dia 30 de junho de 2016, um sábado. Era um dia comum, mas das 8h até aproximadamente, 12h percebemos a multiplicação de flores frescas na porta de sua capela, sinal de que haviam sido depositadas nesse meio tempo; indicando uma devoção linear, que tem o seu ápice no Dia de Finados, mas independe deste para existir.

As notícias analisadas por meio do jornal *Gazeta do Povo* funcionariam como a reatualização do mito, em uma dinâmica circular que angaria devotos por divulgação na mesma medida em que só existem porque há uma devoção linear estabelecida. Entendemos que as diferentes narrativas construídas sobre a história de Maria Bueno, seriam sintomas da apreensão de simbologias circunscritas a época em que foram concebidas. Essa simbologia, antes de tudo, é uma representação da história de uma santa, e estaria submetida à crença na medida em que depende desta para existir. Assim concluimos, por meio de nossas análises

com fontes jornalísticas, que as representações são atribuídas historicamente, enquanto sua imagem devocional, pouco se altera nos periódicos.



## 5 APROPRIAÇÕES DEVOCIONAIS DE MARIA BUENO NO CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE PAULA

### Prece de Maria Bueno

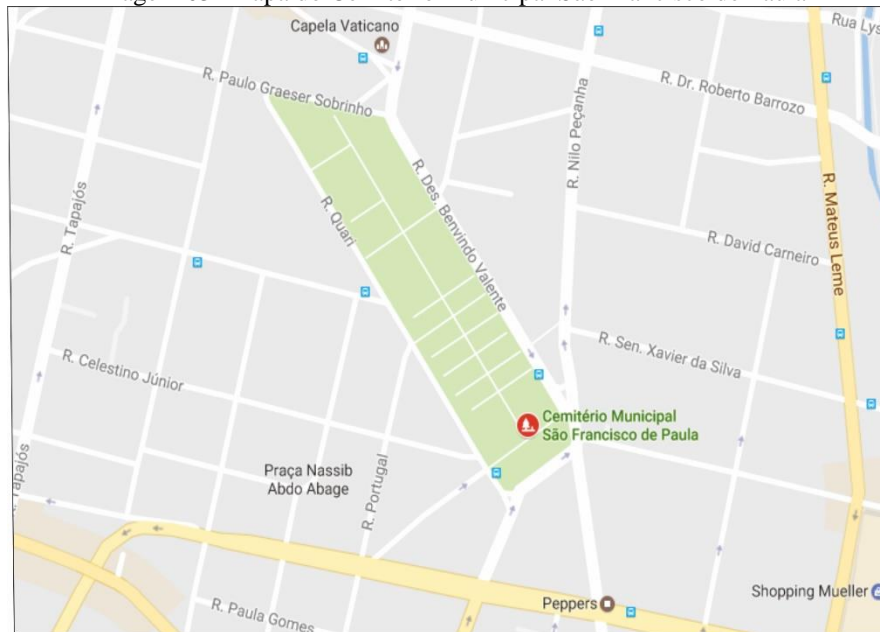
Minha querida Maria Bueno,  
 espírito iluminado, mensageira de Jesus,  
 na terra junto às criaturas.  
 Eu venho pedir-te o auxílio certo para  
 as minhas dificuldades,  
 pois tenho a certeza que  
 és a minha protetora e  
 me ouves sempre que estou em desespero.  
 Com a tua assistência neste particular  
 (fazer o pedido),  
 Nunca um pedido meu  
 Ficou em esquecimento.  
 Imediata resposta sempre obtive de ti,  
 querida, e portanto, confiante entrego  
 em tuas mãos espirituais este problema!  
 Maria Bueno, sinto meu espírito agitado,  
 desesperado, amargo como o fel  
 por esta provação que me invade o ser!  
 Tenha piedade de mim,  
 ajuda-me como melhor achais,  
 faça que tudo chegue  
 aos caminhos certos para a alegria,  
 a saúde e a paz voltem ao  
 meu espírito tão cansado de sofrer.  
 Por tudo, muito obrigado,  
 querida em troca de sua maravilhosa ajuda,  
 eu socorrerei a todos que  
 Mandais ao meu caminho.  
 Amém

(M.I.R.B/2017)

Maria Bueno foi enterrada no Cemitério São Francisco de Paula em 30 de janeiro de 1893, um dia após sua morte. (IMAGEM 03). O antigo túmulo de Maria Bueno não existe mais, porém fomos informados pela administração do Cemitério que esta parte do Municipal era considerada à época do sepultamento de Maria Bueno, uma área periférica, abrigando em sua proximidade túmulos de indigentes. Seu primeiro túmulo, ao que tudo indica, tinha apenas uma lápide e uma cruz simples, mas já angariava devotos, possivelmente, algum tempo após

sua morte. De acordo com as pesquisas de Santos (2011), Maria Bueno pode ter sido sepultada no túmulo com a lápide de nº. 3903, Quadra 13, Rua 04, informação que a própria autora não conseguiu confirmar com a administração do Cemitério Municipal por falta de documentação.

Imagem 03- Mapa do Cemitério Municipal São Francisco de Paula



Fonte: Google Maps

Em dezembro de 1961, os restos mortais de Maria Bueno foram transferidos para a área central do Cemitério, próximo a entrada principal. Hoje, o túmulo de Maria Bueno ocupa os Lotes 14, 15 e 16, da Quadra 02, na Rua 01. No traslado, além de ocupar um lugar de fácil acesso, sobre o túmulo de Maria Bueno foi construída uma Capela em que os devotos podem entrar para ver suas imagens, acender velas, receber fitinhas e orações da santa, impressas em folhetos coloridos e comprar *souvenirs*. Na Capela também encontramos uma caixa própria para doação, recolhida pela Irmandade Maria da Conceição Bueno<sup>31</sup>, e segundo Marciel Colonetti, presidente da Irmandade, o dinheiro é revertido para a manutenção da capela.

Ao perguntarmos para a administração do Cemitério São Francisco de Paula se eles existiam registros sobre a data exata ou quem teria encomendado e construído o novo túmulo de Maria Bueno, afirmaram que desconheciam a identidade e tampouco a procedência do

<sup>31</sup> Irmandade Maria da Conceição Bueno: Segundo a página oficial da irmandade, ela foi fundada em 18 de janeiro de 1993, possui CNPJ de nº 68.724.020/0001-49, e tem firma reconhecida no endereço da Rua Almirante Gonçalves, 1064, Centro, Curitiba, PR, CEP 80230-060. O atual presidente da Irmandade é Marciel Colonetti. (Informação retirada do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas).

investimento para esta obra.

De acordo com Andrade, a expressão da devoção ao santo começa no percurso que o fiel realiza até chegar ao espaço sagrado de devoção, o túmulo do santo de cemitério:

O percurso de peregrinação supõe uma organização espacial em que, durante o processo de caminhada, nas reflexões individuais ou coletivas, na superação de dores e pensamentos desagradáveis, o devoto passa por locais de composição pecaminosa, locais profanos, para que posteriormente encontre seu conforto, consiga sua realização, sua salvação, sua promessa, no ápice do roteiro: o local sagrado. Dessa forma a disposição espacial do espaço sagrado torna-se, durante o percurso, por vezes sagrado, composto por igrejas e santuários e, por vezes profanos, composto por comércios, trilhas, induzindo o martírio e a salvação inconsciente do indivíduo. (ANDRADE, 2015, p. 85)

Ao se aproximar do Cemitério São Francisco de Paula, no bairro de São Francisco, no Dia de Finados, nos anos de 2013, 2014 e 2015, a primeira coisa que visualizamos foi o grande fluxo de pessoas, dificultando o tráfego. Na rua principal encontramos um grande mosaico com a figura de Jesus, rodeado por anjos, com os braços abertos para receber as pessoas. (FOTO 01).

Foto 01- Entrada principal do Cemitério São Francisco de Paula



Fonte: Arquivo Pessoal Vanda Serafim

Para entrar no cemitério é preciso subir uma grande escadaria. O cemitério está em nível acima da rua e em seu trajeto encontramos várias poesias sobre a morte e a dor que enfeitam a entrada. O comércio de ambulantes também é significativo, com venda de velas e flores, especialmente rosas vermelhas.

Passando a entrada principal, o túmulo de Maria Bueno está localizado na Rua 01, a primeira rua à direita. Apesar de início da manhã, encontramos várias pessoas seguindo em direção ao túmulo de Maria Bueno. A maioria carrega velas e algumas com rosas nas mãos. (FOTO 02). Boa parte delas parecia estar acompanhada por familiares. O túmulo de Maria Bueno fica quase ao final da rua que, por ser estreita e constituída de túmulos altos, faz com que as pessoas caminhem em fila, como se passassem por um túnel, embora não seja coberto.

Foto 02 - Devotos se dirigindo ao túmulo de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

As placas votivas despertam atenção; também chamados de promessas ou milagre, os ex-votos são elementos materiais ofertado aos santos, concretizando o agradecimento, e são posteriores as graças recebidas. (ZALUAR, 1983, p. 90). Estão dispostas no muro que fica diante o túmulo de Maria Bueno, de forma mais ou menos regular, ocupando um largo espaço, que inicia antes do túmulo de Maria Bueno e se estende para além dele. As placas trazem agradecimentos por graças diversas alcançadas e têm datas variadas, da década de 1930 até os dias atuais. (FOTO 03).

Foto 03 - Placas votivas no muro em frente ao túmulo de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Em seguida, o que nos chama atenção é a imagem da santa, vista em um primeiro momento, de perfil. Apenas ao nos aproximarmos do túmulo conseguimos ver a imagem como um todo (FOTO 04).

Foto 04 - Imagem da capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli.

Sobre a imagem no túmulo de Maria Bueno não podemos deixar de destacar que, ao trabalhar com representações, é importante elucidar a figura utilizada para retratar Maria Bueno enquanto expressão de uma santidade e objeto de devoção. Peter Burke (2003) afirma que, dentro do conceito de iconografia as imagens não são feitas apenas para serem observadas, mas também para serem lidas, pois há elementos na imagem que são intrínsecos ao contexto em que estão inseridos.

Burke identifica três níveis de interpretação iconográfica: o primeiro refere-se à descrição pré-iconográfica, voltada para o significado natural (árvores, animais, pessoas, eventos como jantares, festas, batalhas); no segundo reside a análise iconográfica no sentido estrito, voltada para o significado convencional (reconhecer uma ceia como “A última ceia” ou reconhecer uma batalha como a “Batalha de Waterloo”) e; por fim, o terceiro e principal nível, a interpretação iconológica, se distingue da iconografia pelo fato de se voltar para o significado intrínseco, ou seja, “os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica” (BURKE, 2003, p.45).

É necessário, portanto, ler as imagens como expressão do contexto histórico no qual foram produzidas. Apesar de não existir documentação a respeito da imagem de Maria Bueno, consideramos a probabilidade de que essa imagem esteja desde a instalação do túmulo, em 1961.

A iconologia seria uma tentativa de explicar representações em seu contexto histórico, em relação a outros fenômenos culturais, sendo que para interpretar a mensagem, é necessário familiarizar-se com seus códigos culturais (BURKE, 2003). Como demonstrou Sylvio Fausto Gil Filho (2003), a territorialidade do sagrado em Curitiba se definiria como sendo a percepção das limitações imperativas do controle e da gestão de determinados espaços sagrados por parte de uma instituição religiosa, no caso, a católica, pois nas décadas de 1960, 1970 e 1980, segundo IBGE, em torno de 90% da população curitibana se declarava católica. (GIL FILHO, 2003).

A transmutação acima pode ser evidenciada em Maria Bueno descrita como parda nos jornais da época, mas representada branca em sua imagem no Cemitério, além de assumir, nitidamente, a caracterização de santidade mariana. Tal atitude é compreensível dentro daquilo que Burke (2003) denomina erro de interpretação devido ao lateralismo cultural, ou seja, a propensão de visualizar imagens conforme as tradições ou mesmo as convicções pessoais do observador.

Burke (2003) destaca, ainda, que as imagens representadas parecem influenciar na percepção que temos da própria realidade. Ao representar uma imagem de Maria Bueno

branca, vestida de azul e manto branco, podemos conjecturar uma tentativa de normatização da devoção.

Imagens têm sido utilizadas com frequência como meio de doutrinação, como objetos de culto, como estímulos a meditação e como armas em controvérsia. Portanto, elas também são um meio através do qual os historiadores podem recuperar experiências religiosas passadas, contanto que eles estejam aptos a interpretar a iconografia. (BURKE, 2003, p. 58).

As imagens teriam grande importância no campo do sagrado, porque a princípio eram utilizadas como forma de “doutrinação” no sentido original do termo: a comunicação de doutrinas religiosas. Também no culto aos santos, os devotos fazem longos deslocamentos para ver imagens, a reverenciam, ajoelham-se diante delas, beijam-nas e lhes pedem favores, tal como verificamos no túmulo de Maria Bueno em nossas pesquisas de campo. Encomendar a produção de imagens também é uma forma de expressar agradecimento por favores recebidos, como observa Burke (2003). A presença do pedestal de Maria Bueno, no alto de sua sepultura, documenta esperanças, temores, gratidão por dádivas alcançadas e testemunham a íntima relação entre o doador e o santo.

Retornando à descrição, o túmulo de Maria Bueno, ocupa três lotes do cemitério, por contar também com a Capela e o Velário<sup>32</sup>. A Capela é constituída por uma porta de vidro com grades, quase sempre repleta de rosas vermelhas trazidas pelos devotos (FOTO 05).

---

<sup>32</sup> Embora não consiga definir a data exata, proibiu-se que os devotos acendam velas dentro do túmulo de Maria Bueno, pois, em momento isto ocasionou um incêndio.

Foto 05 - Porta da capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Ainda na parte exterior da Capela encontramos placas votivas que foram pintadas de prateado para preservar as mais antigas (FOTO 06).

Foto 06 - As placas votivas mais antigas que ficam no túmulo



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Por meio de uma escada temos acesso à pequena Capela que contém o altar coberto com uma renda branca e várias imagens de Maria Bueno (FOTO 07).



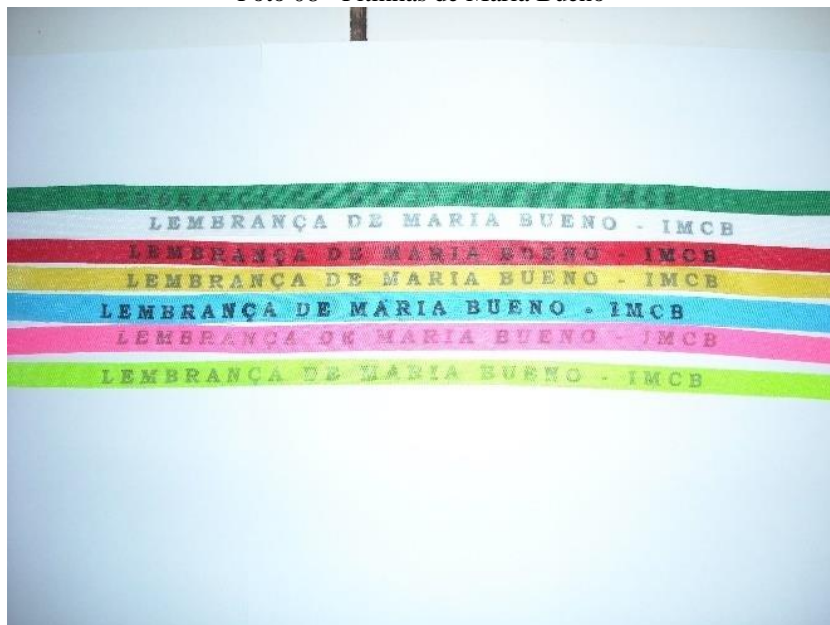
Foto 07 - Interior da capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Pelas dimensões, as pessoas entram aos poucos, de cinco a seis pessoas no máximo, para pegar o santinho e a fitinha que é distribuída gratuitamente (FOTO 08).

Foto 08 - Fitinhas de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Assim que entram na Capela, as pessoas iniciam suas orações, finalizando-as no Velário, que fica na parte externa (FOTO 09).

Foto 09 - Velário de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Ali encontramos um grande depósito de velas brancas e copos com água que são deixados a fim de serem bentos pela própria santa. Algumas pessoas carregam esses copos ou as rosas para suas casas (FOTO 10). No decorrer do dia, o zelador do cemitério retira inúmeras vezes, o excesso de cera das velas derretidas para que novas velas possam ser colocadas no local.

Foto 10 - Copos de água deixados no velário de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

O fluxo de devotos aumenta muito na hora do almoço e no final da tarde. As pessoas que visitam o túmulo geralmente estão em oração, rezam o terço, fazem silêncio e mantêm uma postura respeitosa. Raramente ouvimos conversas paralelas e as filas são respeitadas e todos esperam a sua vez de entrar na capela (FOTO 11).

Foto 11 - Fila para entrar na Capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Quando em menor número nas filas, as pessoas ficam um tempo maior dentro da capela. Mas quando há um número maior de pessoas, elas se movimentam mais rápido, sem a necessidade de alguém apressar a permanência no interior da Capela. Em todos os anos de nossa pesquisa, também verificamos a presença de jornalistas com câmeras a registrar o movimento no Cemitério e na Capela (FOTO 12).

Foto 12 - Jornalistas na Capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Para conversarmos com os visitantes do túmulo, geralmente aguardávamos dois túmulos à frente do Velário, a fim de garantir do ritual sem nossa intromissão. Iniciamos este tópico com uma oração, de autor não identificado, que está fixada na porta da Capela, por entendermos que ela nos permite apontar algumas características da devoção a Maria Bueno.

Em primeiro lugar destacamos a intimidade com a santa, “Minha querida Maria Bueno”. Apesar do termo santa não aparecer, ela é concebida como uma intercessora junto ao divino. Percebemos a expressão de dor, sofrimento, aflições e desespero. O devoto se coloca enquanto alguém menor diante da grandeza de Maria Bueno. A confiança é tanta que, de antemão, a pessoa já se coloca na posição de retribuir aos outros o bem que receberá de Maria Bueno.

Exposto isso, nosso olhar se voltará aos resultados de nossa pesquisa de campo, observações e questionários aplicados no Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba, no Dia de Finados, durante os anos de 2013, 2014 e 2015. Estar em campo é uma oportunidade única de aproximação com o objeto que se pretende estudar, pois seria impossível apreender a crença em Maria Bueno sem a atenção dispensada àqueles que conceberam a própria crença: seus devotos.

Como indica Carlos Rodrigues Brandão (1985), as pesquisas de campo foram formuladas como metodologia não a partir da lógica do sujeito pesquisador, ou de sua ciência, mas da própria cultura que investiga, tal como expressam os próprios sujeitos que a vivem.

Considerando o uso de aplicação de questionários, ressaltamos que “o formato mesmo do questionário, elaborado unilateralmente pelo pesquisador, bloqueia o surgimento de dados novos e inesperados.” (BRANDÃO, 1985, p. 29-30). É em virtude deste entendimento que

elaboramos um questionário que contemplasse a possibilidade de respostas abertas e livres, tais como: “Para você Maria Bueno significa...”. Acreditamos que, ao partir desta técnica mais livre se “estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, ampliando o campo do discurso.” (BRANDÃO, 1985, p. 29-30).

O questionário conta com 22 perguntas quantitativas e qualitativas, abordando os dados que consideramos fundamentais para identificar os devotos de Maria Bueno. O questionário foi aplicado em quarenta visitantes do túmulo de Maria Bueno no Dia de Finados, em cada ano pesquisado, o que nos garantiu cento e vinte questionários respondidos. Os visitantes eram escolhidos aleatoriamente e eram abordados ao final da visita, após passarem pela Capela de Maria Bueno, fazerem suas preces e homenagens, e depositarem cêrios no velário. O questionário (ANEXO 1) estava assim formulado:

- 01 – Idade
- 02 – Sexo
- 03 – Residência
- 04 – Escolaridade
- 05 – Profissão
- 06 – Religião
- 07 – Com que frequência visita o cemitério no Dia de Finados?
- 08 – Como veio ao cemitério?
- 09 – Visita o cemitério em outros dias do ano?
- 10 – Quais túmulos visita?
- 11 – É a primeira vez que visita o túmulo de Maria Bueno?
- 12 – Por que visita o túmulo de Maria Bueno?
- 13 – O que você conhece da história de Maria Bueno?
- 14 – Como soube da história de Maria Bueno?
- 15 – Você pede ou espera alcançar alguma graça com a sua visita?
- 16 – Conhece alguém que já teve alguma graça ou pedido atendido por Maria Bueno?
- 17 – Você fez ou fará alguma oração/prece no túmulo de Maria Bueno?
- 18 – Já trouxe algo para presentear/homenagear Maria Bueno?
- 19 – Já teve alguma graça ou pedido atendido por Maria Bueno?
- 20 – Por quais motivos já pediu ajuda a Maria Bueno?
- 21 – O que Maria Bueno significa para você?
- 22 – Maria Bueno é símbolo de:

O questionário nos possibilitou a apreensão geral do perfil dos devotos de Maria Bueno, além das perguntas qualitativas nos fornecerem elementos para análises de acordo com o assunto específico abordado, como: graças atribuídas a Maria Bueno, simbologia da figura de Maria Bueno, rituais realizados para homenagear a santa, entre outros.

### **5.1 O perfil socioeconômico do devoto**

Com base nas seis primeiras questões feitas aos visitantes conseguimos apresentar algumas características socioeconômicas dos devotos, atentando à idade, sexo, residência, escolaridade, profissão, religião.

A faixa etária dos devotos de Maria Bueno é mais reincidente na casa dos 50 anos, seguidas dos 60 e dos 40 anos. Embora existam variações entre as demais idades, os números são bem menores. Esse dado confirma a presença de uma linearidade na devoção a Maria Bueno, dando a pensar que os devotos “envelhecem” junto com a crença. A terceira perspectiva é que os devotos de Maria Bueno são, na sua maioria, curitibanos, somando 107 moradores de Curitiba, contra apenas 13 pessoas de outras regiões, sendo que destes, apenas 02 eram de outros Estados. Verificamos a expressão de uma devoção geográfica em torno de Maria Bueno, a “Santinha de Curitiba” não só arregimenta devotos locais como também os especialistas que se dedicam a ela: todas as pesquisadoras, e produtores midiáticos, também, são residentes em Curitiba.

Constatamos que tivemos 83 visitantes do sexo feminino, em contrapartida a apenas 37 visitantes do sexo masculino. O que podemos conjecturar por meio desses dados é que a crença expressa sua continuidade por meio da figura matriarcal, salientando que apesar da posição secundária da mulher dentro da religião católica institucional, o cenário se inverte quando o assunto é religiosidade, ou seja, quando atentamos à figura daquele que crê e suas vivências e experiências religiosas. (SANTISO, 1982).

A questão sobre escolaridade surpreenderia aqueles que imaginam ser a religiosidade circunscrita apenas às camadas menos instruídas da sociedade. A maior estatística fica por conta dos devotos que possuem Ensino Médio Completo (44), seguido pelos devotos com Ensino Fundamental Incompleto (29) e pelos devotos com Ensino Superior Completo (18) que, somados àqueles que foram classificados no item Pós-Graduação (09), somariam um total de 27 devotos com formação de especialistas.

Quanto ao item profissão temos áreas e serviços variados entre os devotos de Maria Bueno, cuja maioria é composta por trabalhadores de mão de obra não qualificada (41);

seguido das donas de casa (16). Entre os profissionais que trabalham na área de especialistas encontramos destaque entre os professores (11).

A religião, talvez tenha sido o dado mais profícuo sobre os devotos de Maria Bueno; constatamos que de um total de 120 devotos, 98 se declararam praticantes do catolicismo. Além desses, tivemos em ordem decrescente as seguintes declarações: 05 católicos/espíritas, 05 umbandistas, 03 espíritas, 03 protestantes, 01 sem religião e 04 que não declararam sua religião. Ainda que eliminemos a margem de erro, por meio de ocultação<sup>33</sup>, a maioria de católicos continuaria a figurar entre os devotos de Maria Bueno.

Sobre este último aspecto, é necessário considerarmos que refletir acerca da santidade em Maria Bueno implica afirmar que sua legitimidade vem prioritariamente de seus devotos, uma vez que não é reconhecida enquanto santa pela instituição católica. Todavia, ao pensá-la enquanto um santo não oficial nos levaria a incorrer no risco de associá-la a uma prática religiosa menor, o que de forma alguma é intuito deste trabalho, até porque a abordagem que privilegamos foi a de entender as formas de representações dos próprios devotos. Nesse sentido, é interessante a perspectiva adotada por Solange Ramos de Andrade (2008) acerca do que denominou “religiosidade católica”.

Conceituo como religiosidade católica, as manifestações que envolvem o culto aos santos católicos, reconhecidos ou não pela Igreja. Parto da constatação de que, nessas manifestações é difícil detectar o limite entre o institucional e o não institucional por se tratarem de expressões complexas nas quais o devoto acredita estar vivendo sua religião, sem a preocupação dela estar ou não sancionada pela instituição. Numa manifestação de religiosidade, o devoto utiliza elementos que são característicos da religião oficial, sem sentir-se embaraçado por isso. Gestos como rezar orações próprias da religião oficial ou pedir a celebração de missas para pagar uma promessa feita a um santo não reconhecido oficialmente não o constroem, pois ele continua considerando-se sempre ligado à sua religião. Diante deste pressuposto, a conceituação de uma manifestação a partir da dicotomia oficial/popular, dominante/dominado mostra-se, no mínimo, incompleta, pois exclui a especificidade de cada manifestação de religiosidade que o historiador aborda. Ao adotar a análise considerando esta dicotomia, acaba por pulverizá-la, dado que cada prática analisada é apresentada como tendo uma existência forjada em virtude de outra prática considerada a oficial. O conceito de catolicismo popular era usado automaticamente, sem uma preocupação em pensar sua historicidade ou em detectar as maneiras pelas quais diversos atores sociais se apropriavam dele. Ao identificar que a extensão popular ocupava a maior parte das denominações que fugiam do caráter institucional, percebi que em todas as abordagens, ao utilizarem este termo, analisavam as manifestações a partir do viés institucional e não uma manifestação com certa autonomia. Uma religião não será percebida enquanto “popular” senão quando uma religião “oficial” a declara ultrapassada e não legítima. No catolicismo, a maior expressão de religiosidade encontra-se no culto aos santos, tanto oficiais como extra-oficiais. (ANDRADE, 2008,p.137).

---

<sup>33</sup>Devido a estigmatização social que algumas crenças ainda sofrem, alguns dos entrevistados podem ter ocultado a verdadeira crença.

Esse modelo parece adequado ao nosso objeto por conferir historicidade ao termo ‘santo popular’, comumente utilizado para criar uma dicotomia entre os santos oficiais católicos e os santos não oficiais. Sobre este aspecto, a autora indica ainda que a busca para uma conceituação das manifestações populares no catolicismo coincide justamente com o período em que a Igreja percebe que está perdendo fiéis para tais práticas. Seja para grupos dissonantes como a umbanda, espiritismo, protestantismo ou mesmo para vertentes dentro de sua própria doutrina como é o caso dos santos de cemitério.

É denominada religiosidade popular, a religião de massa latino-americana, mais especificamente como sinônimo de catolicismo popular, o catolicismo dos santos, das procissões, dos rituais sem presença oficial. O olhar se volta exclusivamente para esse catolicismo que vai designar várias manifestações religiosas sempre com essa nomenclatura (ANDRADE, 2008, p.143-144).

A tentativa de incorporar tais práticas à Igreja, sob a nomenclatura de “popular” seria uma modo encontrado pelo catolicismo de manter seus fiéis e ter controle dessas práticas, para que não assumissem condições de ruptura.

Para mim, a Igreja Católica utiliza a acepção tradicional de tolerância, pautada na condescendência para as manifestações extraoficiais, caracterizadas como não lícitas, cuja proibição acarretaria inconvenientes de várias espécies. (ANDRADE, 2008,p.153).

A partir do exposto, os conceitos de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998) pode nos auxiliar a pensar o culto a Maria Bueno sob a modalidade de práticas instituídas.

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 1998, p.99).

Se as estratégias permitem à instituição católica a manutenção de certa unidade, ainda que sob o signo de tolerância, as táticas, por sua vez, implicam a ausência de um próprio<sup>34</sup>, ou seja, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia.

---

<sup>34</sup> Ou seja, “Uma vitória do lugar sobre o tempo permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo” (CERTEAU, 1998, p. 99).



A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1998, p. 100).

Pensar que a tática é a arte do fraco, não significa entendê-lo como vencido, pois “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. Traduzindo: tanto mais se torna tática” (CERTEAU, 1998, p. 100). Reconhecer isto pressupõe entender a cultura enquanto prática instituída e instituinte na medida em que formaliza as práticas. É nesse sentido que endossamos a recusa pelo termo “santo popular”. A opção pelo termo “santo de cemitério” implica no reconhecimento das práticas individuais na formação das representações coletivas. Corroboramos o entendimento de Michel de Certeau (1998), ao afirmar que a enunciação religiosa é caracterizada pela inscrição da experiência vivida numa linguagem, de forma a suscitar uma interpelação sobre a alteridade de sentido, demandando daquele que crê um posicionamento e uma ação.

## 5.2 A visita ao cemitério e ao túmulo de Maria Bueno

Para analisarmos o cemitério enquanto espaço de crenças partimos de Mircea Eliade (1992), por entendermos ser um espaço sagrado, um *Axis Mundi*, o simbolismo do Centro do Mundo. Ao instaurar e fundar um Sistema de Mundo é necessário eleger um Centro do Mundo que permite a comunicação com o mundo sagrado, este espaço privilegiado envolve a compreensão de que um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço profano. Essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra.

A comunicação com o Céu é expressa por certo número de imagens referentes ao *Axis Mundi* (pilar, escada, montanha, árvore, cipó) e, em torno desse eixo cósmico estende-se o Mundo, o nosso mundo”, logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da Terra”, o Centro do Mundo.

Ao tratarmos da santa de cemitério Maria Bueno, o espaço central dessa devoção, o

altar desse santuário é o seu túmulo, que recebe uma multidão de devotos durante o ano todo. Contudo, é no Dia de Finados, que a presença dos devotos se torna mais expressiva. Para compreendermos como um simples mausoléu pôde atingir *status* de sagrado usamos o conceito de “hierofania”:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’. (ELIADE, 1992, p.13).

Tanto o cemitério como o túmulo são designados como lugares sacralizados. Sobre este aspecto, foram feitas as seguintes questões aos entrevistados: Com que frequência visita o cemitério no Dia de Finados? Como veio ao cemitério? Visita o cemitério em outros dias do ano? Quais túmulos visita? É a primeira vez que visita o túmulo de Maria Bueno? Por que visita o túmulo de Maria Bueno? O que você conhece da história de Maria Bueno? Como soube da história de Maria Bueno?

Na primeira questão: “Visita o cemitério no Dia de Finados?”, oferecemos a opção de o devoto responder, não apenas sim ou não, mas também relacionar a frequência com sua resposta. Do total de 120 visitantes, a maioria, 93, visita o cemitério no Dia de Finados todos os anos, e 22 afirmaram fazer a visita ao cemitério somente no Dia de Finados e de maneira irregular.

Quanto ao deslocamento até o cemitério, a maioria, 75, veio com seu automóvel, 34 utilizaram transporte coletivo e 11 pessoas vieram a pé. Chegamos à conclusão que a maior parte dos devotos de Maria Bueno não reside próxima ao Cemitério Municipal indicando um deslocamento intenso dentro de Curitiba, mas ainda assim uma crença local. É em Curitiba que Maria Bueno encontra sua principal força de existência, sendo nomeada pelos seus devotos como “símbolo da cidade”, “santinha de Curitiba” e “mártir local”.

Dessa maneira, a maioria que visita o túmulo de Maria Bueno, o faz com certa regularidade, e mais de 2/3 dos entrevistados o fazem há mais de cinco anos. Esse dado reafirma a crença em Maria Bueno enquanto um culto linear, isto é, que não é sazonal e independe de mudanças externas para sua manutenção.

Quanto às questões: “Visita o cemitério em outros dias do ano?” e “Quais túmulos visita?”, dos 120 entrevistados, 71 pessoas responderam que visitam o cemitério em outros

dias do ano, contra 49 que vão ao cemitério apenas no Dia de Finados. Dentre os que visitam em outros dias do ano, 10 informaram visitar semanalmente, 35 pessoas visitam ocasionalmente, seguidos de 17 entrevistados que afirmaram visitar o cemitério frequentemente e, outros 09 afirmaram visitar raramente fora do Dia de Finados. Quanto aos túmulos que visitam, a maioria informou sempre visitar o túmulo de Maria Bueno. Poucos foram os que responderam que as visitas fora do Dia de Finados era direcionada a parentes, sendo que a maioria que deu esta resposta fazia referência a um ente querido próximo (como marido, esposa, filho) falecido recentemente.

Apesar do Dia de Finados ser o ápice da devoção a Maria Bueno, constatamos que muitos devotos também tomam o dia do nascimento de Maria Bueno, 08 de dezembro, e dia do aniversário de sua morte, 29 de janeiro, como datas especiais.

Verificamos que 09 entrevistados que afirmaram visitar o Cemitério São Francisco de Paula toda semana, escolheram a segunda-feira por acreditarem ser esse um dia especial de Maria Bueno: “Maria Bueno teria mais força para interceder por seus devotos nesse dia da semana”. Embora não soubessem explicar o porquê deste dia da semana, podemos pensar que estes dias são os dias de atuação de Iansã e Iemanjá, nas linhas da umbanda. Todavia, não aprofundaremos esta questão, por não se tratar do nosso tema de interesse para esta dissertação.

Na questão sobre quais os túmulos que visitavam 60 afirmaram ir ao cemitério São Francisco de Paula, no Dia de Finados, visitar “pessoas santas exclusivamente”, 48 visitavam “parentes e pessoas santas” e, apenas 05 entrevistados disseram ter vindo visitar “exclusivamente os parentes” e acabaram por passar pelo túmulo de Maria Bueno. Ainda temos 07 entrevistados que, além de parentes e pessoas santas, afirmaram visitar também pessoas famosas. Ao indagarmos quais seriam as pessoas santas ou famosas, descobrimos que as visitas se estendiam também à Menina Eunice e ao Cruzeiro das Almas<sup>35</sup>, sendo que 82 visitam exclusivamente o túmulo de Maria Bueno. Por fim, constatamos que apenas 05 dos entrevistados nos três anos de pesquisa, estavam visitando o túmulo de Maria Bueno pela primeira vez.

As motivações que levariam essas pessoas a visitarem o túmulo de Maria Bueno convergem em sua maioria, 27, para a percepção de que ela seria uma santa. Outros afirmaram que vieram agradecer graças alcançadas, 24, ou para pedirem graças, 19 pessoas.

---

<sup>35</sup>Achamos pertinente incluir o Cruzeiro das Almas na categoria “visita a pessoas santas”, ao ouvirmos dos entrevistados que por meio do Cruzeiro das Almas eles estariam visitando os santos canônicos (sendo Nossa Senhora Aparecida citada 09 vezes e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 06 vezes) e também os santos não canônicos.

Poucos vieram acompanhar pessoas, pela história de vida comovente de Maria Bueno, apenas por curiosidade, porque se sentem bem no cemitério, para pagar promessas, para obter intercessões, por considerarem Maria Bueno famosa ou por acreditar que o túmulo traria sorte.

Sobre o que conhecem da história de Maria Bueno, as versões são as mais variadas: “foi assassinada por um policial”; “foi assassinada por ciúme”; “sofreu abuso”; “o túmulo dela era perto do cruzeiro”; “assassinada pelo amante”; “foi morta injustamente”; “é Nossa Senhora Aparecida”; “faz milagres principalmente para pessoas humildes”; “foi vítima de estupro por um policial”; “foi assassinada pelo ex-patrão”; “escrava assassinada pelo ex-namorado”; “foi prostituta e ajuda as mulheres solteiras” e, “não é uma santa”. Sobre essas variações na história de Maria Bueno, Calávia Saez (1996) nos ajuda a perceber que, justamente por não estabelecerem uma origem ou cronologia, mas apresentarem aspectos assistemáticos e anômicos de um fenômeno criador de uma ordem, o equívoco dos relatos é decisivo, pois é por meio deles que “o santo respira e se cria.” (CALÁVIA SAEZ, 1996, p. 18).

Dos 120 entrevistados, 49 teve acesso a história de Maria Bueno pela mídia<sup>36</sup>: 20 por reportagens passadas na TV, 11 por periódicos impressos, 04 pelo rádio, 03 pela microssérie exibida pela RPC TV, 03 pela internet e 02 por novelas antigas da TV Tupi. E, 47 afirmaram conhecer a história de Maria Bueno por meio de familiares, ou seja, a oralidade é fundamental na manutenção do mito.

### 5.3 A Dinâmica da dádiva

Marcel Mauss (1974) chamou de dinâmica da dádiva, uma forma intrínseca e subliminar de receber e ofertar, que em nosso entendimento descreve a forma como os devotos de Maria Bueno interagem com a santa. Segundo Mauss (1974) a troca simbólica pode adquirir diversos significados a depender do contexto social em que está inserida. O simples ato de deixar um ex-voto no túmulo de Maria Bueno sistematiza, em si, o ato de troca simbólica dado que a retribuição a um pedido realizado pela santa traz em si a dinâmica

<sup>36</sup>Algumas poucas pessoas indicaram terem tomado conhecimento de Maria Bueno por meio de uma microssérie chamada *Maria Bueno*, produzida pela RPC TV, e exibida pela Rede Globo de televisão, no quadro *Casos & Causos*, no ano de 2007. Outras mencionaram terem visto reportagens na televisão sobre o Dia de Finados em Curitiba e a previsão de túmulos mais visitados. Uma informação que não conseguimos confirmar seria uma radionovela transmitida por alguma rádio curitibana sobre Maria Bueno. Além disso, houve indicações de conhecê-la por meio da internet, ou por centros espíritas e terreiros de umbanda em Curitiba.

da dádiva. Ao questionarmos os visitantes se eles pediriam ou esperavam alcançar alguma graça com a sua visita, dos 120 entrevistados, 74 disseram que sim, contra 46 que disseram não esperar alcançar alguma graça por meio daquela visita.

A dinâmica da dádiva pode ser traduzida como uma forma implícita de troca simbólica, uma vez que assim que é feito o pedido, inconscientemente há a necessidade de retribuição do ato. Na mentalidade dos devotos o rompimento dessa dinâmica por parte deles, isto é, a não oferta de agradecimento à santa, implicaria em não realização de um pedido, e o afastamento da santa pela falta de agradecimento.

Questionados se conheciam alguém que já teve alguma graça ou pedido atendido por Maria Bueno, 74 devotos afirmaram conhecer alguém, contra 46 que negaram. Indagados sobre quem foi o agraciado as respostas indicavam que 43 dos 74 eram familiares e conhecidos e apenas 18 revelaram ter sido os próprios portadores da graça. Fica implícito que a fé se mantém pela repetição dos milagres. 107 disseram que fizeram ou fariam alguma oração ou prece no túmulo de Maria Bueno, geralmente o Pai-Nosso, Ave-Maria ou Salve-Rainha.

Segundo Mauss (1974), a dinâmica da dádiva seria antes de tudo observar trocas entre sociedades, “o dar para receber” e a ritualística sagrada em torno disto. Quanto maior a dádiva, melhor deveria ser o empenho em sua retribuição. Essa troca representa uma relação social, se uma das partes sempre receber mais vai passar por interesseira e mal agradecida. Quem dá espera receber de volta, mas este nunca pode demonstrar que está dando apenas para cobrar algo, ainda que intrinsecamente se saiba, e se deva saber, que esse bem material deverá ser retribuído.

Ao inserirmos a dinâmica da dádiva na contemporaneidade, por meio das considerações de Mauss (1974), torna possível conjecturarmos que, quando o devoto leva uma oferenda ao santo, deus ou entidade, objetiva agradar e homenagear, mas de fato fará um pedido, uma súplica, uma oração. Porém, essa dinâmica se dá de maneira sutil: uma oferenda, uma oração, e a esperança que, de alguma forma o objeto ofertado possa acelerar a realização das súplicas.

O ex-voto faz parte do mesmo ciclo da dinâmica da dádiva, é a troca simbólica ao contrário. É como se o santo fosse o primeiro a conceder um presente ao devoto, a graça, e este tivesse a obrigação de retribuir, senão a dinâmica sagrada irá se quebrar. É como se o devoto estivesse sendo observado e reprovado pelo santo se não retribuísse, se sente culpado mesmo que o agradecimento não seja de fato uma promessa. É como se o devoto estabelecesse uma relação íntima com o santo.

Ao indagarmos por quais motivos já pediram ajuda a Maria Bueno, 31 devotos fizeram pedidos relacionados à saúde, 11 pediram emprego ou alguma melhoria financeira, demonstrando que esses são os fatores que mais afligem a sociedade, independentemente de religião, escolaridade ou *status* social.

Quanto maior for a graça, mais o devoto sente necessidade de retribuir, mas como afirmamos anteriormente, trata-se de uma troca simbólica, pois toda a graça que um santo é capaz de realizar nunca poderá ser paga com ex-votos, mas o pagamento a partir de sacrifícios e de simbolismos materiais dão a sensação aos devotos de que sua parte foi feita, conseguiram retribuir a graça recebida. Segundo Mauss (1974):

De todos esses temas muito complexos e desta multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui um único traço, profundo, mas isolado, o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, imposto e interessado dessas pretensões. (MAUSS, 1974, p.41).

A questão que o autor nos coloca é: porque devolver se foi dado? Qual é a regra de direito e de interesse nas sociedades que faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? É o sentimento de dever, que Mauss (1974) chama de moral contratual. Nesse sentido, 93 devotos disseram que já trouxeram algo para presentear ou homenagear Maria Bueno, dos quais 38 o fizeram depositando as rosas vermelhas, reafirmando o símbolo de Maria Bueno. Os demais trouxeram velas e/ou flores diversas.

Para Mauss (1974) essa parte da história social expressa, de maneira implícita, a moral religiosa, a de pertencimento a um grupo e, conforme as regras impostas por esse grupo, o indivíduo pode ser aceito ou não, e quando aceito ocupará melhor ou pior posição dependendo em como se encaixa nessa moral. Portanto, o não cumprimento de uma regra, ainda que simbólica, estaria excluindo o indivíduo do grupo ao qual necessita pertencer.

Para nós, as graças pedidas a Maria Bueno representam a esperança que tem um duplo sentido: confiança no poder do sagrado para escapar à fragilidade do viver, e esperança numa outra vida diferente da que leva. As graças, por serem caras ao devoto necessitam o estabelecimento da dinâmica da dádiva com sua santa de devoção. A proteção que o devoto implora ao poder do sagrado vai ao sentido de que sua vida não seja uma sucessão de sofrimentos. (ZALUAR, 1983, p. 87)

#### 5.4 As representações de Maria Bueno

A opção pelo conceito de representação nos permite articular três modalidades de relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos. Segundo, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. E por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais os representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, por meio das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada e ressignificada concebendo uma nova apreensão do real. (CHARTIER, 1990, 2002).

Essas questões se tornam evidentes quando ouvimos as respostas dadas à pergunta “O que Maria Bueno significa para você?”. “Ela se parece com a Nossa Senhora”, diz uma devota convencida de que essa comparação é uma grande homenagem. As características da imagem, a pele alva, a túnica branca e o manto azul, se assemelham as representações da Virgem Maria. Se o ritual no cemitério configura a manifestação física da crença na qual Maria Bueno se insere, é possível compreender que o cemitério, como local de devoção, intensifica a relação imediata dos devotos com a santa. A representação que um devoto faz de Maria Bueno estaria, antes de tudo, na significação individual do que é considerado sagrado para aquele que crê:

Supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representação, o que nesse caso, seria instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é. (ANDRADE; SERAFIM, 2010, p. 125).

Desta maneira, o cemitério é um espaço devocional não apenas como uma forma física de relação entre os devotos e Maria Bueno, mas como um espaço transcendente onde o sagrado se manifesta por meio de imagens, orações e, principalmente, da figura do túmulo como altar. Todavia, pensar Maria Bueno como símbolo exclusivo de um catolicismo não institucional seria realizar uma simplificação mutiladora, pois negaria as interpretações dos devotos. “Você sabe que a Maria Bueno não era assim como a gente está vendo, né?” indagou-nos um devoto durante a pesquisa de campo durante o Dia de Finados de 2013. Ao

nos observar aplicando questionários, ele parecia intrigado com o que seria escrito sobre Maria Bueno. Sua indagação era construída em tom de quem segreda algo muito importante e ao mesmo tempo de censura. Retribuímos com um “Assim como?”, denotando o mais profundo interesse. E ele responde: “branca, com essas roupas assim” e completa indicando a estátua presente no santuário, “eu não a vejo do jeito que ela está ali”.

O devoto explica ser umbandista e afirma seguir a linha cruzada, da umbanda com a quimbanda. Relata, inclusive, uma graça que teria recebido de Maria Bueno, explicando que rezava para ela em outra língua, mas sem dizer qual. Prossegue afirmando que Maria Bueno poderia se manifestar enquanto a Pombagira (entidade da umbanda) e que se déssemos uma volta completa em sua Capela, quando estivéssemos indo embora, ela estaria olhando para nós. Essa afirmação em si carrega uma forte simbologia, pois segundo seu relato, Maria Bueno teria sido apunhalada pelas costas, logo, jamais daria as costas a quem roga por ela.

Outra história que nos chamou a atenção foi a de um engenheiro, devoto de Maria Bueno há muitos anos, ao relatar que sua mãe, esteve muito tempo doente e nenhum médico encontrava a causa. Teriam então descoberto tratar-se de uma “obsessão espiritual”, e por meio da intercessão de Maria Bueno, feita através de uma médium, sua mãe fora curada. Desde esse dia ele teria se tornado espírita e devoto de Maria Bueno. É recorrente a divulgação de centros espíritas em Curitiba que afirmam receberem Maria Bueno para aconselhamento espiritual.

Outra devota parou-nos na escada que leva à Capela e afirmou, sem cerimônia, que “Maria Bueno é a santa dos presidiários”; como ela foi morta por um policial, explicou a devota, ela protege os presos e até ajuda a sair da cadeia, quem se comporta e se arrepende. Outra representação mais recente de Maria Bueno foi a veiculação de sua imagem à “Marcha das Vadias” em Curitiba, no ano de 2011. Entender como Maria Bueno se tornou um símbolo feminista na atualidade pressupõe a constituição de duas representações; a da santa e a da prostituta. Se socialmente estas parecem divergir, no âmbito das relações humanas são complementares por estarem vinculadas a uma terceira representação: a da feminista.

Os relatos acima foram eleitos com o intuito de identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social, a história da santa Maria Bueno, é construída, pensada e dada a ler (CHARTIER, 1990). Quando questionados sobre o que Maria Bueno simbolizava para os devotos, as respostas consistiram, na ordem de maior reincidência, em: "Santa", "paz", "divino", "Nossa Senhora", "vida/esperança", "espiritismo", "proteção", "orgulho", "prosperidade", "folclore", "mulher", "sofrimento", "tudo", "superação". Como explicam Santos e Stoll (2011) as razões para a escolha de um santo pode



se dar por herança familiar, o santo que já era cultuado pela avó do devoto; a ligação com outro santo que o devoto já cultua; por indicação, quando o devoto se encontra aflito e tem o santo indicado por alguém que diz ser o santo propício para tal aflição; mas principalmente por identificação: o santo da cidade ou profissão do devoto, o agrado pelas ações do santo em vida ou se este viveu um drama parecido com que o devoto está vivendo no momento de aflição. Talvez essa seja a principal razão de Maria Bueno ser cultuada principalmente por mulheres de vida humilde e também pelas prostitutas, mulheres expostas constantemente à violência masculina.

Diante das distintas representações de Maria Bueno, o conceito de hibridismo cultural de Peter Burke (2003) nos parece elucidativo, para entender como crenças que, em um primeiro momento pareciam impossíveis de se definir, na prática coexistem em harmonia sem se sobrepor a outra.

No Brasil, a chegada das ordens religiosas e as estratégias que utilizaram na conversão dos indígenas autóctones e dos escravizados africanos, confere ao catolicismo brasileiro um caráter distinto do catolicismo europeu, donde se originou. Elementos de várias culturas distintas foram adaptados e cristianizados, constituindo influências advindas das crenças das tradições indígenas de diversos grupos étnicos e as manifestações africanas, de vários países, trazidas com os negros. O que temos é resultado de um conjunto de apropriações e ressignificações que começaram a triunfar em todos os campos, se expressando de forma mais livre onde encontravam espaço, como é o caso da religiosidade devocional. (BURKE, 2003).

Estabelecer a unidade na diversidade não é nossa preocupação. Como historiadores, não objetivamos um produto final, fruto das hibridizações em que os devotos inserem Maria Bueno, pelo contrário consideramos enquanto riqueza histórica todos os detalhes coletados. Longe de pensar a crença em santos de cemitério como uma forma de subjugar a religião dos povos vencidos, escravizados ou ocupados, percebemos formas de resistências a algumas dessas práticas que, para não se perderem, foram ressignificadas, incorporando novos elementos.

Por meio de Burke (2003) compreendemos que o próprio catolicismo tem em sua origem a identidade fragmentada, já que para sua constituição também ela, considerada pura e hegemônica para seus clérigos e fiéis, agregou elementos de outras culturas, que ganharam no seio da instituição católica a imagem de santos e anjos. A descoberta de um novo espaço religioso, multifacetado e híbrido é o que torna a crença em Maria Bueno algo especial. A identidade religiosa de Maria Bueno está situada entre a religiosidade devocional e a pluralidade de crenças que constroem seu universo de devoção.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início do século XXI, Pierre Sanchis (2001) indicava que o campo religioso tornava-se cada vez menos no campo das religiões, em especial, nas suas institucionalizações históricas. O autor apontava ainda, que as manifestações que invadiriam esse campo possuíam a tendência de se reencontrarem, organizadas em torno das injunções concretas de uma vida cotidiana objetiva ou subjetivamente vivida na precariedade e que esse fenômeno apontaria para uma multiplicidade das apreensões de sentido. Dessa forma, haveria um novo tipo de crença que escaparia ainda mais do que no passado, ao controle efetivo dos aparelhos religiosos.

Estará a ocorrer uma intensificação da religiosidade, sem que por isso as religiões assistiriam o definhamento do seu papel social. Esse formato que se estabelecerá em finais do século XX, não poderia ser definido como religião ou religiões<sup>37</sup>, mas de religiosidades<sup>38</sup>. A partir desta constatação, Sanchis (2001) indagava se a religiosidade precisaria necessariamente de remeter a uma instituição ou poderia se organizar de forma autônoma.

No mesmo viés desse argumento encontramos em Andrade (2010) a descrição de sentidos que acompanha o santo ao longo da história até sua significação atual. De início a autora já desmitifica a ideia de que santos são elementos presentes apenas no catolicismo. Ao contrário, somos levados a entender que santo e santidade estariam relacionados à noção de purificação e a possibilidade de uma relação com o sagrado e não necessariamente sujeitos a uma instituição.

Ao iniciarmos nossa pesquisa, encontramos primeiramente a narrativa sobre a mulher que morre defendendo sua honra e que, como consequência da morte violenta, tem a expiação de seus pecados, o que poderia aproximá-la da condição de santa. Evidenciamos várias tentativas de sufocar o ímpeto feminino de Maria da Conceição Bueno. O mito que prevalece e congela a representação de Maria Bueno enquanto santa é o de uma mulher predestinada ao sagrado. Liberta ou transcendendo sua mundanidade, Maria Bueno afasta-se de seus pecados e os maldizeres se esvanecem.

Por tratar-se de uma devoção não institucional, percebemos a aproximação e a consequente apropriação da imagem de Maria Bueno enquanto santidade mariana tradicional, o manto azul, sua expressão serena e mesmo a força da alvura de sua pele fazem alusão à imagem de Nossa Senhora. Permanece, assim, a figura do feminino relacionado à mãe e à

---

<sup>37</sup> Aqui entendidas como práticas institucionalizadas.

<sup>38</sup> Entendida como práticas não institucionalizadas, mas tomadas como verdadeiras por seus fiéis.

virgem. No entanto, aos considerarmos que as imagens são historicamente construídas e interpretadas segundo os grupos que as leem, a figura de Maria Bueno assumiu um novo significado no século XXI; de santa passou a ser lida enquanto mulher marginalizada, vítima do preconceito e da violência masculina.

Percebemos, desta maneira um processo inverso ao que possibilitou a construção da imagem de santa; se no processo de santificação a trajetória de vida é ocultada, deixando de lado o seu caráter mundano e profano para dar espaço à sua sacralidade, na atualidade, uma inversão ocorreu, pois o que se destaca é justamente a historicidade de Maria Bueno expressas nas suas características humanas, na sua sexualidade e nas relações sociais de dominação masculina. Mas isto seria tema para uma nova pesquisa.

Apesar das distintas leituras, o que prevalece são as pessoas que foram ao túmulo agradecer ou pedir por seus familiares, um alívio para suas dores físicas ou emocionais ou a chance de um emprego melhor. Enfim, cada devoto procurava em seu íntimo algo na santa que possibilitasse uma identificação por meio da dor, em um processo de identificação a partir da devoção, principal força motriz da fé.

Essa leitura nos permitiu também entender as dinâmicas sociais, pois ao indagarmos aos devotos acerca do que pensavam de Maria Bueno ser vista como uma prostituta, não vimos expressões escandalizadas ou mesmo ofendidas por compararmos sua santa de devoção com uma meretriz, mas tivemos a surpresa da passividade e condolência com a suposta vida pouco convencional de Maria Bueno. Alguns devotos relatavam que Maria Bueno havia sido abusada na adolescência, o que justificaria seu comportamento hipersexualizado. Outros viam em Maria Bueno apenas uma liberdade maior, sem enxergar problemas nisso. Apesar da permissividade para com as escolhas sexuais atribuídas a Maria Bueno, a maioria dos devotos não a considera um símbolo feminista, mas uma mulher que batalhou e sofreu por escolher, ou ter o azar de encontrar, homens errados em seu caminho.

Para Danièle Hervieu-Léger (2008), o panorama religioso contemporâneo estaria marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção da crença e das pertencas individuais e, pela diversificação das trajetórias percorridas pelos indivíduos, praticada de modo voluntário, autônoma, variável, individual, móvel e excepcional. A apropriação que o devoto realiza da imagem de Maria Bueno parece, por um lado, se afastar de disposições fixas de interpretação, ao não possuir um caráter de obrigação específica para o seu conjunto de visitantes. Por outro lado, a devoção religiosa se assemelha a uma prática voluntária e pessoal, uma opção individual mesmo quando assume característica de uma devoção coletiva.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Literárias:

SILVA JUNIOR, Euclides da Mota Bandeira e, [1939]. Maria Bueno. **Cronicas Locaes**. Curitiba/PR: Tipografia da Escola de A. Artífices. 1941. P. 87-90.

PEREIRA, Major Sebastião Izidoro. **Maria Bueno** (História – Romance – Agiografia). Curitiba/PR: Editora Gráfica Mundial. 1ª ed. 1948.

SECUNDINO JUNIOR, Octavio. **Retrato de Maria Bueno**. Curitiba/PR: Versão do autor. 1996.

### Fontes Jornalísticas:

A REPÚBLICA. **Assassinato**. Curitiba, PR, Edição de 1º fev., 1893, p. (s/n).

A REPÚBLICA. **Graças aos esforços do cidadão Dr. Chefe de Polícia e do ativo comissário em exercício**. Curitiba, PR, Edição de 02 mar., 1893, p. (s/n).

A REPÚBLICA. **Encerrou-se ontem a segunda sessão do Jury**. Curitiba, PR, Edição de 14 jul., 1893, p. (s/n).

ALMEIDA, Anieli. Vamos passear no cemitério?. **Gazeta do Povo**. Curitiba, PR, Edição de 01 nov. 2010, Vida e Cidadania, p. 15.

CARDOSO, Rosy de Sá; FERNANDES, José Carlos. Maria Polenta, uma lição de vida. **Gazeta do Povo**. Curitiba, PR, Edição de 18 mar. 2007, Vida e Cidadania. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maria-polenta-uma-licao-de-vida-aeoff79sefbsq3s0mzz1z7j2m>. Acesso em 09/02/17.

CUNHA JUNIOR, Francisco Pereira. Noventa anos de história. **Gazeta do Povo**. 02 fev. 2009. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/especiais/90-anos/independencia/noventa-anos-de-historia-beaefbfbxubyka4q07fqg85q>. Acesso em: 12/04/16.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. **Horroroso assassinato**. Curitiba, PR, Edição de 30 jan. de 1893, p. (s/n).

FABRI, Marina. Cemitérios recebem 60 mil visitantes. **Gazeta do Povo**. Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 2012, Vida e Cidadania, p. 05.

GAZETA DO POVO. **500 mil visitam cemitérios em Curitiba**. Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 2001, p.10.

GAZETA DO POVO. **A tradição de Finados nos cemitérios**. Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 1993, p.44.

GAZETA DO POVO. **Cemitérios estão em ordem para receber romaria de Finados.** Curitiba, PR, Edição de 1º nov. 1967, p. 04.

GAZETA DO POVO. **Cemitérios têm visitação recorde.** Curitiba, PR, Edição de 01 nov. 1997, p.(s/n).

GAZETA DO POVO. **Cruz, símbolo de devoção.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1991, p.06.

GAZETA DO POVO. **Devotos fazem fila para visitar o túmulo de Maria Bueno.** Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 2000, p.05.

GAZETA DO POVO. **Dia é para a reverência aos mortos.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1986, p.22.

GAZETA DO POVO. **Finados com menor movimento em cemitérios.** Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 1992, p. (s/n).

GAZETA DO POVO. **Grande movimento é esperado para hoje no cemitério de Curitiba.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1982, p. 28.

GAZETA DO POVO. **Grande romaria ao túmulo de Maria Bueno.** Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 1991, p.03.

GAZETA DO POVO. **Grande romaria aos túmulos de Maria Bueno e “Polenta”.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1962, p. 08.

GAZETA DO POVO. **Hoje o dia de reverenciar os mortos.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1988, p.03.

GAZETA DO POVO. **Ida aos cemitérios é antecipada.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1994, p.04.

GAZETA DO POVO. **Maria Bueno.** Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 1996, p.12.

GAZETA DO POVO. **Maria Bueno**, a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes. Curitiba, PR, Edição de 18 de jan.1934, p. (s/n).

GAZETA DO POVO. **Mau tempo não impede o grande fluxo de pessoas ao cemitério.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1991, p.08.

GAZETA DO POVO. **No dia dos mortos** – Uma das maiores romarias que se fizeram em Curitiba. Desde as primeiras horas do dia até a penumbra da noite o campo santo esteve repleto de populares. Curitiba, PR, Edição de 3 nov. 1926, p. 01; p. 05.

GAZETA DO POVO. **Os mortos lembrados.** Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 1985, p. 04.

GAZETA DO POVO. **Tradição de reverenciar Maria Bueno.** Curitiba, PR, Edição de 02 nov. 1981, p. 03.

GAZETA DO POVO. **Túmulos famosos recebem muitas visitas e homenagens.** Curitiba, PR, Edição de 03 nov. 2002, p.05.

GAZETA DO POVO. **Uma profanação.** Curitiba, PR, Edição de 1º nov. 1919, p. (s/n).

GAZETA DO POVO. **Visita aos mortos começou no final de semana,** mas terá maior movimento amanhã. Curitiba, PR, Edição de 1º nov. 1992, p.06.

PIMENTA, Rubia. "Milagreiros" atraem milhares no PR. **Gazeta do Povo.** Curitiba, PR, Edição de 31 out. 2008, Vida e Cidadania, p. 08.

SECUNDINO JUNIOR, Octavio. Culto a Maria Bueno. **Gazeta do Povo,** Curitiba, PR, Edição de 02 de nov. 1987, p. 26.

### **Fontes da Pesquisa de Campo:**

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Pesquisa e observação participante.** Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2013.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Pesquisa e observação participante.** Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2014.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Pesquisa e observação participante.** Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2015.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Série de questionários aplicados.** Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2013.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Série de questionários aplicados.** Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2014.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Série de questionários aplicados.** Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2015.

### **Bibliográficas:**

ALMEIDA, Cesar. **Maria Bueno** – A Santa (tipicamente) Curitibana. Peça teatral. Curitiba, Teatro Novelas Curitibanas, Fundação Cultural de Curitiba, 2007.

ALVES, Silmar. Desfile de Moda. **Paraná Business Collection** 2ª edição, Curitiba, 1º de novembro de 2010.

ANDRADE, Solange de. A identidade Católica: entre a religião e a religiosidade. Ivan. Manoel; Solange Ramos de Andrade (orgs.). **Identidades religiosas.** Franca: UNESP – FHDSS; Civitas Editora, 2008, p. 253–281.

ANDRADE, S. R.. A Igreja cristã e o Dia de Todos os Santos. In: Terezinha Oliveira; Elizabete C. S. Ribeiro. (Org.). **Pesquisa em Antiguidade e Idade Média:** olhares interdisciplinares - V. III. 1ed. Maringá: EDUEM, 2009, v. III p. 87-101.

ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano III n. 7, Mai, 2010. P. 131-145. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. P. 131-145. Acesso em: 07/02/2014.

ANDRADE, Solange Ramos de. **Santo de cemitério**: A devoção ao Menino da Tábua (1978-1994). 1ª ed. Maringá: EDUEM, 2015.

ANDRADE, Solange Ramos de; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá - PR como espaço de devoção. In: **História Agora**. Ano VIII v.10, 2010. P. 103 – 136. Disponível em: <http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no10/50-dossie/219-a-religiosidade-catolica-e-seus-santos-o-cemiterio-municipal-de-maringa-pr-como-espaco-de-devocao>. Acesso em 07/02/2014

ARAÚJO, Ubiratan Castro. Apresentação. **Festa de Santa Bárbara**. Salvador: IPAC. 2010.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada, 1**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1985.

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. **Dom Pedro Antonio Marchetti Fedalto**. Disponível em: <http://arquiocesedecuritiba.org.br/clero/dom-pedro-antonio-marchetti-fedalto/>. Acesso em 08/02/2017.

BLOG CURITIBAMANIA. **Vida de Maria Bueno**, a “santa de Curitiba”, chega ao palco do Lala. Disponível em: <http://cwbmania.blogspot.com.br/2015/07/vida-de-maria-bueno-santa-de-curitiba.html>. Acesso em 23/11/2015

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. 2.ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

BROWN, P. **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

*Bulla* da Imaculada Conceição. Disponível em: <http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/751/28/>. Acesso em 02/02/2017.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. 3ª ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

CALÁVIA SAEZ, Oscar. **Fantasma falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS Bill. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARNEIRO, David. **Os fuzilamentos de 1894 no Paraná**. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel. (1982). A operação historiográfica. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1990.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **O universo simbólico e a escrita da história**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1991.

CIA SENHAS DE TEATRO. **Gilda convida Maria Bueno**. Teatro de rua, Curitiba, 2010; 2015.

CRUZ, Luiz Alberto da (Foca); BERTOLI, Mariza Raul. **Cruz: Sonhos**, Curitiba: Artfix, 2009.

CURITIBA CITY. **Túmulo Maria Bueno**. Disponível em: <<http://www.curitibacity.com>> Acesso em 13/08/2012.

DALLEGRAVE, Ângelo Antonio. **Voz do Paraná**, 1974. Disponível em <<http://www.tabloidedigital.com.br/artigo/maria-bueno-santa-ou-somente-uma-mulher>> Acesso em: 25/05/12.

DIVULGUE CONTEÚDO. **Marcha das Vadias em Curitiba**. Disponível em: <<http://cultura.divulgueconteudo.com/154213-marcha-das-vadias-em-curitiba-pelas-ruas>> Acesso em 29/05/2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

FERNANDES, Cláudio. 02 de Novembro – Dia de Finados. **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-de-finados.htm>>. Acesso em 09/02/2017.

FIANI, João Luiz. **Maria Bueno – Controversa Mulher**. Peça teatral musical. Curitiba. Teatro Lala Schneider, julho/agosto, 2015.

FOTO 01. Entrada principal do Cemitério São Francisco de Paula. Arquivo Pessoal Vanda Serafim. 20/06/2012.

FOTO 02. Devotos se dirigindo ao túmulo de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 03. Placas votivas no muro em frente ao túmulo de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 04. Imagem da capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015. 02/11/2015.



FOTO 05. Porta da capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 06. As placas votivas mais antigas que ficam no túmulo. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 07. Interior da capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 08. Fitinhas de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 09. Velário de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 10. Copos de água deixados no velário de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 11. Fila para entrar na capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 12 - Jornalistas na Capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli.  
FRANCO JÚNIOR, Hilário. Apresentação. IN: Jacopo de Varazze. **Legenda Áurea**. Vidas de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GAZETA DO POVO ON-LINE. **Homenagem à Maria Bueno**, a “santa do povo”, fechou desfiles. Disponível em:  
<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=793364&tit=Homenagem-a-Maria-Bueno-a-santa-do-povo-fechou-desfiles>. Acesso em 22/03/2012

GEMBA, Oraci. **Maria Bueno**. IN: Boletim Informativo n.º 6. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, jan. 1975.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Igreja Católica Romana em Curitiba (PR): estruturas da territorialidade sob o pluralismo religioso. **R. RA’EGA**, Curitiba, n. 7, p. 95-110, 2003. Editora UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3355/2691> . Acesso em 12/02/2017

GRASSI, Clarissa. **Guia de visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula**: arte e memória no espaço urbano. Curitiba: Edição do autor. 2014.

GRASSI, Clarissa. **Um olhar... A arte no silêncio**. 1ª ed. Curitiba: Editora Clarissa Grassi, 2006.

GRÜN, Anselm. **50 santos**. Edições Loyola: São Paulo, 2005.

GUIA GEOGRÁFICO DE CURITIBA. **Igreja do Rosário dos Pretos**. Disponível em:  
<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/igreja-rosario.htm>. Acesso em 12/08/2016.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

IMAGEM 01- Mapa com a marcação do local da residência de Maria Bueno e onde o seu corpo foi encontrado. Fonte: Google Maps. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/R.+Saldanha+Marinho,+780+-+Centro,+Curitiba+-+PR,+80410-151/@-25.4314184,-49.2800425,16z/data=!4m13!1m7!3m6!1s0x94dce40c83a9f67f:0x810d79a8722f1186!2sR.+Saldanha+Marinho,+780+-+Centro,+Curitiba+-+PR,+80410-151!3b1!8m2!3d-25.4312198!4d-49.2790233!3m4!1s0x94dce40c83a9f67f:0x810d79a8722f1186!8m2!3d-25.4312198!4d-49.2790233> Acesso em 10/09/2017.

IMAGEM 02- Capa do livro *Retrato de Maria Bueno* (1996). Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli.

IMAGEM 03- Mapa do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Fonte: Google Maps. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Cemit%C3%A9rio+Municipal+S%C3%A3o+Francisco+de+Paula/@-25.4215733,-49.2751595,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0xe9d84019a7e14af!8m2!3d-25.4215733!4d-49.2751595> Acesso em 18/02/2017.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo:** devoções e manifestações de religiosidade popular. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

KARAN, Mirian. Maria Bueno segundo seu mais devoto fiel. **Panorama**, Curitiba, 1977. [matéria escrita com base em entrevista concedida por Arnaldo Azevedo].

KOSTER, Julia Impéria. A construção de uma santidade popular e os direitos da mulher. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 86, mar 2011. Disponível em: <[http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=9222&revista\\_caderno=3](http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9222&revista_caderno=3)> Acesso em 24/11/2011.

LATOUR, Bruno. “Não congelarás a imagem”, ou: como não desentender o debate Ciência-Religião. **Mana**, 10(2), p. 349-376, 2004.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Reflexões em torno do princípio republicano. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 100, p. 189-200, jan./dez, 2005.

LIMA, Andrea de Alvarenga. A saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba. **Psicologia Argumento**. Curitiba, v. 25, n. 49, p. 173-185, abr./jun. 2007.

LIMA, Diego Anézio Rezende; BIALLI, Rodrigo. **1893:** a Santa forjada no centro de Curitiba, Curitiba: s/e, 2011.

LOCATELLI, Jussara; MORINI, Fernanda. **Maria Bueno**. Microsérie, RPC-TV/Rede Globo, quadro Causas & Causos, produção Realiza Produções, 4 episódios, 2007.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Pinsky (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MARCELINO, Walmor. **Os Fuzis de 1894** (Paixão de Maria C. Bueno e Outras Pessoas). Curitiba: Planograf Ltda, 1970.

MARQUES, Cyntia.T. Estado da Arte. **Potencialidades e limitações da aplicação simultânea de aromas e de pigmentos sensíveis ao calor e à luz em artigos de moda praia**, 2004, p. 17-88. II Parte. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/899>>. Acesso em 17/02/2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Volume II. São Paulo, Sp: E.P.U.; EDUSP. 1974.

MENGHINI, Roberto; AVELAR, Paulo de. **Maria Bueno**. Telenovela, TV-Paraná, 1979.

MILLARCH, Aramis Maria Bueno, santa ou somente uma mulher?. **Estado do Paraná**. Caderno ou Suplemento: Almanaque, p.4 em 12/07/1974. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/maria-bueno-santa-ou-somente-uma-mulher> Acesso em 17/02/2016.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Editora: Publicações Europa-América, 1997.

NOTA 12. Disponível em: <http://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/como-funciona-um-processo-de-canonizacao/>. Acesso em 09/02/2017

NOTA 13. Disponível em:  
<http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/751/28/> . Acesso em 12/02/2017.

NOTA 29. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=092932&pagfis=108128> Acesso em 16/02/2017.

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. **Revistas UniBrasil**, Curitiba, v. 1, n. 02, p.86-99, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/view/19/19>> Acesso em 19/08/2016.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

ROSSI, Gisele. História de Maria Bueno será apresentada em quatro episódios. Curitiba: **Gazeta do Povo** Online, 12.02.2008. Disponível em: <<http://www.portalcienciaevida.uol.com.br/ESLH/Edicoes/15/artigo119637-3.asp>> Acesso em 25/02/2012.

SANCHIS, Pierre. No mapa das religiões há lugar para a "religiosidade". **Revista de Ciências Humanas**, [S.l.], 2001, n. 30, jan. pp. 12-26. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25109/22123>>. Acesso em 25/02/2015.

SANTANA, Miriam Ilza. Revolução Federalista. **Info escola**. 2007. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/revolucao-federalista/>. Acesso em 14/09/2016

SANTISO, M. T. P. **A hora de Maria**, a hora da mulher. São Paulo: Paulinas, 1982.

SANTOS, Conceição Aparecida dos. **Como nascem os santos: O caso Maria Bueno**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

SILVA, Cristiano de Souza. Disponível em: <http://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/como-funciona-um-processo-de-canonizacao/>. Acesso em 02/02/2017.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL Rodrigo. Maria Degolada: de mulher a santa e de santa a mulher. In: Gisele Zanotto (Org.). **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul Vol. I**. Passo Fundo, RS: Editora PPGH. 2012.

STOLL, Sandra Jacqueline; SANTOS, Conceição Aparecida dos; BRAGA, Geslline Giovana; DURANDO, Vanessa. **Maria Bueno: Santa de Casa**. 22ª ed. Curitiba: Edição do autor, 2011.

VAUCHEZ, André. A Santidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Porto: Casa da Moeda, Imprensa Nacional. Mythos/Logos, v. 12, 1987.

ZALUAR, Alba. **Os Homens de Deus**. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1983.

ZANOTTO, Gizele. As duas mortes de Maria Pequena. **Revista de Passo Fundo**. Gisele Zanotto (Org.). Passo Fundo, RS: Editora PPGH. 2014. Disponível em: <http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&codigo=51339> . Acesso em 18/01/2017.

## ANEXO A: QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA A PESQUISA DE CAMPO

Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Residência: ( ) Curitiba ( ) Região Metropolitana de Curitiba  
( ) Outras cidades. Quais? \_\_\_\_\_ ( ) Outros estados. Quais? \_\_\_\_\_
4. Escolaridade: ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo  
( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo  
( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo ( ) Pós-Graduação
5. Profissão: \_\_\_\_\_
6. Religião: \_\_\_\_\_
7. Visita o cemitério no Dia de Finados ( ) todos os anos ( ) de maneira irregular ( ) é a primeira/segunda vez que vem
8. Como veio ao cemitério ( ) a pé ( ) transporte coletivo ( ) automóvel/táxi ( ) caravana
9. Visita o cemitério em outros dias do ano? ( ) Não ( ) Sim. Quando?  
Explicar : \_\_\_\_\_
10. Quais túmulos visita?  
( ) Parentes. Quais? \_\_\_\_\_  
( ) Pessoas famosas. Quais? \_\_\_\_\_  
( ) Pessoas santas. Quais? \_\_\_\_\_  
( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_
11. É a primeira vez que visita o túmulo de Maria Bueno?  
( ) Sim ( ) Não. Visita com que frequência? \_\_\_\_\_
12. Por que visita o túmulo de Maria Bueno?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
13. O que você conhece da história de Maria Bueno? Se sim, fale um pouco a respeito  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
14. Como soube da história de Maria Bueno?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
15. Você pede ou espera alcançar alguma graça com a sua visita?  
( ) Sim. Por quê? \_\_\_\_\_  
( ) Não. Por quê? \_\_\_\_\_
16. Conhece alguém que já teve alguma graça/pedido atendido por Maria Bueno?  
( ) Não ( ) Sim.  
Quem? \_\_\_\_\_
17. Você fez ou fará alguma oração/prece no túmulo de Maria Bueno?  
( ) Não ( ) Sim. Quais? \_\_\_\_\_
18. Já trouxe algo para presentear/homenagear Maria Bueno?  
( ) Não ( ) Sim. O quê? \_\_\_\_\_
19. Já teve alguma graça/pedido atendido por Maria Bueno?  
( ) Não ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_
20. Por quais motivos já pediu ajuda a Maria Bueno ( ) Saúde ( ) Família ( ) Emprego ( ) Relações amorosas ( ) Pedir bens materiais ( ) Lidar com dor/sofrimento ( ) Violência ( ) Outro.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
21. O que Maria Bueno significa para você? \_\_\_\_\_
22. Maria Bueno é símbolo de (pedir para que complete a frase) \_\_\_\_\_

**Muito obrigada pela sua atenção!**